Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Antropologia Social
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

Dissertação de Mestrado

Auto-Ajuda e a Reificação da Crise da Meia-Idade

Autora: Talita Pereira de Castro
Orientadora: Guita Grin Debert

Campinas
Dezembro/2009

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP
Bibliotecária: Cecília Maria Jorge Nicolau CRB nº 3387

C179r

Castro, Talita Pereira de
Auto-ajuda e a reificação da crise da meia-idade / Talita Pereira de Castro - - Campinas, SP : [s. n.], 2009.

Orientador: Guita Grin Debert.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Livros de auto-ajuda. 2. Crise da meia-idade. 3. Meia-idade. 4. Gerações. 4. Gênero. I. Debert. Guita Grin. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.

Título em inglês: Self-help and midlife crisis reification

Palavras chaves em inglês (keywords) :
Books self-help
Midlife crisis
Midlife
Generations
Gender

Área de Concentração: Teoria Antropológica

Titulação: Mestre em Antropologia

Banca examinadora: **Guita Grin Debert, Heloisa Pontes, Mirian Goldenberg**

Data da defesa: 10-12-2009

Programa de Pós-Graduação: Antropologia Social

C1
RP 165

AUTO-AJUDA E A REIFICAÇÃO DA CRISE DA MEIA-IDADE

TALITA PEREIRA DE CASTRO

Dissertação apresentada ao Departamento de Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social sob orientação da Profa. Dra. Guita Grin Debert.

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 10/12/2009.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Guita Grin Debert (Presidente)

Profa. Dra. Heloísa André Pontes (IFCH-UNICAMP)

Profa. Dra. Mirian Goldenberg (UFRJ)

Suplentes

Profa. Dra. Maria Filomena Gregori (IFCH-UNICAMP)
Profa. Dra. Maria Conceição da Costa (IG-UNICAMP)

Campinas
Dezembro/2009

Agradecimentos.

Esta pesquisa contou com o financiamento de duas agências: Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – e FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Agradeço o apoio das duas, imprescindível para a realização deste trabalho.

Agradeço aos professores e funcionários do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas pela recorrente inspiração e paciência. E, mais especificamente, ao corpo docente e discente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social pelo adorável clima familiar.

Agradeço aos colegas do grupo de orientação e também aos companheiros da turma de Mestrado do PPGAS ingressante em 2007 pela leitura atenta e criteriosa do meu trabalho e pelo privilégio do debate acadêmico leve e, ao mesmo tempo, denso.

Agradeço também o PPGAS, nas figuras do Prof.º Dr.º Ronaldo Rômulo de Almeida – seu atual coordenador – e de Maria José – sua secretária – pela contínua confiança, mesmo quando as coisas já pareciam ter saído de controle.

Agradeço à Prof.ª Dr.ª Guita Grin Debert por ter despertado em mim, ainda em 2003, o gosto pela antropologia, pela doçura com que sempre me tratou desde então e pela confiança na orientação deste trabalho, desde 2007. Sem sua dureza mas também carinho este trabalho certamente não teria sido realizado. Seus comentários, seus textos e suas aulas são uma contínua e genuína fonte de inspiração a todos que têm a oportunidade de desfrutá-los.

Agradeço profundamente à família que construí ao longo desses oito anos de universidade: Bárbara Castro, Carol Cavazza, Carol Parreiras, Glaucia Destro, Mariana Marques Pulhez, Nathalia Cristina Oliveira, Vanessa Ortiz e Vitor Queiroz. São vocês meus verdadeiros e indeléveis encontros.

Agradeço à minha família – irmão, cunhada, tias e primos – pelo apoio. A uma família em especial – Edna Bernardes, seu companheiro João e seu filho Guilherme –, pela doce acolhida, em março de 2002. E especialmente aos meus pais, Helena Pereira de Castro e Carlos Osvaldo Alves de Castro, pelos inúmeros sacrifícios que fizeram pela filha estudiosa e por terem sempre aceitado, com um sorriso no rosto, os desafios que a carreira intelectual projetou e continua a projetar neste lar.

Resumo.

Tendo em vista processos contemporâneos de negação da velhice, multiplicação das marcas identitárias e exaltação da juventude como valor, proponho uma análise da forma como a crise da meia-idade aparece em publicações de auto-ajuda nacionais. Dada a centralidade das imagens do lobo e da loba para caracterização de mais esse período da vida adulta, no Brasil, nestas concentro meus esforços analíticos. O esforço é pela apreensão das alterações que as inflexões de gênero trazem para a configuração da meia-idade nessa mídia. De um lado, a construção da imagem de um homem frágil e infantilizado e, de outro, a de uma mulher poderosa, que continua a seduzir, a despeito das transformações físicas que marcam o período. A partir do referencial teórico da sociologia das emoções e do cuidado, e das discussões sobre gerações, proponho uma reflexão sobre as expectativas sócio-emocionais para essa fase da vida.

Abstract.

Considering the contemporary processes of denying aging, the variety of identity branding and the elevation of youth as value, I propose an analysis as per how the midlife crises is portrayed in brazilian self-help books. Taking into account the concentration on the images of the male and female wolves in order to characterize this period of adult life in Brazil, this is where I focus the analysis. The effort is to capture the changes that the gender deviations bring to define the midlife in this kind of media. Men are seen as fragile and childish. On the other corner, women are seen as powerful and seductive, despite the physical transformations in this period of life. From the theoretical framework of sociology of emotions and care, and the generation discussions, I propose a debate on the socio-emotional expectations for this stage of life.

Índice.

Introdução. 9

Capítulo 1:
"A auto-ajuda é o ópio da nossa era"? 34

Capítulo 2:
Ciências Sociais e Emoções: Sobre o Gênero do Cuidado. 90

Capítulo 3:
A Reificação da Crise e os Convites à Virada da Meia-idade. 143

Considerações Finais:
Auto-Ajuda e a Ilusão Referencial. 196

Bibliografia 206

Introdução.

Os temas que deram origem a esta pesquisa começaram a povoar minha mente em meados de 2006 quando, por motivos que escapam às justificativas acadêmicas, entrei em contato com uma vulgata da psicologia e também com exemplares de auto-ajuda. Desde então – e até mesmo antes, a partir das reflexões que já vinha fazendo como aluna da graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas –, os discursos que se referem aos chamados poderes do Eu vêm chamando minha atenção. Basicamente, desvendar a idéia de que cada um conta com uma determinada gama de recursos subjetivos que desconhece – e que pode ser entendida com uma fonte para a resolução de seus problemas – tem se colocado como um verdadeiro desafio intelectual ao longo desses anos. É, portanto, aquele tipo de curiosidade foucaultiana que guia meus esforços descritivos e, muitas vezes, maçantes, de discursos que estão tão próximos quanto se poderia imaginar:

> "É a curiosidade - em todo caso, a única espécie de curiosidade que vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: não aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo. De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir" (Foucault, 1994:13).

No entanto, a reificação discursiva de determinada concepção de subjetividade[1] só podia ser encontrada através da adição de mediações analíticas. Busco nesta introdução, além de apresentar propriamente meu tema de trabalho – as saber, a construção da crise da meia-idade em livros de auto-ajuda nacionais –, reforçar a importância que os marcadores de gênero e de idade ganharam ao longo da pesquisa, como lentes que refinaram meu olhar ao universo analisado.

Meia-Idade e o Curso da Vida Contemporâneo.

"... uma mulher de meia-idade tem
recursos que sua razão desconhece..."
(Lemos, 1996:311).

A passagem que aqui me serve de epígrafe encontra-se já no final de *Quarenta: A idade da Loba*, publicado pela jornalista carioca Regina Lemos em 1994. Seu sucesso, juntamente com o de outros produtos culturais do mesmo período, ajuda a popularizar a expressão com significado possível para determinadas experiências da meia-idade. Marcada por relevantes inflexões de gênero, a idade do lobo e da loba, descrita como momento de crise, carrega um forte potencial reflexivo e de transformações na vida de quem a vivencia. Investigar os sentidos a ela associados é o impulso de fundo deste trabalho, desenvolvido com mais detalhe ao longo de seus três capítulos. Dedico este momento inicial a um passo mais geral, discutindo as próprias possibilidades de

[1] "... por mais que, para nós ocidentais, a concepção da pessoa como um universo cognitivo e motivacional, único, e mais ou menos integrado, um centro dinâmico de percepções, emoções, juízos e ações, organizado em uma unidade distinta e localizado em uma situação de contraste com relação a outras unidades semelhantes, e com seu ambiente social e natural específico, nos pareça correta, no contexto geral das culturas do mundo, ela é uma idéia bastante peculiar." (Geertz, 1999:90 – 91)

emergência de um discurso específico sobre este momento da vida madura, o da meia-idade. Trata-se de tomá-lo como expressão de processos relativamente recentes de complexificação e prolongamento da vida adulta e também de negação da velhice[2].

A periodização da vida constitui um terreno profícuo para as ciências sociais, já que diz respeito a processos de reprodução social. Assim como as concepções gênero, o marcador geracional interessa particularmente à antropologia na medida em que revela investimentos simbólicos por sobre processos biológicos pretensamente universais. Ambos são relevantes para se pensar sobre a plasticidade cultural e sobre transformações históricas na vida em sociedade – e informam particularmente sobre as mudanças recentes no cenário brasileiro[3].

Adriana Piscitelli, em texto ainda no prelo, "Intersecionalidades, Categorias de Articulação e Experiências de Migrantes Brasileiras", faz um balanço de toda uma bibliografia nas ciências sociais que vem, desde o final da década de 1990, trabalhando a necessidade de uma perspectiva metodológica que parta da articulação entre diferentes categorias de análise. A busca pelas intersecionalidades vem de um esforço pelo refinamento da compreensão da realidade social, constituída por muitas nuances. Tomando alguns desenvolvimentos do pensamento feminista como base, Piscitelli coloca o gênero cada vez mais como um tipo de diferença entre outros, com os quais sempre deve ser visto de maneira relacionada e não como grande e absoluto foco da atenção.

[2] Debert, 1999a:227.
[3] Debert, 1999a:41.

A proposta deste trabalho pode, portanto, inserir-se neste movimento na medida em que busco construir meu argumento sempre a partir do jogo entre as diferenças e imagens de gênero e de geração, buscando compreender como estas duas forças constroem as figuras do lobo e da loba no contexto nacional.

Falo aqui mais especificamente da idade. Tomá-la como um construto sócio-histórico-cultural implica em considerá-la como um importante operador para a produção de diferenças e classificações entre as pessoas. Trata-se, portanto, de suspender e relativizar as fronteiras etárias e geracionais para compreendê-las a partir de pressupostos imanentemente comparativos: a saber, como criações arbitrárias e particulares, que podem e devem ser investigados através de pesquisas pontuais – como esta se apresenta.

Faz-se necessário, talvez, iniciar estas reflexões com um apontamento acerca das especificidades da idade cronológica como marcador geracional. Guita Grin Debert, em *A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento*, de 1999, inspirada em Meyer Fortes, faz alguns comentários sobre diferentes categorias utilizadas em diferentes épocas e por variados grupos sociais para expressar a forma como a passagem do tempo na vida das pessoas e da sociedade é conceitualizada. A idéia é alertar para as diferentes possibilidades de organização dessa experiência: idade cronológica, estágios de maturidade, geração, ordem de nascimento e grupos de idade, entre outros, traduzem a diversidade etnográfica encontrada em pesquisas antropológicas nas questões relativas ao amadurecimento[4]. Ao passo em que a noção de idade cronológica está praticamente ausente em contextos não-

[4] Debert, 1999a:46.

ocidentais, em nossa sociedade ela é a categoria determinante para a atribuição de diversos significados, desde demandas políticas até a definição de papéis e possibilidades sociais. E é a idade cronológica que, em contexto contemporâneo, melhor exprime a forma como o curso da vida é pensado, de acordo com a linha de argumentação aqui seguida.

Em "O Curso de Vida como Perspectiva de Análise do Envelhecimento na Pós-Modernidade", texto de 2000, Ana Zahira Bassit discorre sobre a emergência relativamente recente do *curso da vida* como um conceito heurístico neste campo de estudos. Para tanto, diz que a compreensão das formas através das quais a vida vem sendo periodizada atualmente depende de um olhar para o passado. Bassit aciona então grandes marcos temporais, exagerados como tipos ideais, para se pensar em modelos de sociabilidade distintos: tradição, modernidade e pós-modernidade. A idéia central é tomar essas passagens como índices de diferenciação social: de um contexto mais marcado por repetições, ao qual a perspectiva do *ciclo de vida* melhor se adequaria, para um incremento em processos de individuação, que passam pela construção da idade cronológica como marca social determinante.

Anthony Giddens, em *Modernidade de Identidade*, de 2002, diferencia as duas concepções, *ciclo de vida* e *curso de vida*, a partir do que chama de abertura da auto-identidade em contextos modernos:

> "A auto-identidade constitui para nós uma trajetória através das diferentes situações institucionais da modernidade por toda a duração do que se costumava chamar de 'ciclo de vida', um termo que se aplica com maior precisão a contextos não-

> modernos que aos modernos. Cada um de nós não apenas 'tem', mas vive uma biografia reflexivamente organizada em termos do fluxo de informações sociais e psicológicas sobre possíveis modos de vida. A modernidade é uma ordem pós-tradicional em que a pergunta 'como devo viver?' tem tanto que ser respondida em decisões cotidianas sobre como comportar-se, o que vestir e o que comer – e muitas outras coisas – quanto ser interpretada no desdobrar temporal da auto-identidade" (Giddens, 2002:20 – 21).

Importa aqui frisar a idéia de que o ciclo de vida, com as necessárias repetições que o termo evoca, deixa de fazer sentido em contextos não-tradicionais, aonde diferentes fases da vida vão se institucionalizando. Philippe Ariès e Norbert Elias mostram como, por exemplo, a infância vai sendo criada como um momento específico na vida das pessoas e a vida adulta ganha contornos específicos, marcados pelos ideais de responsabilidade e de crescente controle emocional[5]. A perspectiva é a de que as pessoas vão atravessando de forma cada vez mais individual estes diferentes estágios em suas vidas, por isso a concepção de *curso* da vida ganha precedência sobre a idéia de ciclo.

No entanto, se as instituições modernas se caracterizam pela criação e acentuação de diferenças etárias – entre crianças e adultos, jovens e velhos, para citar alguns exemplos –, a literatura de auto-ajuda analisada, como vou mostrar, tenderia à dissociação entre idade cronológica e determinados estilos e/ou comportamentos, bem como a um embaçamento das diferenças físicas que até muito recentemente pareciam marcar as fronteiras entre a jovem idade adulta e a

[5] Debert, 1999a:43 – 44.

velhice. No entanto, é interessante notar como isso se dá através da fixação de novas marcas, como argumento no final deste trabalho.

Recentemente a revista semanal *Veja* dedicou trinta e seis páginas de seu conteúdo e a capa a um especial sobre a chamada 'geração sem idade': formada por “homens e mulheres que já passaram dos 40 ou 50 anos, gozam de boa saúde, disposição e acreditam que os hábitos de vida e a forma de se expressar não devem se atrelar à idade, mas à personalidade de cada um”. Já na capa revela-se um padrão seguido ao longo de todo o texto: a apresentação de seus personagens se dá através de uma foto e uma legenda que sempre informa sobre a idade cronológica. Se a capa da edição, por exemplo, traz os rostos da modelo Daniella Sarahyba e de sua mãe, Mara Lúcia Sarahyba, quase como um contínuo de beleza e vitalidade, não deixa de marcar a distância cronológica de mais de vinte e cinco anos entre as duas, de certa forma coroando a segunda, que ‘parece ter parado de envelhecer’.

Pensar nas transformações sócio-históricas destas classificações etárias torna imprescindível a pesquisa detida sobre os focos de produção dos sentidos que tornam inteligível o curso da vida adulta. Nesse sentido, a investigação de instituições – tais quais o Estado ou a mídia – de saberes e práticas sociais complexifica a compreensão da forma como a nossa sociedade vem organizando essas experiências, a partir de marcadores tais quais idade e gênero. Trata-se também de relativizar e politizar os discursos que constroem determinadas temáticas como problemas político-sociais e também questões da moda, por assim dizer. Uma postura eminentemente etnográfica, portanto, não se contenta

com as comuns justificativas demográficas à questão da velhice no Brasil, por exemplo.

Fora esse tipo de motivação que acabou revelando como a gerontologia, forte centro produtor de representações sobre o envelhecimento na contemporaneidade, também opera com princípios de construcionismo simbólico em oposição a determinismos de ordem biológica. Como nos mostram os trabalhos de Debert e de Lawrence Cohen, este campo de conhecimentos se estabelece como um saber legítimo a partir da criação de um objeto de reflexão e intervenção que depende de ressignificações em relação às imagens depreciativas do envelhecimento[6], fortemente marcadas pela decadência do corpo e de suas habilidades cognitivas. O idoso da gerontologia – e também de diversos programas e políticas sociais – parece se construir com a inversão de valores potencialmente negativos[7] no sentido da exaltação das possibilidades de uma vida gratificante, saudável e produtiva para aqueles que contam mais anos de idade.

O interesse pelo idoso como objeto de políticas públicas e a formação de novos mercados de consumo foi acompanhado pela criação de etapas intermediárias entre a vida adulta e a velhice, como é o caso da constituição dos "lobos" e "lobas". Essa expressão tipicamente brasileira, datada de meados da década de 1990, marca um processo mais individualizado e reflexivo, no qual prevalece a insistência na sensação de que as coisas dependem cada vez mais apenas dos indivíduos e da sua capacidade de escolha[8]. Ser e/ou sentir-se velho

[6] Cohen, 1998:66.
[7] Debert, 1999a:61; Debert, 2004; Featherstone & Hepworth, 2000:112.
[8] Expressão brasileira que caracteriza um processo mais geral, comentado por Giddens: "O pano de fundo é o terreno existencial da vida moderna tardia. Num universo social pós-tradicional,

parece estar cada vez menos condicionado à data de nascimento e a doença e o declínio físico, até então fortemente associados a esse momento da vida, passam a ser pensados como conseqüência de determinados comportamentos, de certa atitude da pessoa perante a vida.

É nesse sentido que, como pretendo mostrar, o caráter empoderante da construção do lobo e da loba carrega em si uma dimensão perversa. Ultrapassar a crise da meia idade, construída quase que como uma realidade inexorável, é responsabilidade individual. A revisão de alguns estereótipos acaba se transformando na produção de outros, talvez mais cruéis, na medida em que oportunidades para a construção e vivência de experiências mais gratificantes de envelhecimento – estilos de vida, tecnologias para rejuvenescimento, mercados de consumo – não estão distribuídas igualitariamente na sociedade[9]. A valorização da diversidade de experiências possíveis acaba se traduzindo como desigualdade social[10]. As pesquisas antropológicas sobre as diferenças geracionais nos alertam,

---

organizado reflexivamente, permeado por sistemas abstratos, e no qual o re-orndenamento do tempo e do espaço re-alinha o local com o global, o eu sofre mudança maciça. A terapia, inclusive a auto-terapia, tanto exprime a mudança como fornece programas de efetivá-la em termos de auto-realização. No nível do eu, um componente fundamental da atividade do dia-a-dia é simplesmente o da *escolha*. Obviamente nenhuma cultura elimina inteiramente a escolha dos assuntos cotidianos, e todas as tradições são efetivamente escolhas entre uma gama indeterminada de padrões possíveis de comportamento. Mas, por definição, a tradição, os hábitos estabelecidos, ordena a vida dentro de canais relativamente fixos. A modernidade confronta o indivíduo com uma complexa variedade de escolhas e ao mesmo tempo oferece pouca ajuda sobre as opções que devem ser selecionadas." (Giddens, 2002:79)

[9] O que ocorre com a construção da velhice pela gerontologia está também presente na construção da meia-idade: "A sociedade brasileira é hoje muito mais sensível e tem aberto espaços para que experiências inovadoras de envelhecimento possam ser vividas. O sucesso dessas experiências não pode dissolver os dramas da velhice no descuido de alguns que foram impossibilitados de experimentar esses novos espaços, adotando estilos de vida e formas de consumo adequadas. No curso da vida pós-moderno, especialmente quando está em jogo a velhice avançada, estão envolvidos processos de acirramento de hierarquias e a criação de novos padrões de desigualdades e intolerância" (Debert, 1999c:82).

[10] Diversidade e desigualdade são duas possibilidades para se pensar a diferença como uma categoria analítica, como coloca Adriana Piscitelli, em um texto, ainda no prelo, onde recupera a história recente dos esforços dinâmicos de articulação entre marcadores sociais.

portanto, para os limites de posturas radicalmente construcionistas, como tem se mostrado as que sustentam os saberes gerontológicos contemporâneos.

Como colocam Mike Featherstone & Mike Hepworth, em "Envelhecimento, Tecnologia e o Curso da Vida Incorporado", publicado em 2000, a ascensão das tecnologias contemporâneas que possibilitam o prolongamento da vida são, muitas vezes, acompanhadas de um medo crescente em relação à velhice[11]. Novas etapas são, portanto, criadas e diferentes imagens e discursos dão conta de uma vida adulta cada vez mais nuançada[12].

Gail Sheehy, em *Passagens: Crises Previsíveis da Vida Adulta*, apresenta uma visão nuançada da vida adulta que acabou se popularizando em outras publicações. Para Sheehy, a vida segmenta-se em quatro períodos sucessivos: os vinte (chamados de penosa destruição das raízes), os trinta, os quarenta (o enraizamento e a expansão) e a chamada década fatal, os cinqüenta. Não mais identificada como decadência rumo à senectude, a vida adulta encarna um momento privilegiado positivamente para renovações e resignações, já que

> "... todos nós temos chance de moldar novamente a estreita unidade com a qual nos definimos na primeira metade da vida. (...) Desfazendo o nosso eu, podemos vislumbrar a luz e juntar nossas partes de novo, construindo uma nova personalidade" (Sheehy, 1979:43).

Quando Regina Lemos diz que a mulher na meia-idade não conhece todos os seus recursos, como transcrito no início deste segmento de texto, ela está se

[11] Featherstone & Hepworth, 2000:111.
[12] Debert, 1999a:63.

referindo a uma concepção sobre a vida adulta que se distancia de sentidos associados à morte e à finitude para se referir a descobertas, novidades e recomeços. A loba tem diante de si aquilo que antes, talvez, só pudesse ser desfrutado por jovens. A meia-idade surge, portanto, como um momento da vida adulta cujos significados podem ser interpretados à luz das possibilidades proporcionadas pela relativa abertura do curso da vida na pós-modernidade. Abordo, no próximo momento do texto, momentos da emergência dos termos *lobo* e *loba*, que se popularizaram no Brasil na década de 1990, como significados possíveis para esse período da vida. A idéia é remetê-los ao modo como a concepção de geração pode ser compreendida em contextos atuais.

De lobos e lobas:
Sobre a Concepção Contemporânea da Geração.

A expressão *o homem na idade do lobo* é cunhada no cenário nacional por Elyseu Mardegan Jr., em seu primeiro livro, homônimo, publicado em 1993. O livro é fruto da sua pesquisa de Mestrado, desenvolvida na Pós-Graduação em Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo. Mardegan Jr. estudou a chamada crise da meia-idade que afetava fortemente os empresários e profissionais liberais por volta dos quarenta, cinqüenta anos de idade[13]. A expressão em si não constava nos originais de seu trabalho: foi sugestão de uma agente da editora que, após assistir a cerimônia de defesa acadêmica do texto, um ano antes, o convidara a transformar seu conteúdo em

[13] Mardegan Jr. fez pesquisa qualitativa, utilizando-se fortemente de entrevistas semi-estruturadas, para a redação da sua dissertação de mestrado.

um livro de circulação para o grande público. Segundo o autor, trata-se de uma imagem forte para se referir às transformações no comportamento daquele que enfrenta as tensões típicas da meia-idade, como expresso em uma passagem já de seu segundo livro:

> "Porque [sic] Lobo? Basicamente, a associação com o lobo se deve ao fato de que este é um animal vigoroso, veloz e resistente, quando jovem. Anda e caça em conjunto sempre durante toda a noite, mas ao envelhecer, abandona a alcatéia e torna-se solitário. A esta altura, quando sai à caça, o lobo solitário costuma soltar um uivo peculiar, meio lamento, meio ladrido, que produz calafrios em quem ouve. A comparação, portanto, se resume apenas no fato de que ambos mudam seu comportamento a partir de certa idade, momento este totalmente imprevisível..." (Mardegan Jr., 1997:20).

Em 1994 a jornalista carioca Regina Lemos publica o seu *Quarenta: A Idade da Loba*. Ela contava então quarenta e cinco anos de idade e diz, nas últimas páginas do livro, que esse trabalho, fruto da crise da meia-idade que atravessava, fora esteio decisivo para que esta se dissipasse: "... e foi uma solução típica da meia-idade através da criação, da realização" (Lemos, 1996:315). O livro reúne noventa e sete entrevistas-depoimentos de mulheres em torno da chamada crise da meia-idade: ou estavam por atravessá-la, ou a estavam vivenciando naquele momento, ou por ela já haviam passado. Os depoimentos são intercalados por comentários da autora sobre as próprias falas, sobre dados demográficos e pesquisas cientificas, filmes e livros que tratam das questões que seriam próprias à experiência dessas mulheres, apresentadas em suas falas. A narrativa da própria autora encerra o trabalho, dando o testemunho da sua própria crise da meia-idade. São estas algumas das palavras da sua Apresentação:

> "Os depoimentos dessas 96 mulheres, e o meu próprio, que é o 97º, apresentam 97 maneiras de viver a crise da meia-idade e todas as questões relacionadas – o mito da beleza jovem, cuidados com o corpo, com a saúde, sim ou não à plástica, hormônios, maternidade, espiritualidade, as perdas, o estigma da velhice e o medo da morte, sexo e sedução –, sem conselhos nem fórmulas, mas em toda a sua diversidade e originalidade. Todos eles juntos desenham um panorama da história feminina de vanguarda no Brasil, mostrando as muitas possíveis origens, a formação e a experiência dessas mulheres que estão hoje influenciando a cultura e formando novas gerações" (Lemos, 1996:22).

Os dois títulos foram sucesso de vendas no país[14,] o que teria impulsionado, no caso de Mardegan Jr., a publicação de um segundo volume sobre o assunto, em 1997. Diferentemente do primeiro livro, que trata mais de questões profissionais, até por estar mais colado ao trabalho acadêmico, *Homem 40 Graus: A Hora do Lobo* dá atenção especial às relações pessoais do homem de meia-idade. E isso tem uma razão de ser. Uma das motivações para a empreitada fora a quantidade de relatos que o autor recebera, grande parte destes através de cartas, de familiares e amigos de homens em crise. Em entrevista, o autor me relatou que a maioria das manifestações vinha de esposas, narrando experiências e situações que ele havia esboçado no primeiro livro, quase que por intuição – dada a parca bibliografia existente sobre o assunto naquele momento e as amarras acadêmicas que, digamos assim, o impediam ate então de abstrair dos rigores da metodologia científica. São as vozes destas esposas que personificam os insights do autor e que lhe deram mais provas, como ele me

[14] *A Idade do Lobo* vendeu mais de duzentos mil exemplares, segundo seu próprio autor. O livro de Regina Lemos alcançou mais de quinze edições. Sua editora, no entanto, não me soube informar os números relativos aos exemplares vendidos.

disse, da *real* existência da chamada crise da meia-idade masculina – coisa que até então não devia estar estabilizada na bibliografia[15].

Dois anos antes, em meados de 1995, a Rede Bandeirantes de Televisão, em co-produção com a TV Plus, exibe a novela *Idade da Loba*, escrita por Alcione Araújo e Regina Braga, dirigida por Jaime Monjardim, e que tinha como protagonistas as atrizes Fátima Freire e Betty Faria. O folhetim narrou a saga de uma mulher que transforma radicalmente a sua vida já na maturidade: após a morte do marido, ela sai de uma cidade pequena, onde vivera até então, para galgar realizações pessoais (afetivas e profissionais) em uma grande metrópole[16].

As expressões, que ganham corpo em produtos culturais relativamente próximos são, no entanto, atravessadas por fortes inflexões de gênero que marcam distintamente os significados que elas expressam para a experiência da meia-idade de homens e mulheres. É, portanto, na ação entre dois marcadores sociais da diferença, gênero e gerações, que as imagens do lobo e da loba erigem-se como símbolos para o momento de crise – reificado através de diferentes estratégias lingüístico-textuais[17] – através do qual esse momento da vida vem sendo pensado. Um dos principais objetivos deste trabalho, portanto, é destacar tais clivagens que apontam, de um lado para uma valorização de padrões mais individualistas e, de outro, para uma atualização de valores e posições mais tradicionais, tais quais o da família e a da esposa, respectivamente.

[15] Estas questões, e as implicações que trazem para a análise de gênero dos volumes selecionados, serão retomadas no final do segundo capítulo desta dissertação.
[16] Cf. http://www.teledramaturgia.com.br/loba.htm.
[17] Entre estas o uso de metáforas ou da sua tomada como categoria de causalidade, que serão retomadas oportunamente, no terceiro capítulo deste trabalho.

E fica, talvez, como pano de fundo, uma reflexão sobre a própria forma como a noção de geração constrói-se nestes discursos sobre meia-idade que aqui abordo. Para isso, retomo a bibliografia que aqui me serve de contraponto teórico e que aponta para uma diferenciação radical entre os referenciais tradicionais e modernos de sociabilidade. Se num cenário não-moderno seu uso evoca repetição e uma espécie de renovação cíclica, no momento atual parece constituir-se cada vez mais na idéia de uma comunidade de pessoas tendo em comum certo compartilhar de experiências similares, em determinada época de sua vida.

Nesse sentido, a chamada *idade da loba*, como pretendo demonstrar ao longo deste trabalho, aciona lembranças, práticas e significados associados a um grupo de mulheres que viveu uma época de intensas transformações sociais provocadas seja por um avanço nas lutas e nas conquistas de movimentos feministas ou pelo desenvolvimento econômico do país. O ideário de um protagonismo social dessa geração, ou seja, da imagem desse grupo de mulheres que chegou à meia-idade em meados da década de 1990, é matéria recorrente na produção analisada e será retomado mais à frente, em suas especificidades discursivas. Cito, apenas para exemplificar o que venho chamando a atenção, um trecho inicial do capítulo do livro de Lemos onde ela discute a questão da maternidade:

> "Seja qual tenha sido o caminho que percorremos *nesta geração libertadora* – o antigo, o da negociação ou o da vanguarda –, a maioria de nós teve filho" (Lemos, 1996:254 – grifos meus).

E, quase em sentido inverso, a *idade do lobo*, talvez de maneira não tão marcada, evoca a experiência de homens amedrontados e em crise pela sensação de certa inadequação dos modelos esperados de masculinidade com os rumos da sociedade contemporânea. Os livros se referem freqüentemente à idéia das diferenças geracionais e suas implicações para o convívio familiar ou até mesmo para projeções e expectativas de vida futura. Acionam e reproduzem, portanto, esta concepção de que pessoas nascidas e vividas em diferentes épocas diferenciam-se entre si e formam uma relativa comunhão entre seus pares.

Feitas tais observações mais gerais – e não simplesmente teóricas, já que teoria também se produz nas especificidades da etnografia –, dedico os próximos segmentos desta Introdução a apontamentos de ordem mais metodológica, concernentes à elaboração desta pesquisa: um sobre os procedimentos de recorte do material analisado e outro sobre a estruturação desta dissertação.

***

> "O público que compra livros é um segmento muito pequeno de qualquer sociedade. Mas é altamente influente..." (Ferguson, 2003:234)

A assertiva em questão faz parte do romance *Ser Feliz®*, do canadense Will Ferguson, que será abordado em mais detalhe no primeiro capítulo desta dissertação, e me serve, de certa forma, de estímulo para o tipo de etnografia aqui

registrado[18]. Como já colocado, trata-se de uma análise qualitativa do conteúdo de livros de auto-ajuda e não de uma pesquisa de recepção. Como coloca Tania Salem em *Manuais Modernos de Auto-Ajuda: Uma Análise Antropológica sobre a Noção de Pessoa e suas Perturbações*, de 1992, não se trata aqui de um estudo sobre o impacto desta literatura por sobre seus consumidores[19], mas sim de um olhar por sobre os significados acionados por esta produção cultural. Sendo um dos principais objetivos deste trabalho uma compreensão mais específica daquilo que, quando da formulação inicial do projeto desta pesquisa, eu vinha chamando simples e genericamente de subjetividade contemporânea, o primeiro esforço foi no sentido das mediações. O exercício de amadurecimento do próprio objeto levou-me ao necessário recorte do material ao qual me debrucei ao longo da pesquisa. A busca pelas especificidades de determinadas imagens sobre a vida adulta de homens e mulheres brasileiros me levou a aplicar três principais filtros na seleção dos exemplares analisados, cuja forma de apresentação aqui não significa necessariamente uma progressão temporal nem uma ordem de

[18] A passagem continua, fazendo referência ao estrondoso sucesso que obteve "o livro de auto-ajuda definitivo" (Ferguson, 2003:39), principal mote da trama de Ferguson: "O público que compra livros é um segmento muito pequeno de qualquer sociedade. Mas é altamente influente, e foi justamente essa a chave da catástrofe. Essa categoria de pessoas, que o autor Roberton Davies chamou de *clerisy*, literatos, compreende as que lêem livros por prazer. Não os críticos profissionais, os acadêmicos nem os estudantes, que lêem porque têm que ler, mas gente que lê livros como um fim em si mesmo. Os leitores autênticos. A *clerisy* é o elemento crucial em qualquer mudança na sociedade, coisa que todo déspota bem-sucedido sabe. A noção de turba camponesa sublevada subvertendo a ordem social é um mito; as verdadeiras revoluções começam com a *clerisy*. É só depois que a velha ordem começa a ruir que a turba aparece, de forcado na mão, pronta a assumir o crédito. A 'turba enfurecida' é uma entidade reativa, em todos os sentidos da palavra. Não, são as pessoas que lêem livros que instigam as mudanças sociais – para melhor ou para pior" (Ferguson, 2003:234).

[19] "Antes, partindo do pressuposto de que a literatura expressa uma lógica cultural que em muito a ultrapassa, o intuito é depreender o modo como aí são tematizados a pessoa, a origem de suas perturbações e a superação das mesmas." (Salem, 1992b:1)

importância. Não estou nem mesmo certa de que não sejam intercambiáveis entre si.

O primeiro critério que estabeleci foi o de buscar livros catalogados como auto-ajuda pelo próprio mercado editorial. Respeitar estas classificações internas me trouxe reflexões que acabaram dando origem às discussões apresentadas no primeiro capítulo desta dissertação: a saber, o que é propriamente auto-ajuda? O que se entende historicamente por este tipo de rótulo e como seus atores acionam e circulam entre tais significados? O segundo critério utilizado foi a origem das publicações: busquei trabalhar apenas com produções nacionais, dados os limites de tempo atuais de uma pesquisa de Mestrado e também meu interesse na compreensão de especificidades dos discursos produzidos por um gênero de escritura bastante amplo. Compreender a penetração e os significados associados a esta produção em outros contextos nacionais e culturais – e levar em conta, portanto, a dimensão da tradução destes – seria expandir demasiadamente os propósitos desta que foi minha primeira incursão ao tema e fica, talvez, como um estímulo para uma possível continuidade deste trabalho. Por fim, foquei-me especificamente nos livros que se dirigem a adultos e que problematizam a questão geracional, ou seja, a reflexão sobre o desenvolvimento humano. E há de se frisar uma coisa: ainda que estas divisões internas ao campo da auto-ajuda não estejam muito bem delimitadas – e, como abordo no primeiro capítulo, nem mesmo esta terminologia é tão estanque quanto possa parecer –,

os títulos dirigidos a este tipo de problemática constituem boa parte da oferta existente do gênero[20].

A reunião destes critérios como lentes na consideração dos exemplares me levou, ainda no começo da pesquisa, a erigir a categoria de crise e as imagens de *lobo* e *loba* quase como nós das teias de significados, para usar a expressão de Geertz[21], a que me propus a desvendar. E foi com base nessa triagem inicial que fui selecionando os volumes que serviram de guia às reflexões apresentadas neste trabalho.

Os títulos de Elyseu Mardegan Jr. e Regina Lemos, pela posição pioneira e determinante que ocupam no cenário editorial analisado, me serviram de referencial e de ponto de apoio para a pesquisa e também para a redação deste trabalho. Os temas que abordam, as imagens do lobo e da loba e as próprias publicações são referências não só nos trabalhos acadêmicos mas também nos outros títulos catalogados como auto-ajuda que tratam do assunto que selecionei para a pesquisa. São eles, em ordem de publicação, começando pelos já comentados:

MARDEGAN JR, Elyseu. 1994 [1993]. *A Idade do Lobo*.

LEMOS, Regina. 1996 [1994]. *Quarenta: A Idade da Loba*. 11ª ed.

FONTES, Mariana C. O., PEREIRA, Maria L. C. & PIMENTEL, Regina M. C. 1994. *Mulher 40 Graus á Sombra: Reflexões Sobre a Vida a partir dos 40 Anos*.

MARDEGAN JR, Elyseu. 1997. *Homem 40 Graus: A Hora do Lobo*.

[20] Agradeço ao colega de Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Unicamp, Mauro Brigeiro, pelo alerta sobre este ponto.
[21] Geertz, 1989:15.

REIS, Léa Maria Aarão. 1999. *50/60 Anos. Além da Idade do Lobo: A Vitalidade da Segunda Juventude*.

PAIVA, Miguel. 2001. *Sentimento Masculino: Manual de Sobrevivência na Selva, 1ª Expedição*.

QUEIROZ, Rosane. 2004. *Só: Dores e Delícias de Morar Sozinha*.

TIBA, Içami. 2004. *Homem Cobra Mulher Polvo: Entenda as Diferenças e Seja Muito Mais Feliz*.

FRANCO, Andrea. 2008. *40 Sim! E Daí? Um Guia de Qualidade de Vida para as Mulheres Depois dos 40 Anos*.

Nem todos os títulos são referenciados no texto, como ficará claro ao longo dos capítulos. No entanto, todos me forneceram importantes subsídios para a reflexão sobre os temas abordados. O trabalho de Gail Sheehy, *Passagens: Crises Previsíveis da Vida Adulta*, publicado em 1974, ainda que fuja de um dos critérios anunciados acima, já que é uma produção estadunidense, também me serve de referência e já foi até mesmo citado nesta Introdução. A idéia de uma vida adulta cada vez mais nuançada, complexa e prolongada, que ele anuncia já na década de 1970 para um público grande de pessoas, me parece ser um horizonte para o tipo de reflexão proposto pelos autores nacionais pesquisados.

O plano inicial de trabalho previa a leitura e análise de conteúdo destes textos. No entanto, devido sobretudo aos questionamentos que me surgiram a respeito das classificações do mercado editorial, passei a investir em um contato

com os autores dos livros analisados. Obtive algum sucesso nesta empreitada: consegui uma entrevista com Elyseu Madegan Jr. e conversas via correio eletrônico com as autoras de *Mulher 40 Graus á Sombra: Reflexões Sobre a Vida a partir dos 40 Anos* e *40 Sim! E Daí? Um Guia de Qualidade de Vida para as Mulheres Depois dos 40 Anos*[22]. Foi este material – textos e diálogo com os autores –, portanto, que constituiu o campo desta pesquisa e que me deu bases para a redação desta dissertação.

O texto estrutura-se em três capítulos, relativamente independentes entre si. No primeiro deles, intitulado "'A auto-ajuda é o ópio de nossa era'?", faço uma discussão sobre as possíveis relações existentes entre a produção de auto-ajuda e conhecimentos psis, já que a bibliografia das ciências sociais sobre esta produção cultural costuma fazer tal associação. O título é uma passagem do romance de Ferguson já citado, q me serviu de forte inspiração para a redação deste trabalho. A idéia de fundo é tentar suspender a categoria auto-ajuda em si mesma para compreender os significados a ela associados e seu próprio estatuto no contexto contemporâneo. O debate me leva a fazer algumas considerações sobre o tipo de subjetividade posto em jogo por essa literatura atualmente, tendo como parâmetro considerações sobre a constituição deste gênero de escritura ao longo do século XX.

O segundo capítulo, "Ciências Sociais e Emoções: Sobre o Gênero do Cuidado", traz uma discussão, como o próprio título anuncia, sobre as dimensões

[22] Fica apenas registrado que Regina Lemos faleceu aos quarenta e sete anos de idade, dois após a publicação de seu livro, num acidente aéreo de grandes proporções em 1996 que ficou conhecido como a Tragédia do Fokker 100 da TAM, companhia aérea que fazia a ponte aérea entre Rio de Janeiro e São Paulo. Segundo matéria da época, da Revista *Istoé*, ela planejava a redação de um outro exemplar, "sobre os sentimentos masculinos" (http://www.terra.com.br/istoe/politica/141433.htm).

de gênero constituintes dos discursos sobre o cuidado enquanto disposição afetiva feminilizada. Como argumento ao longo do texto, boa parte das referências acadêmicas sobre auto-ajuda alerta para a feminização de seu público-alvo. De certa forma, também o meu campo me mostrou elementos neste sentido. Minhas sugestões para a compreensão destes traços passam, nesse sentido, por uma reflexão sobre as concepções de masculinidade e de feminilidade constituintes dos significados associados a disposições afetivas. Penso, para citar um importante exemplo deste trabalho, no cuidado – de si e de outros.

Encerro o capítulo com uma discussão bastante importante para este trabalho, que diz respeito a outra forte tendência nos estudos acadêmicos sobre auto-ajuda. É recorrente a associação entre produção cultural e um modelo típico-ideal de compreensão da realidade que opõe a contemporaneidade a um tipo de sociabilidade propriamente tradicional, marcada pela força do habito. O incremento institucional à reflexividade, aos processos de auto-inquérito e de dúvida, são apresentados como índices de uma derrocada de padrões morais, sustentados sobretudo por instituições tais como a família e a religião. A idéia é a de que estas forças estariam perdendo intensidade no contexto contemporâneo – ou, pelo menos, passando por transformações. A auto-ajuda figura neste tipo de pensamento como uma expressão típica da valorização de sentimentos e comportamentos pautados cada vez mais por uma avaliação individual, crescentemente libertada das amarras dos referenciais externos. No entanto, o que encontrei com meu material de pesquisa, para além da reificação de um padrão de subjetividade bastante auto-referenciado – como abordo no primeiro capítulo –, é uma forte reatualização destas estruturas e relações supostamente

em vias de superação. A família e, sobretudo, o par conjugal, necessariamente heterossexual, com todas as suas dissimetrias e desigualdades, aparecem com força nesta produção, muitas vezes como a melhor via para a resolução dos problemas subjetivos dos envolvidos. A figura da loba traz os fortes tons do cuidado feminilizado em sua constituição: seja para dar conta da sua própria crise ou para auxiliar o marido, vivendo a chamada idade do lobo.

O terceiro e último capítulo do trabalho, "A Reificação da Crise e os Convites à Virada da Meia-Idade", traz uma reflexão mais centrada nos textos e na forma como estes, principalmente os trabalhos de Mardegan Jr. e Lemos, constroem os significados associados à idéia de crise da meia-idade. Diferentes estratégias são acionadas por seus autores na tarefa de reificação da crise como uma categoria explicativa, como um significado evidente para determinado período da vida de diferentes pessoas. Falas de especialistas – sobretudo da área da saúde – e de leigos, diferentes figuras de linguagem e até mesmo a negação da crise são alguns dos recursos utilizados para dar conta de uma empreitada relativamente circular de abordagem de algo que se supõe ser conhecido.

Certa feita, a antropóloga Marilyn Strathern definiu cultura a partir de procedimentos de associação:

> "A cultura, como sabemos, consiste na forma como são estabelecidas analogias entre as coisas; ou, por outras palavras, na forma como certos pensamentos são utilizados para formular outros" (Strathern, 1991:1013).

É partindo deste tipo de colocação que esta pesquisa se coloca como uma investigação cultural, já que busca as associações significativas que constituem a

idéia de crise da meia-idade. Especificamente neste último capítulo procuro diferenciar os significados associados às crises de homens e mulheres. Se para elas parece prevalecer um modelo que estabelece continuidade entre o físico/biológico e o subjetivo, entre as transformações corporais que chegam com o avanço da idade cronológica e certa instabilidade emocional, a crise da meia-idade masculina parece constituir-se muito mais a partir de uma reflexão acerca de modelos e comportamentos tipicamente masculinos e sobre como eles afetam o exercício da masculinidade a partir de determinado ponto da vida da pessoa.

Por fim, nas "Considerações Finais", retomo os principais temas do texto com o objetivo de deixar claras as contribuições que espero fazer com este trabalho, na medida em que busco revelar discursos sobre a constituição de uma nova etapa da vida das pessoas, circulando em certo tipo de produção cultural contemporânea. O objetivo de fundo é complexificar a compreensão possível sobre o contexto atual e sobre as formas através das quais esse tipo de literatura produz identidades e significados.

Finalizo esta Introdução retomando um trabalho bastante inspirador de Sherry Ortner, intitulado "Resistence and Class Reproduction Among Middle Class Youth", de 1991. Sua análise de manuais estadunidenses para a educação de crianças e adolescentes de classe média branca lhe indicou como esse tipo de produção acaba construindo identidades que são necessariamente marcadas socialmente. Ora, esse tipo de perspectiva se encaixa perfeitamente na proposta desta pesquisa. As formas através das quais estes livros – tanto os analisados por Ortner quanto os que eu pesquisei – se estruturam revela a ação destes mediadores no campo da construção de identidade sociais. A maneira como falam

das pessoas que falam e como o fazem, como elegem seus problemas e apontam para as soluções que apontam: tudo isso diz algo sobre os recortes e expectativas de gênero e geracionais em voga na sociedade que os produziu[23]. E é sobre estas, e não simplesmente sobre uma concepção generalista de subjetividade contemporânea, que este trabalho se propõe a refletir – ainda que, é claro, parâmetros mais gerais de discussão não estejam fora de meu foco.

[23] E aqui de se fazer uma ressalva quanto ao marcador da classe social, tão importante ao trabalho de Ortner e que fica de fora da análise que proponho. A opção por uma análise de conteúdo e não por um estudo de recepção me permitiu avançar em determinados aspectos ao passo em que impossibilitou outras abordagens. A questão da classe social como importante marcador de diferenças, por exemplo, é uma das que resistem à investigação, ainda que, apoiada em determinada tradição de pensamento nas ciências sociais, eu possa vislumbrar que os livros em questão sejam consumidos por camadas médias e letradas da sociedade brasileira, mais afetadas pelo discurso psicologizante que eles propagam (Duarte & Carvalho, 2005). Ainda que a narrativa de Mardegan Jr. sobre o homem em crise, marcada por um viés profissional e de nível de consumo, e falas como a da professora francesa de literatura brasileira, entrevistada por Lemos aos quarenta e cinco anos de idade – "Agora o que eu acho em relação à questão do corpo na meia-idade, no Brasil, é que é uma questão de elite, porque a grande maioria das brasileiras, aos 15 anos, já sofreu um desgaste físico que nós não temos nem aos 40" (Lemos, 1996:290) –, me dêem indícios sobre o assunto, não me permito avançar na matéria.

Capítulo 1: "A auto-ajuda é o ópio da nossa era"[24]?

> "Se, um dia, alguém escrevesse um livro de auto-ajuda que realmente funcionasse, que sanasse nossos infortúnios e eliminasse nossos maus hábitos, os resultados seriam catastróficos" (Ferguson, 2003:8).

Esse axioma serviu de inspiração ao canadense Will Ferguson para que ele escrevesse seu romance *Ser Feliz®*, publicado pela primeira vez em 2001. Ouvido pelo autor da boca de uma assessora de imprensa, referia-se originalmente aos estragos que um exemplar de auto-ajuda definitivo traria para o mercado editorial. Mais de dois anos depois, o autor publica sua sátira apocalíptica sobre auto-ajuda, extrapolando os limites desse nicho para pensá-la nos termos da derrocada dos alicerces de boa parte da sociedade ocidental contemporânea.

O romance acompanha a entediante rotina do editor literário Edwin Vincent de Vau, empregado no Departamento de Não-Ficção da Panderic Inc., editora de porte médio no cenário estadunidense. Edwin é construído por Ferguson como um cara comum, ordinário: quase um completo *loser*[25], não fosse seu casamento com a bela, porém fútil, Jenni, com quem se casara "para poder apaziguar o seu antigo eu (...), para poder apagar a sua foto no álbum da escola, para poder dizer a si mesmo: 'Viu? Você conseguiu!'" (Ferguson, 2003:117). O casal é formado por

[24] Ferguson, 2003:199. Agradeço à colega de Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Unicamp, Ilana Seltzer Goldstein, pela indicação deste livro, ainda no começo da pesquisa, em março de 2007.

[25] "Edwin é um jovem magro, prepotente, com andar de espantalho alto e um cabelo loiro e seco que se recusa a conservar uma risca. Mesmo quando veste um sobretudo de grife e lustrosos sapatos Dicami de gáspea alta, Edwin de Valu tem uma singular falta de presença. Uma falta de substância. É um peso-leve, em todos os sentidos da palavra..." (Ferguson, 2003:14)

uma oposição quase que completa: enquanto ela é do tipo crédula[26], Edwin é um cético por natureza e por ocasião. Tendo de gastar boa parte de seu tempo de trabalho na peneira dos chamados manuscritos "não-solicitados e sem agente" (Ferguson, 2003:28) enviados à Panderic, de Valu adquirira algum grau de impaciência e imperiosidade para tratar o material – a chamada pilha de baboseiras – e também o resto de sua vida.

A prosa ácida de Ferguson descreve a guinada que o cotidiano de Edwin sofre a partir do momento em que toma em suas mãos pela primeira vez o original de Tupak Soiree, *O que Aprendi na Montanha*. O calhamaço de quase mil páginas, datilografado à mão numa velha máquina de escrever, com pequenos adesivos de margaridas dispostas aleatoriamente em suas laudas, parecia recusar-se autonomamente aos padrões editoriais nos quais Edwin se esforçava para enquadrá-lo. Nas palavras do próprio personagem:

> "É um manuscrito muito estranho. É longo, complexo e, pelo que parece, não tem uma forma ou uma estrutura clara. Eu tinha imaginado que seria *disposto da maneira habitual*, dividido em capítulos – *você sabe*, um sobre cigarro, um sobre planejamento financeiro, outro sobre alcançar a felicidade interior etc. etc. –, mas na verdade é um longo monólogo divagante, os elementos separados vão se entrelaçando para formar um todo. E o mais esquisito é que, embora não tenha estrutura alguma, *não no sentido clássico*, o livro tem um fluxo definido. Tudo se relaciona

[26] "Jenni *acreditava*. Em quê, não tinha importância: só importava o fato de que acreditava. Via finalidade cósmica no acaso; via portentos de uma causa maior em coincidências do cotidiano. Quando iam jantar num restaurante chinês, deixava a mão pairar acima dos biscoitinhos da sorte, captando vibrações, sentindo o fluxo do universo a orientar-lhe a escolha. 'Mas são só biscoitos!', Edwin tinha vontade de berrar. 'São produzidos em massa numa fábrica em Newark. Vêm embrulhados em plástico, pelo amor de Deus!' Mas nunca berrava. Bem no fundo, mas bem no fundo mesmo, tinha medo de Jenni." (Ferguson, 2003:58)

> com todo o resto. Soiree passa de um argumento para o seguinte sem que a gente nunca saiba realmente quando termina uma seção e começa outra. E o texto? Às vezes é terrível: corriqueiro, ralo e cheio de chavões. Outras vezes é uma prosa linda, quase profunda. Há seções inteiras que parecem saídas de dentro de *um manual básico de auto-ajuda*, felizes e oh, tão sinceras, e aí, de repente, ele envereda por uma metafísica e o dilema da identidade do ser humano. É uma miscelânea" (Ferguson, 2003:107 – 108 – grifos meus).

Após ter sido perdido e recuperado, e escapar de uma edição radical para ser publicado como *Bombons para a Alma*, o original de Tupak Soiree é enviado à gráfica intacto, "sem alarde nem publicidade" (Ferguson, 2003:163), inaugurando aquilo que Ferguson chama de fim do mundo, conforme o conhecemos[27]. A partir daí a saga do "o livro de auto-ajuda definitivo" (Ferguson, 2003:39) passa a narrar a destruição de gigantescas instituições ocidentais contemporâneas, dependentes basicamente de frustrações e ansiedades humanas, tais quais as indústrias do tabaco, do álcool e das drogas ilegais, o trânsito nas grandes cidades e as mais variadas ditaduras da moda, para citar apenas alguns exemplos. Ao passo em que os recordes de venda do exemplar são continuamente estabelecidos e solapados, multiplicam-se os avisos de "fui pescar" nas portas dos grandes escritórios, sintomáticos da adesão dos leitores, até então executivos e *workaholics* de marca maior, à "receita para a humanidade" (Ferguson, 2003:32) de Soiree. E somente o editor deste petardo silencioso, de Valu, parece perceber – e temer – o que se passa. Em uma conversa com a também editora May Weatherhill, ao lado de quem vive um lampejo desajeitado de romance no

[27] Fórmula que dá nome à segunda parte do romance.

decorrer da narrativa, Edwin faz seu diagnóstico catastrófico, ainda cético à idéia de que tal perfeita combinação de dizeres pudesse realmente ser obra de mente e mãos humanas:

> "May, tudo está prestes a ruir à nossa volta. Tudo. Estou falando da sociedade, do país, da economia. É o fim da vida como a conhecemos. E por quê? Por causa de Tupak Soiree e da fórmula dele, produzida por computador, para a felicidade humana. Você disse 'então as pessoas se tornam felizes, que mal há nisso?'. May, toda a nossa economia foi construída sobre as fraquezas humanas, sobre maus hábitos e inseguranças. Moda. Lanches rápidos. Carros esporte. Engenhocas tecnológicas. Acessórios para sexo. Centros de dieta. Clubes de homens carecas. Pequenos anúncios. Seitas religiosas esquisitas. Times esportivos profissionais. Salões de cabeleireiro. *Crises de homem na meia idade*. Extravagâncias de compras. Todo o nosso estilo de vida é construído sobre falta de autoconfiança e insatisfação. Pense no que aconteceria se as pessoas fossem realmente felizes, felizes mesmo. Realmente satisfeitas com a própria vida. Seria uma catástrofe. O país inteiro pararia – e se os Estados Unidos pararem, você não acha que o resto do mundo ocidental pára também? Estamos falando de um efeito dominó em escala global. O fim da história" (Ferguson, 2003:228 – 229 – grifos meus).

A grande sacada de Ferguson, materializada nas angústias proféticas do experiente editor de Valu, parece estar no ato de revelar, com tanto sarcasmo e desprendimento, as razões para o sucesso da auto-ajuda. *Ser Feliz®* descortina os meandros desse nicho editorial ao narrar a saga de uma publicação do gênero que se diferencia do que se encontra no mercado corriqueiro justamente pela

sinceridade em assumir seus mais negativos estereótipos: tais qual, por exemplo, o de que só existem muitos títulos porque nenhum deles até hoje funcionou[28]. Sua fórmula carrega uma concepção de humanidade – bastante etnocêntrica, há de se dizer – que é radicalmente ameaçada pela satisfação simples e pacífica, no sentido mais morno da palavra, trazida pela leitura do best-seller. Mais uma vez a indignação de Edwin de Valu serve de esteio para o raciocínio do autor:

> "Os primeiros documentos, Jack? As primeiras palavras escritas, as primeiras coisas consideradas merecedoras de serem escritas? Listas de compras. Listas de compras e relatos de guerra. Foi isso que prensamos primeiro em tabletes de argila, que rabiscamos em papiro. Quando os sumérios começaram a registrar a vida em palavras, quando deram início ao registro escrito da humanidade, fizeram listas. Listas de coisas, de bens. Isso e grandes façanhas. E aí que a história começa: consumo extravagante e direitos de fanfarrões. Os primeiros escribas, os primeiros homens de letras não foram solicitados a escrever sobre *amor-próprio e sobre o contato com o eu interior*. Não escreveram 'Somos todos especiais à nossa própria maneira'. Não. Era morte de reis e acúmulo de riqueza. Propriedade, orgulho e sonhos épicos. É isso que nos torna humanos. E toda esta vasta *epidemia de auto-ajuda e amor do indivíduo por si mesmo*, que desencadeamos com o seu livro, minou tudo. *O que Aprendi na Montanha* é um crime contra a humanidade" (Ferguson, 2003:377 – grifos meus).

Quando o versado editor diz a May, heroína trágica da sua saga,

> "Eu edito livros de auto-ajuda. Pode acreditar em mim, eu sei. Todo mundo está procurando alguma coisa e a questão é que

[28] Ferguson, 2003:172.

> essa coisa nunca é encontrada. Todo mundo precisa de ajuda. Ou no mínimo pensa que precisa" (Ferguson, 2003:176),

ele insiste em algo que, pelo menos os autores reais, se negam a fazer: a saber, figurar como doadores de respostas aos dilemas existenciais de seus leitores. A ironia do livro está em apresentar o autor de auto-ajuda como alguém que sabe ser dotado do poder para transformar toda uma civilização e que parece não se importar tanto com isso. E mais: como alguém que se utiliza disso única e simplesmente para ganhar dinheiro, como é o caso do verdadeiro autor de *O que Aprendi na Montanha*[29]. Tupak Soiree choca de Valu porque oferta na medida exata e, por isso mesmo, catastrófica, justamente aquilo que todo leitor de auto-ajuda buscaria em tais publicações: uma receita *eficaz* para a felicidade[30]. E é tal franqueza de propósitos que contrasta com a auto-ajuda para além da ficção tão real criada por Ferguson.

Se há algo que parece alinhavar esse gênero apenas aparentemente homogêneo, como coloca Tânia Salem[31], trata-se da insistência dos autores justamente na recusa em assumir a posição de Soiree. Para a auto-ajuda de carne e osso é importante localizar no leitor os dispositivos empoderantes, afastando de quem escreve o autoritário posto de dono da verdade. É a informação, para uns, e as experiências compartilhadas, para outros, que possibilitam as reflexões daqueles que buscam suas páginas.

---

[29] "Quer saber o meu segredo? Não há segredo. Eu apenas sentei e bati à máquina. Escrevi tudo de uma vez só, sem parar para reescrever ou mesmo conferir o que tinha escrito. *Achei que era na auto-ajuda que estava o dinheiro*. Quer saber por que escrevi o livro? Pelo dinheiro, pura e exclusivamente." (Ferguson, 2003:356 – grifos meus)

[30] Agradeço ao Prof.º Dr.º Ronaldo Rômulo Machado de Almeida, da Unicamp, pelas observações nesse sentido, em diferentes momentos no decorrer da pesquisa.

[31] Salem, 1992b:2

Andréa Franco, em *40, Sim! E daí? Um Guia de Qualidade de Vida para as Mulheres Depois dos 40 Anos*, publicado em 2008, ao mesmo tempo em que se posiciona favoravelmente em relação ao ideário do poder como constitutivo da informação, revela sua recusa a atuar de forma autoritária:

> "As informações têm o intuito de indicar o caminho para a melhora da qualidade de vida e mostrar que essa etapa pode ser enriquecedora e feliz. Que a mulher pode ser, sim, bonita e desejada também a partir dos 40 anos. E que a chegada dos 'enta' não é nenhum bicho-de-sete-cabeças! A finalidade é enfocar as ferramentas de que essa mulher dispõe para fazer dessa a melhor fase de sua vida. E por que não? / A proposta é contribuir para o autoconhecimento das mulheres maduras, para que elas reflitam sobre como estão conduzindo sua vida, sua saúde, seus valores. E, ao mesmo tempo, banir os preconceitos que existem acerca dessa idade em nossa cultura, na sociedade. E colaborar para que as pessoas de outras idades entendam a mulher de 40. / O conhecimento, como sabemos, é algo poderoso, principalmente quando o assunto é saúde. Acredito que, com o acesso à informação, a mulher estará de bem consigo mesma e com o mundo a sua volta! / Não pretendo que estas informações sejam definitivas, nem que atuem de forma impositiva, mas que sejam um estímulo, um ponto de partida para as mulheres em direção ao seu bem-estar..." (Franco, 2008:19).

Aqui, é o leitor, no caso, a leitora, munido de informações e do conhecimento para acioná-las, que detém o poder para mudar o que quer que seja em sua vida. E fica clara a ênfase nas temáticas ligadas à saúde para a caracterização deste momento na vida da mulher, como retomarei no terceiro capítulo.

Walter Benjamin, em "O Narrador", texto de 1969, faz algumas colocações sobre o estatuto contemporâneo da informação. Contrastando-a com a experiência da narrativa[32], que para Benjamin é própria a uma sociabilidade pré-

[32] A oposição de fundo, que guia todo o texto, é entre a narrativa e o romance, moderno por excelência: "O narrador colhe o que narra na experiência, própria ou relatada. E transforma isso

moderna e não-capitalista, a informação aparece como resultado da forte influência da imprensa, como instituição moderna, nas formas sociais de comunicação. Segundo o autor, o próprio da informação é a sua verificabilidade: ser plausível ou não é o que a torna inteligível. E, diferentemente da narrativa, que deve ser rememorada como experiência para ser compartilhada, a informação é instantânea: ela toma vida no exato instante em que proferida, quase sempre completamente desligada dos contextos específicos onde é gerada. Daí seu caráter fetichista.

A emergência do ideal empoderante da informação reflete uma faceta das descontinuidades entre tempo e lugar próprias ao mundo contemporâneo, assim como Anthony Giddens o descreve em *Modernidade & Identidade*, de 1999[33]. Para este autor, são também as mídias contemporâneas que instauram esse desencaixe a partir de dois processos principais: a introdução de eventos distantes na consciência cotidiana de todos e o efeito de colagem dessas informações, que se configuram mais como um quadro caótico do que como uma narrativa organizada.[34]. Cabe ao sujeito, portanto, a tarefa de se guiar reflexiva e responsavelmente em meio a essa profusão de notícias e significados e é por isso que o desencaixe midiático é vivenciado, ao mesmo tempo, como mal-estar e

---

outra vez em experiência dos que ouvem sua história. O romancista segregou-se. O local de nascimento do romance é o indivíduo na sua solidão, que já não consegue exprimir-se exemplarmente sobre seus interesses fundamentais, pois ele mesmo será desorientado e não sabe mais aconselhar. Escrever um romance significa levar o incomensurável ao auge na representação da vida humana. Em meio à plenitude da vida e através da representação dessa plenitude, o romance dá notícia da profunda desorientação de quem vive" (Benjamin, 1980:61).

[33] Para Giddens, a noção de lugar deixa de ser compreendida como confluência entre espaço e tempo: os processos tornam-se, cada vez mais, globais e estruturantes (Giddens, 2001:24).

[34] Giddens, 2002:31.

como possibilidade de empoderamento[35]. Estar bem informado e atualizado é imprescindível às exigências atuais de escolha e, muitas vezes, ouve-se dizer que é preciso até mesmo questionar as próprias fontes de informações[36]... *Apenas* fornecer informações de cunho científico, como Franco opta por definir os seus esforços em *40, Sim! E daí?*, a coloca afinadíssima com essa tendência contemporânea; e há de se questionar, inspirada no trabalho de Marko Monteiro, sua posição como intermediária cultural, atuando significativamente na transmissão de conhecimentos científicos para um público leigo[37].

Regina Lemos, em seu livro sobre a crise da meia-idade feminina, também busca fugir do papel da dona da verdade. O faz, no entanto, mais no sentido daquela que compartilha experiências, suas e de outros, parecendo estar a meio caminho entre o perito e o leitor. Cynthia Schrager chama esse tipo de postura, também encontrada no exemplar classificado como auto-ajuda que ela analisou, de autoridade descentrada, na medida em que opera através de uma retórica que

[35] Giddens, 2002:133.

[36] O médico e radialista Luis Fernando Correia, em "Internet não é confiável para obter informações de saúde, diz médico", artigo publicado no dia 24 de julho de 2008 no *G1*, portal de notícias da Rede Globo de Comunicação, comenta o *risco* de se confiar em informações muitas vezes desqualificadas que a Internet tem o poder de disseminar: "Os sites que buscam divulgar informações de saúde de forma responsável habitualmente divulgam as referências científicas e as credenciais de quem está fornecendo as informações. A internet, ao mesmo tempo, que é capaz de disseminar cultura e informação de uma forma jamais experimentada também é capaz de espalhar informações sem credibilidade com a mesma eficiência" (http://g1.globo.com/Noticias/Ciencia/0,,MUL690231-5603,00-INTERNET+NAO+E+CONFIAVEL+PARA+OBTER+INFORMACOES+DE+SAUDE+DIZ+MEDICO.html). É interessante notar como esse ímpeto ao duvidar constantemente é incentivado pelos próprios porta-vozes destas mídias contemporâneas.

[37] Monteiro, 2001:249. Em Hochschild: "The authors of these books do not passively transmit culture, of course, but actively interpret it, mixing new with old as they try to help readers resolve issues of daily life. Their *way* of transmitting culture is thus itself a message" (Hochschild & Tanako, 2003:63). A autora toma a terminologia de Pierre Bourdieu para fazer tais comentários (Hochschild, 1994:2): mesmo referencial teórico de Marko Monteiro em "Corpo e Masculinidade na Revista Vip Exame", de 2001.

se pretende democrática e não hierárquica[38]. A profusão no livro de Lemos, diferentemente do de Andréa Franco, não se foca nas informações de cunho mais científico, ainda que algumas lobas especialistas também apareçam em suas páginas[39]. A maciça parte das entrevistas opera como registros biográficos informando sobre formas diversas de se chegar até aí e de vivenciar a idade da loba plenamente. O livro tem tom de bate papo: uma amiga apresentando outras, através de suas histórias de vida. Em Lemos:

> "Assumir posturas, sim, como há várias posturas assumidas ao longo deste livro. Mas dar conselhos, não. Contar histórias, trocar experiências, conversar..." (Lemos, 1996:19).

Arlie Hochschild, em seu trabalho sobre livros de auto-ajuda estadunidenses, acabou encontrando certa regularidade no estabelecimento de algum grau de proximidade entre leitores e autores logo nas primeiras páginas dos volumes analisados[40]. Seja através de experiência profissional ou através de um relato pessoal, a idéia é apresentar-se como alguém que entende dos problemas vivenciados pelo leitor ou leitora e que, por isso, pode atuar quase como um consultor dentro de um cenário que se aproxima de um mercado para investimentos emocionais[41].

Gail Sheehy, a quem Hochschild chama de autoridade no campo emocional[42], inicia o seu best-seller *Passagens: Crises Previsíveis da Vida Adulta*, publicado em 1974, relatando empaticamente a sua experiência de quase-morte

[38] Schrdager, 1993:179.
[39] E, também quando as lobas especialistas aparecem, é o mesmo caráter empoderante que Lemos aciona, como será comentado mais à frente.
[40] Vera L. P Alves também observa essa tendência em seu estudo (Alves, 2005:17).
[41] Hochschild, 1994:2.
[42] Hochschild, 2003a:75.

em pleno domingo sangrento irlandês. E o faz dizendo que a turbulência emocional provocada por esse evento trágico costuma ser sentida por todos na meia-idade, mesmo sem a rubrica de um acontecimento particular e/ou funesto[43]. Para tanto, narra também episódios mais comuns, como a morte repentina de um conhecido. Cabe ressaltar – já que é disto que se trata – que, para Sheehy e para outros autores analisados na presente pesquisa, é muitas vezes a consciência da própria mortalidade que desencadeia os questionamentos próprios à vida madura[44]. Lemos também evoca essa percepção da finitude, por conta de um

[43] "É raro uma pessoa se ver em meio a uma guerra, mas muitos dos acidentes da vida podem ter um efeito semelhante. Joga-se tênis duas vezes por semana com um dinâmico empresário de 38 anos. No vestiário, um coágulo silencioso obstrui uma artéria e antes que ele possa gritar por socorro, grande parte de seu músculo cardíaco já se foi. Seu enfarte atinge sua mulher, seus colegas de trabalho e todos os seus amigos mais ou menos da mesma idade, inclusive você. / (...) Ao atingirmos a idade madura, em meio aos trinta ou aos quarenta anos, tornamo-nos suscetíveis à idéia de nossa própria transitoriedade. Se nessa época ocorre um acidente que nos interrompe a vida, acentuam-se nossos medos da morte. Não estamos preparados para a idéia de que nosso tempo possa vir a se esgotar, ou para a verdade assustadora de que se não nos apressarmos em cumprir nossa própria definição do que seja uma existência relevante, a vida pode tornar-se uma rotina de meras obrigações de sobrevivência e manutenção. Tampouco prevemos uma grande reviravolta dos papéis e das regras que possam ter confortavelmente nos definido na primeira metade da vida, mas que tem de ser reorganizadas em torno de um núcleo de valores pessoais intensos na segunda metade. / Em circunstâncias normais, na ausência do golpe representado por um acidente na vida, essas questões vinculadas com a idade madura são reveladas no transcurso de vários anos. Temos tempo de nos ajustar. No entanto, quando são atiradas sobre nós de repente, não conseguimos aceita-las imediatamente. O declive da vida chega com força excessiva e rápido demais. / Em meu caso, ver a morte de perto na Irlanda, inesperadamente, fez com que as questões fundamentais da vida madura se impusessem com plena força" (Sheehy, 1980:6 – 7). Essa idéia de que, muitas vezes, a chamada crise da meia-idade chega com um ímpeto muito grande e tende a ser negada também está presente nos livros de Elyseu Mardegan Jr. que serão abordados ao longo do presente texto, mais especificamente no terceiro capítulo.

[44] Sheehy, 1980:7. Em *Minha Crise de Meia-Idade Favorita (Até Agora)*, romance publicado pela estadunidense Toby Devens em 2006, a médica Gwyneth Berke*, cuja crise* começa com o fim de seu casamento, também leva esse golpe emocional com a descoberta de um câncer em sua melhor amiga: "O diagnóstico de Kat fez com que eu batesse de frente com a minha própria mortalidade. Os meus pacientes não faziam soar o mesmo alarme sinistro em mim, mas não há nada como um cancerzinho no próprio círculo de amigos para fazer a gente achar que só tem mais quinze segundos de vida. O aviso me instigou a reservar uma hora extra com o meu personal trainer. Por duas vezes em três dias, liguei para os meus filhos sob um pretexto qualquer, mas só mesmo para lhes dizer o quanto os amava, e marquei uma hora com o meu advogado para atualizar o meu testamento" (Devens, 2008:199).

baque ou não, ainda que a crise dos quarenta da loba pareça ser fortemente impulsionada por mudanças físicas:

> "Algumas entrevistadas deste livro apontam a consciência da morte como identificação da crise da meia-idade. Essa consciência pode resultar de uma doença, um acidente, a morte de alguém muito próximo. Para várias de nós, no entanto, *é o envelhecimento mesmo, a mudança física que marca a crise*. Esse corpo que começa a nos escapar deixa claro que dali em diante não há escudo nem disfarce, somos nós em nossa mais direta verdade cara a cara com os outros e o mundo..." (Lemos, 1996:23 – grifos meus)[45].

E, diferentemente de Sheehy, é remetendo a estas decisivas alterações corporais que Lemos constrói a sua pequena parábola de identificação com a loba leitora:

> "... olhava para o espelho e sofria. Que pescoço era aquele, que plissava a cada movimento para a direita – ou será que para a esquerda era pior? Minhas pernas, das quais eu tinha o maior orgulho, só me davam tristeza. E no lugar onde, desde menina, existia uma barriguinha simpática, em total harmonia com o corpo, que permaneceu exatamente a mesma depois do parto, por muitos e muitos anos, surgiu – da noite para o dia, eu podia jurar! – uma outra que se debruçava sobre o biquíni..." (Lemos, 1995:17).

Se o livro nasce da crise[46], trata-se de criar logo de início um canal de comunicação e de empatia com o leitor e a leitora vivendo essa situação. E, se a identidade profissional não é omitida, o que, de alguma forma, estabeleceria uma

[45] Essa concepção do corpo envelhecido como verdade da loba será retomada no terceiro capítulo, já que é de suma importância na caracterização da meia-idade feminina encontrada nos livros que me servem de objeto.

[46] "Este livro surgiu da minha crise dos 40 anos, que deu seus primeiros sinais aos 42, em 1992." (Lemos, 1996:17), e "Este livro foi o caminho da solução da minha crise, e foi uma solução típica da meia-idade, através da criação, da realização" (Lemos, 1996:315). No terceiro capítulo retomarei essa passagem para falar das estratégias de reificação da chamada crise da meia-idade pelo material analisado.

hierarquia entre quem lê e quem escreve, algum elemento para esta identificação deve estar presente:

> "*Somos três mulheres com mais de quarenta anos*, psicólogas e psicanalistas, clinicando em consultórios, preocupadas com o percurso feminino" (Fontes, Pereira & Pimentel, 1994:XI – grifos meus).

Aqui, em *Mulher 40 Graus à Sombra: Reflexões Sobre a Vida a partir dos 40 Anos*, também de 1994, identidades de gênero e de idade que são acionadas para construírem a suposta relação de proximidade entre as autoras e os (as) esperados (as) leitores (as), a despeito das disparidades existentes entre psicólogos e psicanalistas *e* leigos. A almejada relação entre iguais dos textos me parece quase que necessariamente dever ser o ponto de partida àquele que não quer ficar marcado pelos chavões do gênero, pelos estigmas de guru da verdade de Soirée[47].

O próprio rótulo da auto-ajuda em si tem se mostrado fortemente estigmatizado. A reação de Elyseu Mardegan Jr. a esse ponto, em entrevista, me parece bastante sintomática. Após rir da minha indagação sobre a catalogação e sobre seu possível gosto pelo gênero, o autor fala de estratégias próprias ao mercado editorial:

> Eu, quando vi a primeira vez, também fiquei um pouco chocado! Porque não era esse o objetivo... Principalmente

[47] Estigmas que esgotaram até mesmo seu principal beneficiário - o autor milionário - no interior da trama de Ferguson: "Era só um maldito livro, pelo amor de Deus. Falava de como emagrecer e parar de se preocupar, de como melhorar sua vida sexual e sentir-se bem. Só isso. *Era um livro de auto-ajuda, mais nada.* Por que é que tudo tinha que acabar virando religião nos Estados Unidos? Por que é que tudo tinha que se cristalizar em dogma?" (Ferguson, 2003:322 – grifos meus).

> do primeiro livro, que tinha sido derivado da Tese de Mestrado. Também [possivelmente supondo que a minha pergunta derivasse do mesmo estranhamento] não gostei de ver como auto-ajuda... Mas, também entendo que, do ponto de vista do, vamos dizer assim, dono da livraria, do livreiro, e eventualmente até da própria editora, a classificação auto-ajuda é um pouco a que tinha. Porque (um livro de) psicologia também não é, porque não sou formado, portanto, não é um livro pra psicólogos ou uma coisa assim... Então, como não é um livro pra psicólogos, escrito por alguém da área, fica uma coisa meio numa zona cinzenta... Então acho que acabaram achando aí. Quando saíam aquelas listas dos mais vendidos e tal, sempre tem o de não-ficção e depois de um tempo atrás começaram a colocar de auto-ajuda... Naquela época tava começando essa história de separar auto-ajuda... Mas não é por aí não... O livro não foi feito com essa intenção e nem tinha esse objetivo de forma alguma.

Ao mesmo tempo em que foge do posto de especialista em conhecimentos *psis*, já que não possui a formação acadêmica para tal, Mardegan Jr. desqualifica a auto-ajuda, que parece ser sempre outro quem faz. Autor de dois livros que tratam especificamente da chamada crise da meia-idade masculina, ressente-se um pouco mais da estante que o primeiro deles ocupou nas livrarias no começo da década de 1990. Isso porque se tratava de um produto direto de seu trabalho acadêmico, na Pós-Graduação em Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo. Ao falar da inverosimilhança desta classificação, Mardegan Jr. parece revelar a distância que supõe existir entre o rigor do seu texto e aquilo que entende por auto-ajuda.

Já a reação de Andrea Franco à questão me parece um pouco mais enfática e fala do estereótipo do gênero como manual e/ou receituário infalível, tão bem encapsulado por Ferguson[48]. Através de correspondência eletrônica, a autora de *40 Sim! E Daí?*, defensora ferrenha do potencial empoderante da informação, como já colocado, me falou sobre a rubrica editorial que seu livro recebeu:

> Não, nunca me preocupei com a classificação de auto-ajuda. O livro não tinha essa intenção. Não fiz nenhum esforço para me distanciar da auto-ajuda. Quando eu disse que o meu livro não era desse ramo, foi porque ele **não** é do tipo: "Como ser sexy depois dos 40 anos", entendeu? Isso é auto-ajuda! E o meu livro não é assim. O objetivo não é esse! O objetivo é promover a saúde e o bem-estar na maturidade através de informações de médicos e outros especialistas. Não leio auto-ajuda. Não é preconceito, mas sempre estive envolvida com outros livros.

Ao dela se distanciar, Franco acabou revelando a sua concepção de auto-ajuda, bastante próxima dos estereótipos que venho apresentando através da obra de Ferguson, e também de um tipo de produção que fica conhecida como *how-to-do books*, popular na década de 1930 no cenário estadunidense[49], como será retomado mais à frente.

Quando Lemos fala do rótulo, distancia-se dele e também do papel de especialista. O que se tem – recorrendo até mesmo a uma desqualificação de

[48] "... quem compra livro de auto-ajuda não quer ser perturbado. Quer uma reafirmação do seu amor-próprio. Quer ser acariciado, nutrido e aplacado com platitudes." (Ferguson, 2003:113)
[49] Bosco, 2001:13.

trabalhos acadêmicos – é justamente a reafirmação do contexto de proximidade, neutralidade entre quem escreve e quem se pretende que se veja escrito:

> "Foi à cientista política que pedi o prefácio deste livro. Embora não tivesse a intenção de fazer um trabalho sociológico, quis a avaliação de uma profissional habituada a métodos de investigação da realidade. Muitas das teses que leio, transformadas em livros, algumas citadas aqui, se baseiam em vinte ou trinta entrevistas, feitas em duas ou até uma cidade. Outras são feitas por psicólogas, a partir de sua experiência de consultório, o que leva a visões agudas de determinadas problemáticas e a *um tom comum aos manuais de auto-ajuda, cheios de conselhos definitivos, de fórmulas infalíveis*" (Lemos, 1996:21 – grifos meus).

O que me parece claro até aqui é que, para os autores trabalhados na presente pesquisa, falar de auto-ajuda é defini-la pela negativa e pelo afastamento. E de quê tanto se foge, afinal de contas? Títulos tais quais *Dez Leis para Ser Feliz: Ferramentas para se Apaixonar pela Vida*, publicado pelo brasileiro Augusto Cury em 2003, e o recente grande best-seller *O Segredo*, de 2006, para citar apenas dois exemplos, parecem enquadrar-se justamente no rol dos manuais de auto-ajuda contemporâneos fortemente prescritivos. Este último, que deu origem a uma verdadeira avalanche de outros volumes auto-referenciados[50], coloca sua autora, a australiana Rhonda Byrne, no posto de quase que de uma messias, revelando verdades supremas, ignoradas até então por pessoas comuns. Ainda que outros já tenham conhecido e aplicado a lei da atração em

[50] Como parece ser praxe no ramo. Entre estes, cito: *A Chave do Maior Segredo do Mundo*, do brasileiro Lauro Trevisan, publicado em 2007; *A Chave do Segredo*, de Esther & Jerry Hicks, também publicado em 2007; *A Ciência por Trás do Segredo*, publicado por Wallace Wattles em 2008; *Lições de Um Mestre: O Segredo Além do Segredo*, publicado por John McDonald também em 2008; e, por fim, *Muito Além do Segredo*, de Ed Gungor, publicado em 2007, que se dispõe a conciliar a lei da atração de Pyrne com dogmas cristãos. Vale lembrar que o livro que inspira todos estes já é uma adaptação de um filme, homônimo, lançado no mesmo ano, composto por testemunhos de pessoas que conheciam então o tal segredo.

que finalmente consiste esse segredo, é a autora do livro quem o expõe ao grande público[51]. E o tom quase caricato com o qual ela o constrói ao longo do texto parece corroborar para o que venho argumentando: listagens de dicas e leis, grandes lições e métodos, aproximam-se muito mais dos estereótipos satirizados por Ferguson do que da sensação de desnivelamento pretendida pelos autores aqui abordados. Quem se coloca no posto do mestre toma para si os clichês que parecem permear determinado imaginário social sobre a auto-ajuda, para aquém dos ambientes de trabalho de editores experientes como Edwin de Valu:

> "Ele sabia muito bem que os livros mentem, em especial os livros de auto-ajuda..." (Ferguson, 2003:49), e "O público em geral nunca perde o interesse pelo fato de ter que ler menos (...). O princípio se aplicava à auto-ajuda: prometer o máximo, exigindo o mínimo dos leitores. Era quase axiomático no setor" (Ferguson, 2003:67)[52].

[51] Cito trechos de seu Prefácio: "Há um ano, minha vida desmoronou. Eu estava exausta de tanto trabalhar, meu pai morreu subitamente e meus relacionamentos amorosos e com meus colegas de trabalho eram turbulentos. Eu mal sabia, na época, que do meu maior desespero viria o maior presente. / Vislumbrei um Grande Segredo – O Segredo da vida. Veio num livro centenário que ganhei da minha filha Hayley. Comecei a investigar O Segredo ao longo da história. Não acreditei em quantas pessoas o conheciam. Eram as maiores personalidades da história: Platão, Shakespeare, Newton, Hugo, Beethoven, Lincoln, Emerson, Edison, Einstein. / Incrédula, perguntei: 'Por que nem todo mundo sabe disto?' Um desejo ardente de partilhar O Segredo com o mundo me consumia, e comecei a procurar pessoas vivas que o conhecessem. / Uma a uma, elas começaram a surgir. Eu me tornei um 'ímã' (...). / Em certos trechos usei a palavra 'Você' com inicial maiúscula, porque quero que você, leitor, sinta e saiba que criei este livro para você. Falo pessoalmente quando digo 'Você'. Minha intenção é que você sinta com ele um vínculo pessoal, porque O Segredo foi criado para Você. / À medida que percorrer estas páginas e aprender O Segredo, você passará a saber como pode ter, ser ou fazer o que quiser. Passará a saber quem realmente é. Passará a saber a verdadeira grandeza que está à sua espera na vida" (Byrne, 2007:IX / XII).

[52] É interessante notar como os Prefácios podem carregar a tinta em tais estereótipos. Nesse sentido, cito as últimas linhas do de Cury em *Dez Leis para Ser Feliz*, onde, diferentemente do que vem sendo encontrado, há um enaltecimento da posição de especialista do autor: "Este livro é pequeno, mas o conceito sobre o que é felicidade e os instrumentos para conquistá-la são profundos e desconhecidos. Eles são frutos de mais de vinte anos de pesquisa psicológica e psiquiátrica. As 'dez leis' que comentarei democratizam a ciência, pois tornam acessíveis ferramentas para você explorar seu próprio ser... A decisão de usá-las para alcançar uma vida feliz e saudável é sua. / Permita-se tentar ajudá-lo. Se você é jovem ou adulto e gosta de aventura,

Trata-se, portanto, de compreender como e por que a auto-ajuda ganhou as cores com as quais é pintada no contexto cultural contemporâneo. Como, ao mesmo tempo, pode ser tão popular e tão estigmatizada? O próximo momento do texto recupera análises de outros pesquisadores sobre o gênero em questão para pensar na sua historicidade e na sua plausibilidade como uma dimensão – privilegiada, por que não dizê-lo? – para a construção da chamada crise da meia-idade, assim como o presente trabalho pretende investigar, seguindo os insights de Featherstone revelados por Bassit:

> "De acordo com Featherstone, a literatura de auto-ajuda dos anos 70 contribuiu para legitimar a crise do meio da vida ou da meia-idade nos mesmos termos utilizados anteriormente para as crises e transições da adolescência" (Bassit, 2000:226).

O esforço vem sendo e continua a sê-lo no sentido da suspensão da própria categoria de auto-ajuda, afim de melhor compreendê-la.

***

O trabalho de doutoramento de Francisco Rüdiger, *Literatura de Auto-Ajuda e Individualismo: Contribuição ao Estudo da Subjetividade na Cultura de Massa Contemporânea*, defendido em 1995 pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade de São Paulo (USP) e publicado no ano seguinte pela Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, figura como

---

aqui você a terá. Viajaremos para o fascinante mundo do nosso ser. Uma boa viagem. *Dr. Augusto Cury*" (Cury, 2003:9).

referência central na bibliografia nacional que se propõe a abordar a historicidade da literatura de auto-ajuda[53]. Como o título sugere, o estudo busca uma compreensão bastante ampla desse gênero literário, tomando-o como produto exemplar máximo da indústria cultural, em contexto de desenvolvimento da sociedade moderna e individualista. O argumento coloca a auto-ajuda como resposta bastante efetiva às demandas histórico-sociais que sustentam seu surgimento, ainda no século XIX[54]. Para Rüdiger, trata-se de pensar a auto-ajuda como mediação eficaz às exigências de individuação que se massificam no contexto contemporâneo. Nesse sentido, suas reflexões estranham e relativizam o sujeito como dado[55] e colocam essa produção como um dispositivo, entre outros, a uma reflexividade propriamente individualista[56]. O argumento, com suas próprias palavras:

> "A literatura de auto-ajuda constitui uma das mediações através das quais as pessoas comuns procuram construir um eu de maneira reflexiva, gerenciar os recursos subjetivos e, desse modo, enfrentar os problemas colocados ao indivíduo pela

[53] Também é citado como uma referência importante em um trabalho sobre o gênero da auto-ajuda proveniente da Argentina (Papalini, 2009).
[54] "A literatura de auto-ajuda – o conjunto de relatos, de manuais, de textos, às vezes multimídia, que ensina como conduzir a vida, sobrepujar a depressão, manejar com pessoas, exercitar a sexualidade, parar de fumar, prosperar financeiramente, etc. – conta-se entre os fenômenos de indústria cultural que construíram seu próprio universo espiritual e responderam com sucesso às demandas colocadas pelas condições que suscitaram seu florescimento, engendrando, com o passar do tempo, uma série de práticas, sobretudo de leitura, através das quais o individuo comum vem tentando descobrir, dentro de si, os recursos e a solução dos problemas criados pela vida moderna." (Rüdiger, 1996:9)
[55] "O indivíduo enquanto sujeito, como valor, não é meramente dado, precisa ser construído e conservado, através de um trabalho sobre si mesmo, dialeticamente mediado pela pessoa" (Rüdiger, 1996:238).
[56] Anthony Giddens, em *A Transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor & Erotismo nas Sociedades Modernas*, publicado em 1992, coloca a auto-ajuda e também as ciências sociais como índices dos processos da reflexividade institucionalizada na modernidade (Giddens, 1993:10). Angelo M. Bosco encerra o seu trabalho também colocando a auto-ajuda como mediador bastante eficaz para a construção de subjetividades (Bosco, 2001:87).

> modernidade. O movimento dessa última desintegrou as representações coletivas e os simbolismos comuns que recomendavam a salvação do eu por meio da fusão dos propósitos pessoais com os propósitos da comunidade. O resultado desse processo foi a criação de uma sociedade de indivíduos livres que convivem com uma comunidade degradada, mas também de um conjunto de problemas pessoais que tornou profundamente problemática essa liberdade. / Na modernidade, parece que a liberdade individual vai perdendo sentido à medida que aumenta a liberdade do homem. As práticas tecidas pela referida literatura representam um veículo dos diversos movimentos de subjetivação popular através dos quais o homem comum procura resolver esse paradoxo..." (Rüdiger, 1996:14 – 15).

Sua argumentação acompanha as transformações pelas quais a própria idéia de auto-ajuda passa ao longo do tempo, travestindo-se diferentemente em contextos sócio-histórico-culturais específicos. Percurso este que, pela centralidade da obra de Rüdiger no relativamente pequeno campo dos estudos nacionais que falam dessa produção, acaba sendo sempre retomado por outros pesquisadores.

Segundo o autor, o termo é cunhado pelo escocês Samuel Smiles, médico e publicista que fez fama na segunda metade do século XIX. Entre outros títulos[57], publica *Self-Help* em 1859, traduzido com rapidez para o português como *Ajuda-te*[58]. O inusitado da genealogia do gênero apresentada por Rüdiger está em

[57] São de sua autoria, ainda, *O Poder da Vontade*, de 1865, *O Caráter*, de 1875, e *O Dever*, de 1880.

[58] O historiador Robert W. Slenes faz menção a estas traduções quando comenta sobre as preocupações e preconceitos das elites em relação ao comportamento das classes trabalhadoras no final do século XIX: "... havia o reconhecimento tácito de que o 'aburguesamento' do modo de

enxergar neste marco inicial de uma produção tão própria à modernidade resquícios de uma atitude moral ontologicamente anterior. O termo aparece em suas publicações como indicativo da capacidade que o indivíduo tem de melhorar a si mesmo a partir dos auxílios que presta a si mesmo. A auto-ajuda surge então como valorização de habilidades pessoais num contexto de modernização e de transformação social em que se fazem necessárias alterações na dinâmica pessoal justamente para uma melhor adequação em um contexto sócio-moral em franca ebulição. Como coloca Rüdiger, o chamado *self-help* surge como expressão de uma determinada concepção moral do mundo, em que o cultivo do hábito aparece como força conservadora no sentido de uma conciliação minimamente tranqüila entre sociabilidades ditas mais tradicionais e os processos de individualização que começam a se apresentar. E é nesse sentido que o trabalho aparece como categoria moral de extrema relevância ao longo da tarefa de construção do caráter, já que incita à disciplina, à obediência, à atenção e à perseverança[59]. O que Rüdiger sugere é que a auto-ajuda nasce no bojo de tratados populares de moral e que é ao longo do século XX que ela vai se tingindo

ser do trabalhador livre não aconteceria por um processo natural, mas dependeria da 'tutela' da própria burguesia e do Estado. No Brasil, o problema da transição do trabalho escravo ao trabalho livre, que levantava o espectro de uma mudança profunda nas práticas disciplinares, provavelmente fez com que parecesse especialmente necessária a adoção de estratégias de tutela. Chama a atenção, nesse sentido, que pelo menos três dos livros de Samuel Smiles, o propagandista escocês das virtudes da 'economia doméstica moral' e das vantagens provenientes da 'subordinação do apetite animal à razão, à providência e à prudência', haviam sido traduzidos para o português e publicados no Rio de Janeiro até 1880" (Slenes, 1999:141).

[59] Rüdiger, 1996:42. Característica que poderia levantar a associação entre essa auto-ajuda e os ideais ascéticos das origens do protestantismo, como demonstrados por Max Weber em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, publicado entre 1904 e 1905 (Weber, 2004).

com as cores do psiquismo e das receitas infalíveis para o sucesso individual[60], com as quais Ferguson a pinta no início deste século XXI.

A auto-ajuda de Smiles erige-se em representações sobre a humanidade que se diferenciam bastante daquelas que sustentam os estereótipos desse gênero em *Ser Feliz@*:

> "Assim, verifica-se que o homem como sujeito que vive para satisfazer suas necessidades, o homem do desejo descoberto pelo pensamento psicológico moderno, é uma figura estranha a essa doutrina da auto-ajuda. Neste contexto, o homem define-se como sujeito que pode transformar o dever em hábito, construindo praticamente o conceito de sua vida através do trabalho empregado em sua carreira durante toda sua existência. O homem de valor, por conseguinte, não é o homem que deseja, que vence ou que crê, mas o homem que labora e produz; que é cuidadoso com os pequenos detalhes de seu ofício..." (Rüdiger, 1996:44).

O vocabulário empregado em tais livros, centrado na idéia do caráter, remete aos ideais de moralidade e de verdade que, com o tempo, deixam de ser empregados em prol de uma concepção mais voltada a um cuidado quase cosmético com a personalidade, para usar a expressão de Rüdiger[61] que evoca o ideal de uma maleabilidade do sujeito.

---

[60] Bosco, 2001:10.

[61] "Entre meados do século passado e as primeiras décadas do nosso, verificou-se um processo que transformou o conceito originalmente moral de auto-ajuda em princípio do modelo culto do sucesso e do cuidado cosmético da personalidade. A crença de que os homens têm a capacidade de desenvolver um caráter virtuoso pelo poder da vontade aplicado aos hábitos cedeu lugar à idéia de que este caráter não passa de manifestação da individualidade que os homens desenvolvem

Como coloca Angelo Marcos Bosco, que também se inspira no trabalho de Rüdiger para construir a sua análise em *Sucessos que Não Ocorrem por Acaso: Literaturas de Auto-Ajuda*, Dissertação de Mestrado defendida em 2001, trata-se de uma produção preocupada com o resgate de virtudes pessoais que estavam sendo solapadas pelas novas necessidades postas em pauta por transformações em curso nas relações sociais[62]. Segundo Bosco, é com a apropriação do termo auto-ajuda por autores estadunidenses, já na virada para o século XX, que os sentidos se deslocam desse referencial e denotam, gradualmente, uma perspectiva mais terapêutica no sentido da valorização e construção de uma individualidade única, atraente e destacada[63]. Para este autor, isso tem a ver com o próprio desenvolvimento da economia de mercado e com o florescimento de grandes organizações empresariais, dentro das quais tais condições vão sendo eleitas como parte imprescindível do perfil profissional almejado: trata-se da valorização do chamado fator humano, em um contexto de crescente burocratização das atividades de trabalho[64]. Aliás, são as relações entre mercado, auto-ajuda e subjetividade, centradas no ideário de sucesso, que dão tom do recorte da análise de Bosco, desenvolvida no interior do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Unicamp.

---

mentalmente com a descoberta do chamado eu superior, da verdadeira subjetividade." (Rüdiger, 1996:35 – ênfase no original)

[62] Bosco, 2001:9.

[63] "Ao final do século XIX e início do século XX, a literatura do sucesso apresenta mudanças de direção e desloca-se do cultivo das virtudes para o desenvolvimento das qualidades da personalidade. A mudança sugere o esmorecimento dos ideais associados ao bem-estar da comunidade, intensificando, ao mesmo tempo, a idéia de uma competição entre indivíduos, que fundamenta-se, principalmente, no cultivo das habilidades pessoais." (Bosco, 2001:10)

[64] Rüdiger. 1996:132.

O chamado Novo Pensamento, "verdadeiro movimento de auto-ajuda" (Rüdiger, 1996:72), é tomado pelos autores em questão como uma espécie de meio-caminho dentre as transformações pelas quais passa o gênero desde seu surgimento até os dias atuais. Trata-se do desenvolvimento de teorias mentalistas para a cura dos problemas das pessoas, que começam a se distanciar de afirmações de fundo mais moral em busca de um tratamento e de uma legitimação de cunho cientificistas[65]. Segundo Rüdiger, esse tipo de postura se enrijece com o advento da chamada Psicologia Positiva. Os mandamentos morais vão perdendo espaço para a contínua reiteração da idéia de força de vontade que, cada vez mais, remete a técnicas para indução de estados mentais agradáveis e para a produção e alteração de novas realidades. O que se reafirma são os ditos poderes da mente para atrair prosperidade e bem-estar[66]:

> "O princípio básico da nova ciência reduzia-se, como ainda hoje, à seguinte fórmula: o sucesso na vida pode ser mentalizado e colocado sob domínio do pensamento. O pensamento pode se transformar em ação, é a chave para ser bem sucedido" (Rüdiger, 1996:88).

O próximo momento, por assim dizer, reflete o processo de construção da personalidade como um valor cada vez mais central na vida das pessoas: esta ganha ares de coisa maleável, quase que ao gosto de quem a modela[67]. Os já

[65] Rüdiger, 1996:74.
[66] Rüdiger, 1996:95.
[67] "A experiência ensina às pessoas que, para encontrar uma fonte de renda que ainda não esteja exaurida, ou uma função em que não se possa ser prontamente substituído, mas também

referidos *how-to-do books* popularizam-se na década de 1930 como manuais para a manipulação da personalidade[68]. O maior best-seller de auto-ajuda ao longo de todo o século XX – e um dos maiores de toda a história mundial do mercado editorial – é publicado em 1936: *Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas*, de Dale Carnegie. Segundo as estimativas de Rüdiger, teria vendido mais de quinze milhões de exemplares em todo o mundo desde então[69]. Como o título insinua, é próprio deste momento da auto-ajuda a valorização de técnicas de comportamento e comunicação já em detrimento dos procedimentos de mentalização, que vão, de certa maneira, perdendo popularidade nas publicações. Não são gratuitas as descobertas de Rüdiger sobre as ocupações destes publicistas, vanguarda do que o autor chama de novo ethos da personalidade: eram oradores, encabeçavam cursos de treinamento profissional, e estavam concatenados com técnicas de pesquisa de mercado para conduzirem cientificamente suas colocações. Delineia-se, assim, um saber sobre estratégias para a modelação da personalidade a partir de referenciais externos[70]: como coloca Bosco, trata-se do desenvolvimento de corpo de conhecimentos para a

---

conservar ou progredir numa carreira duramente conquistada, é necessário, cada vez mais, não somente diferenciar-se dos demais na mesma situação, distinguir suas peculiaridades individuais, conhecer os desejos alheios e conduzir-se adequadamente. Em suma, construir mais ou menos conscientemente uma determinada personalidade." (Rüdiger, 1996:133)

[68] Bosco, 2001:13.

[69] "A documentação disponível demonstra sem dúvida que durante os primeiros anos do século [XX] diversos escritores e filósofos populares sublinharam as vantagens de saber explorar os recursos da expressão pessoal, recorrendo para tanto aos mais variados princípios doutrinários. Entretanto, o verdadeiro desenvolvimento dessa tendência de auto-ajuda ocorreu mais tarde, devendo-se sobretudo à intervenção de Dale Carnegie." (Rüdiger, 1996:115).

[70] "O fundamento do novo ethos da personalidade, contrariamente àquele dominante entre os novos pensadores, não se encontra nos procedimentos de mentalização mas no desenvolvimento das relações humanas e no emprego de técnicas de comunicação. A personalidade representa uma realidade imediata que deve ser modelada de dentro para fora. A felicidade, sucesso e realização pessoal dependem da capacidade de nos relacionarmos com os outros, mas está contudo requer que modelemos exteriormente nossa personalidade." (Rüdiger, 1996:116).

correta manipulação do Eu[71]. É nesse momento, marcado pela grande popularização de tais livros, que começa a se solidificar a concepção da auto-ajuda como *manual*, como receita para a produção de determinados resultados esperados: sejam eles a conquista de popularidade, como o best-seller de Carnegie indica, ou de autoconfiança, como Norman Vicent Peale, outro grande nome do gênero, propõe na década seguinte em *Como Confiar em Si Mesmo e Viver Melhor*, de 1948. O rótulo de *advice books* – livros de conselhos, numa tradução literal – dado pelo mercado estadunidense a muitos títulos que no Brasil são catalogados como auto-ajuda não deve ser tomado como algo gratuito, portanto[72].

A recusa veemente de Andrea Franco, entre outros, em associar-se a este gênero editorial, como registrado acima, baseia-se justamente nessa concepção de auto-ajuda, provavelmente consolidada com o sucesso destes e de outros títulos, durante todo o século passado. O que as falas dos autores reunidas para o presente trabalho parecem indicar é que é esse tipo de representação que se tem como dado quando se pensa em auto-ajuda no contexto contemporâneo nacional. E é essa imagem forte que os impele a negar quase que veementemente o posto daquele que *sabe como fazer* alguém – no caso, o leitor – alcançar determinado objetivo. Por isso a postura mais recente do diálogo que busca ruir com hierarquias entre autor e leitor, da livre exposição de histórias de vida que, de alguma forma – nunca ofertada como a melhor de todas –, lidaram com

[71] Bosco, 2001:12.
[72] Muitos dos trabalhos que me servem de referencial teórico e ponto para diálogo referem-se ao material em questão através dessa classificação. É o caso, por exemplo, do trabalho de Hochschild, "The Commercial Spirit of Intimate Life and the Abduction of Feminism: Signs from Women's Advice Books", um dos primeiros a que tive acesso durante a pesquisa.

problemas tomados como questões privadas[73]. É na multiplicidade de informações e de narrativas que parece estar a possibilidade de comunicação, aprendizado e transformação. As palavras da cientista política Lúcia Avelar no início do Prefácio de *Quarenta: A Idade da Loba*, de Regina Lemos, são sintomáticas nesse sentido:

> "... ao iniciar a leitura de *Quarenta*, construído a partir de relatos de mulheres de todas as partes deste imenso e diverso país, não conseguia mais parar. Vi-me levada de um relato a outro, sentindo-me como se eu estivesse ali, com cada entrevistada, aprendendo coisas sobre os meus sentimentos, a minha sexualidade, só que pela voz de outras mulheres. Com cada entrevistada de Regina Lemos, eu ampliava a minha percepção sobre 'lados' meus e sobre dificuldades que eu julgava serem apenas minhas, nesta lúcida (embora nem sempre fácil) caminhada de viver, não conforme regras preestabelecidas, mas escutando a própria voz interior. Senti, então, ressonância" (Lemos, 1996:13).

Aqui, o encontro com o Eu dá-se nesta inusitada experiência de compartilhamento via leitura, que Benjamin caracterizou como um dos atos mais solitários possíveis.

O juízo sobre a auto-ajuda como fonte praticamente inesgotável de receitas para a construção de uma personalidade cada vez mais vendável, mesmo quando

[73] "... podemos dizer que, socialmente, os tratados do gênero representam um território, ou campo de experiência, do problema que segmentos expressivos das camadas médias urbanas são para si mesmos enquanto coletivo de indivíduos; constituem uma tentativa de articular, para essas pessoas, uma resposta *interior* à transformação nas necessidades metafísicas em problema *privado*, verificada em nossa civilização. / A literatura do gênero, sabemos, é formada sobretudo por manuais e textos de prática, que contém basicamente, 'uma metodologia para conquista do sucesso material, isto é, riqueza e poder; um conceito a respeito da auto-realização pessoal e sobre os meios de como obtê-la; e uma dimensão transcendente, que vincula a realização individual à ordem moral que rege o universo'. / No entanto, encontram-se nela também narrativas em primeira pessoa, histórias de vida, em que o sujeito relata a descoberta de suas forças mais íntimas e a maneira como as empregou para superar seus problemas individuais ou narra como passou por um processo de mudança interior, tornando-se, por conta própria, uma nova pessoa." (Rüdiger, 1996:143)

os fins pretendidos não são pecuniários[74], foi se consolidando desde a década de 1930 até provocar esse tipo de reação na virada do século[75]. Para Bosco, como já colocado, isso tem a ver com a imposição de um tipo de racionalidade próprio à esfera produtiva para o âmbito das relações pessoais – processo que progrediu em larga escala durante o período considerado. Para este autor, os manuais refletem a percepção dos problemas das pessoas como desajustes para os quais tais textos proviriam soluções de adequação e encaixe, por assim dizer. O que se reifica, nesse sentido, é uma postura mais passiva diante do mundo, na medida em que o que é visto como dificuldade suscita causas, recursos e soluções individualizantes. Isso não se altera, segundo o sociólogo, a despeito das mudanças nos rumos editoriais desde então: os instrumentos necessários à realização pessoal permanecem única e exclusivamente no indivíduo[76].

Tomar a auto-ajuda quase que indiscriminadamente como sinônimo de manual não é prerrogativa apenas de quem é sujeito neste ramo editorial. Muitas vezes, também quem o toma por objeto de reflexão faz essa associação, até mesmo reafirmando as cores negativas com as quais a idéia do receituário é comumente pintada. Rüdiger, ainda na Introdução de seu livro, faz algumas fortes colocações nesse sentido:

[74] Bosco, 2001:15.
[75] Vale ressaltar que o resgate histórico de Rüdiger, que é seguido de perto pelas outras referências aqui citadas, não se encerra na década de 1930. O autor tem toda uma discussão sobre o que chama de paradigmas do gênero ao longo do século XX. Insisto, por agora, nesse momento particular desta produção editorial por conta da força destas representações para o que se tem hoje quase como um senso comum sobre o que seja auto-ajuda.
[76] Bosco, 2001:18.

> "A perspectiva em que nos situamos eventualmente carrega aspectos profissionais da personagem caricaturizada pelo publicista, mas decididamente não se identifica com a figura do contra-escritor que ela refere e, por isso, rejeita com firmeza a sugestão de que a presente pesquisa não só equivale a um 'livro de anti-ajuda' como contém uma refutação performativa das proposições avançadas sobre sua matéria de estudo. Segundo nosso juízo moral, a literatura do gênero, majoritariamente, 'não passa de uma forma de charlatanismo, de maneira de se iludir a si mesmo', conforme dizia Max Weber. Por outro lado, concordamos, em tese, com a idéia de que um esclarecimento histórico-filosófico do assunto em foco precisa fugir do 'ressentimento' que, segundo a não obstante má consciência dos pregadores, (às vezes) move seus críticos" (Rüdiger, 1996:27).

Como assunto maldito que se torna, negar a auto-ajuda parece até mesmo dever ser tarefa de quem a estuda. Salem nos alerta para a sua tomada como gênero menor da literatura entre os meios intelectuais[77]. Rüdiger talvez seja mais até direto em assumir seus juízos na medida em que deles pretende se afastar ao longo do texto, para concentrar-se no seu tal esclarecimento histórico-filosófico.

Vera Lucia Pereira Alves é bem menos incisiva. Remonta à historicidade do fenômeno em questão, ainda que, na construção do seu objeto, limite sua análise aos chamados manuais, reforçando, de certa forma, a associação a qual venho me referindo. Em *Receitas para a Conjugalidade: Uma Análise da Literatura de Auto-Ajuda*, tese de Doutorado defendida em 2005 pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Unicamp, encontra no famigerado *como* dos títulos e nos conteúdos dos volumes o que chama de uma

[77] Salem, 1992b:2.

terapêutica pedagógica própria a este tipo de produto cultural. É na sua condição prescritiva[78], portanto, que a auto-ajuda congrega estas duas dimensões e se constitui como tal:

> "No âmbito pedagógico, a literatura de auto-ajuda é um produto que agrega (...) função no momento em que engendra formas de cuidado e tratamento para todo e qualquer problema. Ela propõe uma terapêutica que visa a ensinar um leitor a habilidade de tratar de si próprio quando acometido por uma diversidade de males, sejam eles de que ordem for" (Alves, 2005:5).

Se a associação com o que se entende por manual é matéria de discussão tanto entre quem a faz quanto entre os que escrevem sobre auto-ajuda, a questão das possíveis filiações às disciplinas psis também é ponto de controvérsia. Ao que me parece, faz parte, inclusive, dos dilemas referentes à própria temática da classificação dos volumes, interna ao campo editorial[79]. E mais: traz consigo uma questão de fundo, referente às concepções de subjetividade que sustentam essa produção. O próximo momento do texto debruça-se sobre essa problemática.

***

Para Alves, que é psicoterapeuta, esses livros muitas vezes figuram como uma alternativa mais barata e menos estigmatizada em relação à psicoterapia para o encaminhamento de problemas emocionais[80], mesmo – e, talvez, por isso

[78] "Via de regra, identifica-se a auto-ajuda como uma literatura, cuja redação centra-se na prescrição de normas para um bem viver." (Alves, 2005:14)
[79] A fala de Mardegan Jr., em entrevista, registrada nas páginas 42 e 43 do presente texto ilustram a situação.
[80] Alves, 2005:24.

– quando desrespeitam discussões e paradigmas acadêmicos[81]. É a sua condição prescritiva que, para Alves, carrega essa tonalidade terapêutica, como se pode apreender da citação transcrita acima. Para aquém da possível dimensão de traduções destes conhecimentos acadêmicos em suas expressões mais populares nos livros de auto-ajuda, importa aqui discutir a própria possibilidade de que determinado vocabulário faça sentido em um amplo contexto de sociabilidade. Com isso, adianto meu posicionamento: parece-me que a auto-ajuda só pode existir ali onde a linguagem psicológica existe como visão de mundo, para usar as palavras de Rüdiger[82]. Mas, antes disso, há um caminho de argumentos a percorrer, para o qual dois trabalhos da antropóloga Tania Salem contribuíram de maneira significativa. Os dois textos, ambos publicados em 1992, caíram em minhas mãos quando algumas reflexões que aqui apresento já estavam adiantadas. Sua leitura de determinadas obras de Michel Foucault, sobretudo, veio de encontro à minha e, no entanto, as conseqüências destas interpretações em relação ao material da auto-ajuda, que ela também analisa[83],

[81] Alves, 2005:209.

[82] "A linguagem psicológica, tornada visão de mundo, coloca entre parênteses as dimensões política e social dos problemas que pesam sobre o homem e classifica em categorias subjetivas fenômenos que precisam ser explicados em relação à estrutura da sociedade" (Rüdiger, 1996:141). Trata-se de uma percepção recorrente entre os estudiosos do fenômeno, sobretudo os mais críticos: tomar a auto-ajuda como um paradoxo, na medida em que incita à solução privada, via leitura, para problemas que seriam de ordem social e/ou coletiva. Voltarei a este ponto mais à frente, quando apresentar alguns trabalhos acadêmicos que falam das relações entre auto-ajuda e relacionamentos afetivos.

[83] Há de se levar em conta, sobretudo em um capítulo onde procuro relativizar o que se toma por auto-ajuda, as diferenças entre o material trabalhado por Salem e o que me serve de objeto na presente pesquisa. Dizer apenas que ela também analisou livros de auto-ajuda não basta, já que os significados que se atribuem a essa categoria não são unos, como venho tentando demonstrar. O trabalho de Salem "pauta-se na análise de cinco manuais. A escolha seguiu a orientação do gerente de uma livraria da Zona Sul que, dentre vários outros do gênero, referiu-se a eles como 'vendendo que nem água' – como aliás atesta o número surpreendentemente alto de suas reedições" (Salem, 1992b:1 – 2). Publicados entre as décadas de 1970 e 1980, por autores nacionais e internacionais, a autora os diferencia internamente entre manuais psicológicos e manuais esotéricos. Essa escolha e também o título do texto, *Manuais Modernos de Auto-Ajuda:*

divergem significativamente. Talvez, antes, faça-se necessário explicitar de onde parto: a saber, desse olhar que já vinha lançando sobre alguns momentos do pensamento de Foucault.

O autor, no terceiro volume da sua *História da Sexualidade*, *O Cuidado de Si*, publicado em 1984, diz que três diferentes ordens de fenômenos interligados são tratadas homogeneamente sob a rubrica do individualismo: atitudes egoístas, valorização da vida privada e intensificação da relação do indivíduo consigo mesmo[84]. Essa última, que se desenvolve em um período relativamente mais recente, teria suas origens logo nos primeiros séculos de nossa era e fora encapsulada no ideário e nas práticas do cuidado de si. Os segundo e terceiro volumes da obra de Foucault sobre a sexualidade dão conta de uma transição nos interesses do autor em relação ao primeiro destes, *A Vontade de Saber*, publicado em 1976. Segundo o próprio autor, ele passa do foco em uma economia de discursos interditivos para pensar a constituição do sujeito do desejo sexual, sobre os quais tais discursos atuam de forma produtiva. Se o método genealógico acionado no início da trilogia – e também, me arrisco a dizer, na sua *História da Loucura*, de 1961 – lhe permitiu avançar na compreensão da concepção de poder e relacioná-la com a formação de saberes para pensar no surgimento da noção de sexualidade[85], é sobre a constituição do sujeito moral, capaz de se controlar e

---

Uma Análise Antropológica sobre a Noção de Pessoa e suas Perturbações, de certa forma, confirmam o vínculo ao qual vinha me referindo entre esse gênero de escrita e o ideário dos textos mais prescritivos, também reificado, como já colocado, por quem se propõe a uma análise do material.

[84] Foucault, 1985:48.

[85] "O próprio termo 'sexualidade' surgiu tardiamente, no início do século XIX. É um fato que não deve ser subestimado nem superinterpretado. Ele assinala algo diferente de um remanejamento de vocabulário; mas não marca, evidentemente, a brusca emergência daquilo a que se refere. O uso da palavra foi estabelecido em relação a outros fenômenos: o desenvolvimento de campos de

de refletir sobre si mesmo, e de se pensar como passível de uma sexualidade, que Foucault concentra agora seus esforços. Se os discursos e as práticas produziram as experiências da sexualidade – e da loucura – como verdades objetivas, seus escritos posteriores investigam aquilo que viera ontologicamente antes: a formação do sujeito e de sua subjetividade também como verdades objetivas, para ele próprio e para outros. A citação, que se encontra no início do segundo volume da sua *História da Sexualidade*, *O Uso dos Prazeres*, de 1984, é longa, mas explicita o movimento ao qual me refiro:

> "Um deslocamento teórico me pareceu necessário para analisar o que freqüentemente era designado como progresso dos conhecimentos: ele me levara a interrrogar-me sobre as formas de práticas discursivas que articulavam o saber. E foi preciso também um deslocamento teórico para analisar o que freqüentemente se descreve como manifestação do 'poder': ele me levara a interrogar-me sobretudo sobre as relações múltiplas, as estratégias abertas e as técnicas racionais que articulam o exercício dos poderes. Parecia agora que seria preciso empreender um terceiro deslocamento a fim de analisar o que é designado como 'o sujeito': convinha pesquisar quais as formas e as modalidades da relação consigo através das quais o indivíduo se constitui e se reconhece como sujeito. Após o estudo dos jogos de verdade considerados entre si – a partir do exemplo de

---

conhecimentos diversos (que cobriram tanto os mecanismos biológicos da reprodução como as variantes individuais ou sociais do comportamento); a instauração de um conjunto de regras e normas, em parte tradicionais e em parte novas, e que se apóiam em instâncias religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas; como também as mudanças no modo pelo qual os indivíduos são levados a dar sentido e valor à sua conduta, seus deveres, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos. Em suma, tratava-se de ver de que maneira, nas sociedades ocidentais modernas, constitui-se uma 'experiência' tal, que os indivíduos são levados a reconhecer-se como sujeitos de uma 'sexualidade' que abre campos de conhecimentos bastante diversos, e que se articula num sistema de regras e coerções. O projeto era, portanto, o de uma história da sexualidade enquanto experiência – se entendermos por experiência a correlação, numa cultura, entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade." (Foucault, 1994:9 – 10)

> um certo número de ciências empíricas nos séculos XVII e XVIII – e posteriormente ao estudo dos jogos de verdade em referência às relações de poder, a partir do exemplo das práticas punitivas, outro trabalho parecia se impor: estudar os jogos de verdade na relação de si para si e *a construção de si mesmo como sujeito*, tomando como espaço de referência e campo de investigação aquilo que poderia chamar-se 'história do homem de desejo'. / Entretanto, ficou claro que compreender essa genealogia me afastava muito de meu projeto primitivo. Devia escolher: ou manter o plano estabelecido, fazendo-o acompanhar de um rápido exame histórico desse tema do desejo, ou reorganizar todo o estudo em torno da lenta formação, desde a Antiguidade, de uma hermenêutica de si. E foi por este último partido que optei ao pensar que, afinal de contas, aquilo a que me atenho – a que me ative durante tantos anos – é a tarefa de evidenciar alguns elementos que possam servir para uma história da verdade. Uma história que não seria aquela do que poderia haver de verdadeiro nos conhecimentos; mas *uma análise dos 'jogos de verdade', dos jogos entre o verdadeiro e o falso, através dos quais o ser se constitui historicamente como experiência, isto é, como podendo e devendo ser pensado*. Através de quais jogos de verdade o homem se dá seu ser próprio a pensar quando se percebe como louco, ser falante e ser trabalhador, quando ele se julga e se pune como criminoso? Através de quais jogos de verdade o ser humano se reconheceu como homem de desejo?" (Foucault, 1994:11 – 12 – grifos meus).

Através da análise de textos práticos o autor vai desvendando a emergência, já no período histórico que fica conhecido como Antiguidade, do que chama de cultura de si: a saber,

> "... o desenvolvimento de uma arte da existência que gravita em torno da questão do si mesmo, de sua própria dependência e

> independência, de sua forma universal e do vínculo que se pode e deve estabelecer com outros, os procedimentos pelos quais se exerce seu controle sobre si próprio e da maneira pela qual se pode estabelecer a plena soberania de si" (Foucault, 1985:235).

A análise de um livro de sonhos que data do século II d.C.[86] permite a Foucault localizar, no terceiro volume da *História da Sexualidade*, o que ele identifica como uma afinidade temática entre Antiguidade recente século XIX com relação a certo clima de austeridade sexual. Chama a atenção em sua análise desse livro a ausência de um conjunto de regras ou códigos para decifração das imagens e sensações oníricas nos originais. Isso porque, segundo Foucault, o livro incentiva um procedimento contínuo e refletido de auto-inquérito já que os sonhos só podem ser desvendados a partir da posição e da conduta do sujeito no mundo real. Os textos incitavam essas questões e as pessoas que desejavam saber o significado – premonitório ou não – de sonhos que remetiam a atos sexuais, por exemplo, eram convidadas a investigarem as relações sociais reais que mantiam com os parceiros oníricos, tendo em vista a natureza de tais atos. O que se sinaliza, nesse sentido, é uma tendência à investigação da própria conduta sexual e social e é a evolução lenta de práticas como estas, de auto-atenção, que culmina na emergência do sujeito moral, dotado de necessidades e desejos que ele pode reconhecer e sobre os quais pode vir a atuar[87].

---

[86] *A Chave dos Sonhos*, cuja autoria é outorgada a Artemidoro.

[87] Cito o autor, mais uma vez: "... não me refiro a fazer uma história das concepções sucessivas do desejo (...) ou da *libido*, mas analisar as práticas pelas quais os indivíduos foram levados a prestar atenção a eles próprios, a se decifrar, a se reconhecer e se confessar como sujeito de desejo, estabelecendo de si para consigo uma certa relação que lhes permite descobrir, no desejo, a verdade de seu ser, seja ele natural ou decaído. Em suma, a idéia era a de pesquisar, nessa genealogia, de que maneira os indivíduos foram levados a exercer, sobre eles mesmo e sobre os outros, uma hermenêutica do desejo à qual o comportamento sexual desses indivíduos sem dúvida

A base da moral sexual cristã do século XIX está, para Foucault, de certa forma pré-moldada desde os primeiros séculos de nossa era[88]. O embasamento do discurso sobre a austeridade sexual pode ser encontrado de forma incipiente, segundo o autor, em um conjunto de quatro grandes temas que se desenvolvem em textos práticos já na Antiguidade: a saber, a vida do corpo, a instituição do casamento, as relações entre homens e a aceitação de uma hierarquia de saberes. E o que esta quadritemática enseja é justamente a atmosfera de atenção ética consigo mesmo, através da construção da austeridade sexual como uma preocupação moral[89]. Foucault localiza no chamado cuidado de si as condições necessárias para a objetificação do indivíduo para ele mesmo: condições necessárias para que a possibilidade do discurso de verdade sobre o si mesmo pudesse emergir.

Uma vez possível esse tipo de discurso, tornam-se logicamente possíveis os saberes aos quais Foucault dedicara sua atenção décadas antes. Movimentando-me no interior da sua obra, encontro no final da *História da*

---

deu ocasião, sem no entanto constituir seu domínio exclusivo. Em resumo, para compreender de que maneira o indivíduo moderno podia fazer a experiência dele mesmo enquanto sujeito de uma 'sexualidade', seria indispensável distinguir previamente a maneira pela qual, durante séculos, o homem ocidental fora levado a se reconhecer como sujeito de desejo" (Foucault, 1994:11).

[88] Foucault, 1994:23-24.

[89] "Em vez de buscar as interdições de base que se escondem ou se manifestam nas exigências da austeridade sexual, era preciso pesquisar a partir de quais regiões da experiência, e sob que formas, o comportamento sexual foi problematizado, tornando-se objeto de cuidado, elemento para reflexão, matéria para estilização. Mais precisamente, era preciso perguntar-se por que justamente os quatro grande domínios de relações onde parecia que o homem livre, nas sociedades antigas, teria podido desenvolver sua atividade sem encontrar maiores proibições foram objeto de uma problematização intensa da prática sexual. Por que foi aí, a propósito do corpo, da esposa, dos rapazes e da verdade, que a prática dos prazeres foi questionada? Por que a interferência da atividade sexual nessas relações tornou-se objeto de inquietação, de debate e de reflexão? Por que esses eixos da experiência cotidiana deram lugar a um pensamento que buscava a rarefação do comportamento sexual, sua moderação, sua conformação e a definição de um estilo austero na prática dos prazeres? De que maneira o comportamento sexual, na medida em que implicava esses diferentes tipos de relação, foi objeto de reflexão como domínio de experiência moral?" (Foucault, 1994:25)

Loucura, publicado em 1961, algumas interessantes afirmações sobre o estatuto contemporâneo da psicologia ou, de forma generalizada, dos conhecimentos de ordem psi[90]. Segundo o autor, essa disciplina só tem condições de surgir e de se sustentar ontologicamente na modernidade, já que depende desse estágio de objetivação e/ou de realização da subjetividade que vem se desenvolvendo desde o que ele chama de Antiguidade. Desvendando os caminhos e descaminhos dos discursos que produziram a loucura como objetividade[91], Foucault a toma como primeiro modelo para o funcionamento da legitimidade psicológica. Isso porque a loucura, produzida nesses sistemas discursivos, só pode ser reconhecida como condição subjetiva na forma objetiva de ações desviantes. Ao ocupar, espacial e

[90] As referências que faço a partir de agora ao que chamo de conhecimentos ou paradigma psi partem assumidamente de uma generalização que sei ser bastante superficial. No entanto, não caberia aqui, tendo em vista os fins pretendidos e o exíguo tempo de pesquisa, aprofundar-me na questão. Acompanhando aproximadamente o que diferentes autores têm a dizer sobre o assunto e, sobretudo, as colocações de Nikolas Rose, procuro apenas reforçar a idéia de uma inflexão na compreensão da subjetividade humana no Ocidente inaugura por estes saberes e solidificada, talvez, na concepção de *self*. Assumo, pois, aquilo que Salem chama de senso comum em uma determinada literatura acadêmica sobre o assunto: "... tornou-se senso comum nessa literatura – mas não só nela – a postulação de um vínculo íntimo entre o sujeito psicológico e os saberes psiquiátrico, psicológico e/ou psicanalítico genericamente designados 'psis'. Ora insiste-se em que a prática de submeter-se a terapias 'psis' vem fornecendo para os estratos médios uma 'linguagem' para a 'modernização' e/ou para a 'distinção' (...); ora destaca-se a 'fabricação' do próprio sujeito e de seu correlato 'intimismo psicológico' como um dos efeitos mais significativos da difusão das 'estratégias disciplinares'" (Salem, 1992a:68).

[91] Para os quais os procedimentos de exclusão instaurados por modernas instituições asilares foram determinantes. Cito: "A objetividade tornou-se a pátria do desatino, mas como um castigo. Quanto aos que professam que a loucura só caiu sob o olhar serenamente científico da psiquiatria após ser libertado das velhas participações religiosas e éticas nas quais a Idade Média a havia encerrado, esses devem ser constantemente remetidos a esse momento decisivo em que a insanidade conquistou suas dimensões de objeto, ao partir para esse exílio onde durante séculos ficou muda; deve-se pôr-lhes diante dos olhos esse pecado original, e fazer reviver para eles a obscura condenação que lhes permitiu, e só ela, manter sobre o desatino, afinal, reduzido ao silêncio, esses discursos cuja neutralidade é proporcional à capacidade que eles têm para se esquecer dos fatos. Não é importante para nossa cultura que o desatino só tenha podido tornar-se objeto de conhecimento na medida em que foi, preliminarmente, objeto de excomunhão?" (Foucault, 2004:105); e "... se o século XVIII aos poucos abriu lugar para a loucura, se distinguiu certas figuras dela, não foi aproximando-se dela que o fez mas, pelo contrário, afastando-se dela: foi necessário instaurar um novo espaço e como que uma outra solidão para que, em meio desse segundo silêncio, a loucura pudesse enfim falar. Se ela encontra seu lugar, isto acontece na medida em que é afastada, deve seus rostos, suas diferenças, não a uma atenção que se aproxima, mas a uma indiferença que a isola..." (Foucault, 2004:393).

institucionalmente, o espaço anteriormente ocupado pela lepra, cujas manifestações objetivas já tinham uma legitimidade indiscutível, a loucura, enquanto fenômeno medicável, dependia de um paradigma clínico que reconhecesse como verdadeiro o procedimento de objetificação patológica de determinadas condutas. Para Foucault, a psicologia depende de que uma parte constituinte do sujeito, já tomado como valor, seja ao mesmo tempo realidade e elemento a ser conhecido, mistério: é preciso ofertar objetivamente algo da subjetividade para que o conhecimento psicológico possa se constituir como verdade sobre o sujeito[92].

De certa forma, as colocações de Tania Salem comungam dessa compreensão de que o saber psicológico introduz algo de novo na forma como o humano é pensado no Ocidente. Em "A 'Despossessão Subjetiva': Dos Paradoxos do Individualismo" seu objetivo é refletir sobre toda uma tradição de pensamento das ciências sociais que toma o indivíduo psicológico como ápice de um desenvolvimento mais ou menos contínuo da categoria moderna de Pessoa. Para Salem, as inflexões introduzidas pelos saberes psis inauguram uma nova modalidade para se pensar o auto-escrutínio: o caminho não é direto entre o sujeito ético e o sujeito psicológico, ainda que o último só tenha "sentido e inteligibilidade em um universo individualista" (Salem, 1992a:72). A partir do momento em que o inconsciente é tomado como uma verdade inalienável ao

[92] De seu próprio punho: "Somos obrigados a constatar que, ao fazer a história do louco, o que fizemos foi – não, sem dúvida, ao nível de uma crônica das descobertas ou de uma história das idéias, mas seguindo o encadeamento das estruturas fundamentais da experiência – a história daquilo que tornou possível o próprio aparecimento de uma psicologia. E por isso entendemos um fato cultural próprio do mundo ocidental desde o século XIX: esse postulado maciço definido pelo homem no ermo, mas que o demonstra bem: o ser humano não se caracteriza por um certo relacionamento com a verdade, mas detém, como pertencente a ele de fato, simultaneamente ofertada e ocultada, uma verdade" (Foucault, 2004:522).

sujeito, erige-se uma dimensão incontrolável, por assim dizer, convivendo lado a lado – e, muitas vezes, em conflito – com o voluntarismo responsável através do qual geralmente se define o individuo jurídico. A essa condição a autora dá o nome de despossessão subjetiva, em oposição à concepção de indivíduo que se constitui na medida em que é proprietário de si mesmo, de sua liberdade e de sua vontade.

Segundo Salem, é uma produção acadêmica nacional, a partir de pesquisas empíricas entre camadas médias e letradas da população brasileira, que lança luzes sobre processos de inflexão no caminho até então tido mais ou menos como contínuo entre uma ética do sujeito e a reificação de uma subjetividade inconsciente dos dias atuais[93]. Mais de duas décadas antes de mim, portanto, a autora remete-se à mesma diferenciação interna à obra de Foucault citada acima, de certa forma confortando às minhas hipóteses. Sua polaridade está entre as colocações de Foucault nos segundo e terceiro volumes da sua *História da Sexualidade* e as de Georg Simmel[94] *e* a hermenêutica do sujeito que surge com o advento dos chamados saberes psis, para a elucidação da qual o primeiro volume da mesma obra de Foucault teria contribuído. Para Salem, são duas modalidades diferentes de sujeito e o que as distingue é justamente a ausência ou

[93] Salem refere-se aqui à vertente de pensamento antropológico inaugurada por Gilberto Velho que se foca "nos 'segmentos intelectualizados e psicanalisados' das camadas médias brasileiras. A despeito das clivagens observáveis no interior desse campo teórico e temático, impõe-se o consenso de que é precisamente aí que se encontram 'os portadores mais característicos da vertente psicologizantes da ideologia individualista'. 'Sujeito auto-referenciado', 'aguda consciência da individualidade singular', preceito do 'auto-exame' ou de uma 'relação a si', 'mudança', 'aperfeiçoamento pessoal', 'opções subjetivas', 'igualdade', liberdade', 'ânsia de diferenciação' são, entre outras, categorias que perpassam essa literatura e que, a seu ver, definem e qualificam essa modalidade de Pessoa" (Salem, 1992a:67 – 68).

[94] Que Salem aciona, junto com outros autores, para dar conta da dimensão mais subjetiva e/ou interna que os trabalhos de Macpherson e Dumont teriam pouco explorado (Salem, 1992a:63).

presença de uma mediação externa inserida nos processos de subjetivação[95]. De um lado, um desenvolvimento de práticas de auto-cultivo e de liberdade que parecem emanar do próprio indivíduo, que toma cada vez mais o caráter de mônada. De outro, a imprescindibilidade de alteridade para o processo de auto-identificação. Em Salem:

> "... reservo, doravante, o termo 'sujeito' ou 'indivíduo psicológico' para referir-me àquele que está intimamente vinculado aos saberes 'psis'. Decorre dessa distinção a idéia de que a especificidade do último não se reduz às propensões culturais de 'interiorização', 'introspecção' e 'subjetivação', ainda que elas sejam indubitavelmente necessárias para sua afirmação. Aquilo que singulariza o 'indivíduo psicológico' face ao 'sujeito ético' é precisamente seu inelutável atrelamento aos saberes 'psis'. / Não pretendo com tal assertiva endossar a tese foucaultiana, anterior aos dois últimos volumes da *História da Sexualidade*, segundo a qual o sujeito é 'fabricado' pelos 'poderes-saberes'. Trata-se sim de reconhecer – como aliás faz o autor, e não só ele – que os saberes 'psis' afirmam-se como importante foco de produção social de representações sobre o indivíduo moderno. São essas representações que elucidam a modalidade mediatizada de

[95] Fica claro que, como pano de fundo, este paradigma de pensamento sociológico a que me reporto está se referindo ao surgimento e desenvolvimento do indivíduo moderno enquanto valor. Simmel, nos primeiros anos do século XX, foi um dos precursores desta chave de interpretação dos processos sociais de modernização e aponta para dois fenômenos que, separados por alguns séculos, se combinaram para a formação do individualismo ocidental contemporâneo. O primeiro, caracterizado pelo desprendimento da capacidade racional do homem em relação às amarras do pensamento dogmático e religioso, criou o indivíduo livre e responsável ao longo do século XVI. O segundo, já no século XIX, é aquele que começa a delinear a idéia de personalidade: da pessoa como ser único, como subjetividade exclusiva. Após a queda de hierarquias e poderes pessoais através de processos revolucionários, ascende o indivíduo que, para além de buscar um reconhecimento como ser humano igual e livre como os outros, parte em busca das suas especificidades, da constituição de uma presença original. Como coloca Rüdiger, os dois processos combinados fomentam o culto à individualidade próprio da sociedade moderna (Rüdiger, 1996:158). Para Simmel, o homem moderno, habitante dos grandes centros urbanos, é aquele que desenvolveu a inteligência para proteger a sua subjetividade. Deve se desvencilhar constantemente da intensa estimulação sensorial em que está imerso para manter a sua integridade em meio às constantes transformações que configuram o tempo e espaço à sua volta. O isolamento e a atitude *blasé* surgem como contrapontos necessários aos processos de constituição da individualidade moderna e urbana.

> relação a si; e são elas que permitem vislumbrar paradoxos constitutivos do individualismo" (Salem, 1992a:69).

Seguindo historiadores da ciência, Salem concebe a emergência do fato psiquiátrico como determinante de uma crise na concepção moderna de pessoa, na medida em que esta fere uma de suas principais colunas de sustentação: a saber, a consciência e/ou o voluntarismo do sujeito-agente. A psiquiatria, que a autora identifica como primeiro saber especificamente psi sobre o homem[96], constitui-se a partir do postulado de que há algo que emana do sujeito e que, no entanto, está fora de seu controle. Passam a caber a outrem as prerrogativas de conhecimento e atuação por sobre essas emanações subjetivas. É isso que seu termo, despossessão subjetiva, quer dizer, revelando uma clara diferença em relação ao individualismo possessivo abordado por Macpherson. Com o desenvolvimento dos conhecimentos psis, o inconsciente, antes mesmo dos trabalhos de Freud, materializa-se como manifestação exemplar dessa condição. Ainda que essas duas modalidades de sujeito tematizem o chamando mundo interno, como expressões que são do universo individualista contemporâneo, a falta que marca o cerne do indivíduo psicológico constitui em si uma positividade de outra ordem: transformado em objeto de conhecimento, o sujeito passa a depender de alguma alteridade para se subjetificar, para alcançar suas verdades íntimas[97].

---

[96] Salem, 1992a:70.

[97] Ao que a autora chama de vingança do holismo e de paradoxo do individualismo: "... a tese da 'despossessão subjetiva' não é da ordem da mera negatividade: ela impõe a premissa de que, exatamente por ser (ou estar) destituído de si, o indivíduo psicológico está na dependência de um outro para aceder a si próprio. Sugiro que esta e a principal decorrência lógica da representação letrada do indivíduo psicológico como despossuído de si, e é ela que fundamenta o encontro mediatizado do sujeito consigo próprio" (Salem, 1992a:72).

Em “Religião e Psicanálise no Brasil Contemporâneo: Novas e Velhas *Weltanschauungen*”, texto de 2005, Luiz F. Dias Duarte e Emilio N. de Carvalho qualificam o momento atual através do que chamam de uma visão de mundo pós-psicológico:

> “... no sentido de continuar pressupondo, subjacente, a visão de mundo psicológica. Poder-se-ia considerar como características dessa continuidade a preeminência de um subjetivismo estruturante (sistemas de interpretação do mundo centrados no ego), a crença na existência de uma interioridade, a representação de uma dinâmica agonística dessa interioridade, o reconhecimento de uma dimensão obscura a esclarecer em seu âmago, a suposição de que esse âmago esteja relacionado com a experiência pessoal dos primeiros anos de vida (e eventualmente de vida intra-uterina), a disposição pragmática de dispor concomitantemente de diversos sistemas de interpretação e terapêutica (sem pressupor uma ‘conversão’ religiosa exclusivista, por exemplo) e – sobretudo – o privilégio de uma salvação intramundana (cura, conscientização, insight, equilíbrio interior etc.)” (Duarte & Carvalho, 2005:478).

Aqui também se destaca o ideário de uma subjetividade ofertada ao conhecimento.

As colocações de Salem específicas sobre auto-ajuda encontram-se em outro trabalho – intitulado *Manuais Modernos de Auto-Ajuda: Uma Análise Antropológica sobre a Noção de Pessoa e suas Perturbações*[98] – mas o universo

[98] Que, como o próprio título anuncia, entra no rol dos trabalhos que partem da compreensão da auto-ajuda como manual, que abordei acima: “Observa-se hoje no Brasil e também nos EUA um importante movimento editorial voltado para um gênero que pode ser chamado de ‘auto-ajuda’. Designamos com a expressão – aliás utilizada pelos próprios autores – livros que se dispõem a oferecer um conjunto minucioso de receitas e exercícios por meio do qual, garante-se, ‘qualquer

de discussão é praticamente o mesmo. Isso porque, para a antropóloga, a unidade subjacente ao gênero, apenas aparentemente homogêneo, como ela mesma diz, depende de determinadas concepções de humanidade que sustentam essa literatura. Se, em Smiles, como nos mostra Rüdiger, a auto-ajuda pensava ser humano a partir da força do hábito e dos valores morais do trabalho e do caráter, a produção contemporânea, assim como analisada por Salem, parte da noção de pessoa como tabula rasa, livre por excelência, e da valorização de uma mente unanimemente consciente, que luta para estar no controle de tudo o que se passa. Nesse sentido, e fazendo referência ao seu outro trabalho que venho comentando, parece-me que Salem coloca essa literatura mais ao pólo do sujeito ético do que do sujeito psicológico, já que a subjetivação reificada por esses livros parece prescindir de mediações externas – diferentemente de práticas terapêuticas que exigem uma alteridade para o processo de auto-identificação. Isso se revela na décima sexta nota do texto, que transcrevo a seguir:

> "Se é fato que a idéia de 'auto-ajuda' deve ser relativizada na medida em que prevê a intermediação de um saber especializado representado na própria existência de manuais, a noção de 'responsabilidade individual' estabelece um 'resíduo' que devolve ao termo sua plena acepção: ainda que orientado por ditames 'científicos', o indivíduo – e só ele – pode se auto-ajudar" (Salem, 1992b:32).

Para a autora, a literatura de auto-ajuda fortalece a concepção de pessoa que se confunde com as noções de consciência, voluntarismo e capacidade de

---

um' pode 'tornar-se outra pessoa', 'curar seus males físicos e mentais', alcançar sucesso no trabalho e na vida afetiva' e/ou encontrar 'o caminho da felicidade'" (Salem, 1992b:1).

escolha. Daí a sua diferença em relação ao que se tem com o advento dos conhecimentos de ordem psi. Dessa forma, Salem propõe uma solução para o que outros estudiosos chamaram de paradoxo da auto-ajuda: a saber, essa necessidade de uma pedagogia, introjetada via leitura, para construir e/ou acessar a sua própria intuição[99]. O importante é que é ele, leitor, quem a acessa e não necessariamente outra pessoa como, talvez, um psicanalista, para polarizar com um possível sujeito reificado pelas mediações psis. Como coloca Alves,

> "... a literatura de auto-ajuda se situa em um marco de pensamento que tem por pressupostos que qualquer pessoa pode ajudar-se, prescindindo de auxílios especializados" (Alves, 2005:11).

No entanto, também aqui há cisão no cerne do Eu: os manuais analisados por Salem dão conta da agência de *uma parte* da mente – que é unidade natural e privilegiada de atenção na literatura em questão[100] – em relação a outra *parte*, doente, quase leviana, que precisa de ajuda. Se há alguma dimensão inconsciente nesta concepção de humanidade, esta é apresentada como personagem rebelde, que escapa ao controle daquela parte responsável, relativamente muito mais próxima do individualismo possessivo do que da despossessão subjetiva[101]. O cenário é o de uma luta interna à mente[102], que

[99] Alves, 1995, 2005:13; Daniels, 1993; Hazleden, 2003:415; Hochschild, 2003b:50; Rüdiger, 1996:17; Zelizer, 2005:43.
[100] Para Salem, os manuais operam através de uma exacerbação da interiorização ou da interioridade, muitas vezes encapsulada na imagem da mente humana (Salem, 1992b:12 – 13).
[101] "Delineiam-se assim as condições de possibilidade do tratamento moral e da 'cura'. A tese da 'conivência' aponta para o caráter irredutível conferido pela literatura à categoria de 'responsabilidade individual'. Concebendo a realidade como um produto do pensamento do sujeito, os manuais insistem em que se ele é neurótico, infeliz, pobre ou doente é porque, de alguma forma, *decide* sê-lo; é ele, afinal, que 'escolhe' enovelar-se em hábitos mentais nocivos. Tal

deve necessariamente ser vencida por aquela parte quase intercambiável ao Ego, às suas vontades e disposições[103].

Informada pelo meu campo, também parto da idéia de que a auto-ajuda reifica uma concepção de pessoa cindida em sua mais profunda intimidade. Há objetificação da subjetividade. No entanto, diferentemente do que parecem indicar os textos de Salem, tomo esse consenso nos textos como parte da operatória do chamando paradigma psi. É somente com a explosão das suas fronteiras acadêmicas e com a transformação desse conhecimento em visão de mundo que um gênero de escrita tal qual a auto-ajuda pode postular essa possibilidade de subjetivação e mesmo de autoterapia. Tal si mesmo (a) reifica-se como obrigação moral nessa literatura. A idéia de que é possível fazer algo por si mesmo (a) – o que, muitas vezes, significa apenas entrar em contato com essa dimensão subjetiva, através da introjeção de saberes e práticas via leitura – depende necessariamente da objetificação dessa grandeza interna e determinante do sujeito, para fins de conhecimento e atuação.

O material sobre o qual me debrucei ao longo da pesquisa traz à luz algumas temáticas através das quais se dá essa reificação do *si mesmo*. Antes concluir o debate mais geral sobre o que Nicolas Rose chama de ontologia psi no gênero da

---

diagnóstico sugere – e desponta aí a outra condição sine qua non da cura – que na verdade o sujeito nunca está inteiramente despossuído de si, nem de sua vontade, nem de sua liberdade, nem de sua consciência. Em outras palavras (...), tais atributos estão alocados na natureza humanas e, enquanto tal, afirmam-se como patrimônio inalienável do sujeito. As 'perturbações' são, tão somente, sedimentos que se acrescentam a essas disposições 'naturais', mas que não as maculam em sua essência." (Salem, 1992b:18 – 19)

[102] Luta interna que tem seus efeitos externos na medida em que a realidade é apresentada como fruto das ações humanas: "A pedagogia moral propalada pela literatura visa precisamente suprimir esses males que acometem a mente (e as repercussões daí derivadas), permitindo aos sujeitos um assenhoramento de si e, por derivação, do mundo" (Salem, 1992b:14).

[103] Salem, 1992b:20.

auto-ajuda, destaco duas delas: a que se refere ao espaço ocupado pelo tal si mesmo nos relacionamentos afetivos e aquela que fala da sua importância para a caracterização da chamada crise da meia-idade.

***

Os estudos de Rebecca Hazleden sobre o que chama de manuais para relacionamentos[104] são ilustrativos na medida em que revelam uma estratégia de cisão no interior do eu como base para a ação de autotransformação que tais títulos buscam promover. Em "Love Yourself: The Relationships of the Self with Itself in Popular Self-Help Books", texto de 2003, a autora nota que grande parte dos livros de auto-ajuda que buscam auxiliar o leitor a dar conta dos seus problemas em relações afetivas acaba focando em soluções e/ou conselhos individuais. Isso porque o relacionamento primordial, para o qual muitas vezes as pessoas acabam dando pouca atenção, é aquele que envolve o sujeito *consigo mesmo*. Seus textos, em inglês e sobre originais nessa língua, trabalham com a oposição entre o *self* e o *itself* e enfocam justamente a forma através da qual essa literatura constrói o si mesmo como esta obrigação ética para seus leitores[105]. Segundo os livros analisados pela socióloga, as pessoas encontram dificuldade

[104] Segundo a autora, e eu também pude constatá-lo, não parecem existir classificações internas estáveis ao gênero da auto-ajuda que digam respeito exclusivamente aos problemas de relacionamento – ou, no caso da minha pesquisa, à chamada crise da meia-idade. Há de se garimpar os volumes de mais interesse dentre uma gama enorme de publicações. A partir de uma busca em algumas listagens de best-sellers entre 1963 e 2001, Hazleden selecionou quatorze títulos, que falam de relacionamentos afetivos, mais baseados em uma ontologia psi do que voltados para uma etiqueta comportamental (Hazleden, 2003:425).
[105] Hazleden, 2003:415.

para amar outras pessoas porque não se amam em primeiro lugar[106]. O que emerge como solução para os problemas afetivos é a idéia do desligamento (*detachment*, no original): é preciso depender menos dos outros[107] e investir mais no conhecimento, diálogo e controle de si mesmo. Não se trata de uma ambigüidade, assim como coloca Alves[108], mas sim de uma necessidade: a conjugalidade, assim como outras formas de relacionamento afetivo, é tomada primeiramente como espaço para o desenvolvimento da individualidade. Mariana Fontes, Maria Pereira e Regina Pimentel, em *Mulher 40 Graus à Sombra: Reflexões Sobre a Vida a partir dos 40 Anos*, comentam essa equação entre relacionamento e solidão:

> "De qualquer modo, casadas ou não, começamos a descobrir que, para existir, precisamos metabolizar a solidão em cada músculo do corpo. Quem sabe até mesmo começar a aprender como lidar com ela. Como não é um problema de viver sozinha ou estar casada, resta encará-la como uma busca pessoal, uma disposição interna, experimentada por homens e mulheres, sem diferenças essenciais. Mesmo achando que o amor é fundamental e 'é impossível ser feliz sozinho', há que se preservar a liberdade interior e cada um aceitar no outro certo isolamento, para que a relação a dois seja um encontro de maior qualidade. / Amor – Solidão. Como lidar com esta equação? O amor está para a solidão, assim como a solidão está para a individualidade. Mero jogo de palavras? Vamos considerar aquele quantum de afeto que todo ser humano precisa para desenvolver suas potencialidades: na relação com os pais, os irmãos, os amigos e o par. Em qualquer uma destas formas, o amor enriquece a solidão e vice-versa, ajudando assim cada um a experimentar a liberdade de fazer tudo que a lei permite. Abdicar da responsabilidade individual, condicionando toda forma de expressão à aprovação do

[106] "De acordo com a literatura de auto-ajuda, para amar é preciso que primeiramente, as pessoas tenham amor por si." (Alves, 2005:89)
[107] "The ideal self doesn't need much, and what it does need it can get for itself." (Hochschild, 1994:14)
[108] Alves, 2005:191.

outro, é igual a aprisionar o amor e confinar o sujeito" (Fontes, Pereira & Pimentel, 1994:25 – 26).

Uma das contrapartidas mais radicais desse movimento é também abordada em outro trabalho de Hazleden, "The Pathology of Love in Contemporary Relationship Manuals", de 2004: como o próprio título anuncia, a construção do amor por outrem como um problema. Segundo a autora, uma das principais estratégias destes livros consiste em associar o sentimento e a vontade de cuidado aos efeitos físicos causados por substâncias psicoativas, as chamadas drogas[109]. A referência a procedimentos químicos e hormonais pretensamente constituintes do encontro afetivo, ao mesmo tempo em que justifica a idéia do desligamento como saída mais saudável possível, acaba universalizando e naturalizando os ideais do amor romântico. E, mais uma vez, o procedimento opera através de uma separação no interior do eu: se as emoções são frutos de processos químicos tais quais aqueles que escravizam um viciado, é possível delas se distanciar para poder se conhecer e se transformar. A atenção a si mesmo é evocada na medida em que o amor oferece o perigo de que, em prol do 'nós' que a pessoa deseja construir ao lado da figura amada, ela esqueça de si mesma. Teresinha de Jesus, uma artesã entrevistada por Regina Lemos aos quarenta e três anos de idade, ao comentar as angústias provocadas por uma espera amorosa, revela esse tipo de preocupação:

[109] Alves também encontrou o apelo a um biologicismo alçado por autores de auto-ajuda em sua pesquisa: a idéia aqui é legitimar suas afirmações através de uma terminologia que alude aos supostos fatos indiscutíveis da natureza biológica dos seres humanos (Alves, 2005:102). A questão da medicalização da menopausa, que se liga a essa temática pelo mesmo tipo de determinismo biologizante, será abordada oportunamente, no terceiro capítulo desta dissertação.

> "... eu ainda tenho, sim, uma sensação de que o tempo bom pra encontrar alguém está passando, como se a hora legal de viver um amor fosse agora, e não depois, qualquer outra hora. Mas eu consegui mudar tantas coisas na minha vida, talvez consiga mudar isso também e um dia sentir aquele amor universal que todos os mestres dizem que é a grande fonte de satisfação. Sua fonte de afeto não precisa ser um homem, mas todas as pessoas. Parece que a cura de tudo é mesmo por aí. Até porque a gente perde tanto tempo de vida esperando alguém; é louco isso, viu? Por que é que a gente espera tanto alguém que não vem? Que saco! Mas eu sei que uma hora mudo de plano, e vai ser como as outras descobertas que eu fiz: olhar pra trás e dizer, 'nossa, como minha vida melhorou'..." (Lemos, 1996:217).

A idéia de que um relacionamento afetivo-sexual possa prejudicar a descoberta e o acesso a elementos subjetivos repete-se na fala da produtora de filmes e fotos, Claudia Duarte, entrevistada por Lemos aos quarenta e quatro anos de idade:

> "Eu não estou em busca de um marido nem de um namorado a qualquer preço. Só namoro hoje se for muito bom, não pra ter um homem do lado. Mas acho mais fácil você lidar com seu envelhecimento quando está casada, tem um companheirão que valoriza você, que quer algo além de um corpo durinho, no lugar. A vantagem é que, quando você não tem esse apoio do maridão, busca mais intensamente seus recursos internos para ter autoconfiança, para gostar de você e se sentir segura, mesmo se não tem 20 anos, não gosta de praia e não faz ginástica" (Lemos, 1996:299).

Os livros analisados por Hazleden parecem recomendar uma revisão das condutas associadas à doação e ao cuidado e uma dose de egoísmo saudável é proposta como estilo de vida para uma pessoa que deseja entrar em contato com o seu próprio *self*, com as suas próprias emoções. O desligamento é visto como algo desejável para todas as partes envolvidas num relacionamento: tanto para

o(a) leitor(a), que é conduzido a se enxergar como um doente ou como um viciado, quanto para seu par já que, sem contar com uma namorada-mãe ou com uma mãe ao quadrado, também é obrigado a desenvolver esse laço profundo consigo mesmo[110]. A frieza que Arlie Hochschild encontra nos livros de auto-ajuda estadunidenses para mulheres mais recentes é dissociada da pura indiferença na medida em que é vista como uma postura dolorosa, porém necessária: distanciar-se das pessoas queridas pode ser difícil, mas faz parte do processo de cura dos chamados dependentes de relacionamentos[111]. O amor torna-se perigoso na medida em que toma espaço da relação mais importante que a pessoa deve sustentar: a saber, aquela que ela mantém com si mesma. O ideal da autenticidade, que muitos estudiosos identificaram como forte regularidade na literatura de auto-ajuda[112], remete justamente ao cenário de desprendimento em relação às referências externas: cada vez mais, é preciso ser leal primeira e primordialmente a si mesmo.

Por outro lado, a crise da meia-idade me parece ser construída pelos livros analisados como momento crucial deste encontro da pessoa consigo mesma. Regina Lemos, ao final de seu livro, fala dessa descoberta quando comenta a sua própria crise, numa passagem que já registrei acima[113]:

---

[110] Tratam-se de questões obviamente inextrincáveis às dimensões do gênero para se pensar sobre emoções e sobre cuidado: temas que discutirei mais à frente, no segundo capítulo desta dissertação.

[111] "Uma pessoa co-dependente é alguém que, para manter uma sensação de segurança ontológica, requer outro indivíduo, ou um conjunto de indivíduos, para definir as suas carências; ela ou ele não pode sentir auto-confiança sem estar dedicado às necessidades dos outros." (Giddens, 1993:101 – 102)

[112] Hazleden, 2003:415; Alves, 2005:34; Giddens, 2002:74; Rüdiger, 1996:126; Hochschild, 2003a:190; Ehrlich, 1984:732.

[113] Cf. página 7.

> "Não foi para exorcizar a dor que decidi incluir minha história em *Quarenta*, mas para afirmar que, mais do que nunca, percebo que uma mulher de meia-idade tem recursos que sua razão desconhece..." (Lemos, 1996:311).

A crise parece vir como ante-sala destas descobertas, bastante afinada, portanto, com as concepções acerca do curso da vida contemporâneo que procurei retratar na Introdução desta dissertação.

Elyseu Mardegan Jr., no seu *Homem 40 Graus: A Hora do Lobo*, descreve a crise dos quarenta masculina de forma análoga. Para Mardegan Jr., o lobo entra em colapso porque as emoções que ele vem reprimindo ao longo de sua vida lhe arrebatam violentamente naquele momento. A idéia é a de que o homem pode viver e vive muito tempo – não necessariamente quarenta anos, já que não há obrigatoriedade cronológica[114] – afastada de uma parte importante que a constitui: no caso, suas emoções. O ideário das emoções que afloram se repete muitas vezes ao longo do texto para dar conta desse encontro inevitável que o homem deve ter consigo mesmo na maturidade:

> "A idade do Lobo é um processo de introspecção, de *ouvir a si mesmo*, de adquirir maior lucidez sobre os fatos da própria vida" (Mardegan Jr., 1997:48 – grifos meus).

[114] "... considero impossível e até ingênuo tentar relacionar esse momento de explosão com a idade cronológica. A Hora do Lobo é muito mais um acontecimento psicológico que cronológico. Tudo o que se criou ao redor dos 40 anos não passa de um mito. Observei alguns casos em que esse momento de transição ocorreu *antecipadamente* para alguns homens, podendo até surgir em torno dos 35 anos. Em outros casos, a Idade do Lobo *chegou com atraso*, ao redor dos 50. Seja qual for a idade em que isso aconteceu, ninguém pode afirmar que, 'aos 40 anos, dois meses e cinco dias', a crise vai bater à sua porta e dizer: 'cheguei'" (Mardegan Jr., 1997:20 – grifos meus). Essa fala parece coadunar com as colocações de Bassit quando ela fala mais sobre a coexistência de processos de institucionalização e de desinstitucionalização etários – bem como os próprios à modernidade e os próprios à pós-modernidade – do que da substituição absoluta de uns por outros (Bassit, 2000:232). Aqui a idéia da crise é construída com esta imprecisão (que é cronológica mas também sintomatológica) justamente para poder abarcar a muitos: como não está exatamente definida, seus significados podem gerar identificação numa grande gama de sujeitos e experiências.

Evocando o que chama de modelos sociais, Mardegan Jr. diz que isso só acontece porque o homem fora educado desde a infância para reprimir emoções em prol da execução dos papéis esperados de protetor, provedor e procriador[115], que exigiram durante toda sua vida uma maior frieza para a performance adequada da masculinidade:

> "... após anos e anos buscando uma realização que não era a sua e correndo atrás de sonhos que não eram seus próprios sonhos, ele acaba percebendo que esse modelo lhe negou a oportunidade de vivenciar uma existência repleta de oportunidades, numa área que ele pouco conhece – seus sentimentos e emoções. O Lobo descobre ainda que possui uma vida interior bastante limitada pelos papéis de homem na sociedade, pelo que é permitido a ele representar. Ele então começa a desejar realizar vários sonhos e fantasias que não pôde sequer alimentar, quanto mais realizar. Esse macho, agora sem rumo, que passou a vida inteira tentando esconder e controlar suas emoções, sente-se ironicamente controlado por elas. Submetido a esse processo na meia-idade, o homem não raramente assume uma perigosa postura de querer tirar o atraso. Essas e outras questões acabam gerando uma explosão de sentimentos e questionamentos" (Mardegan Jr., 1997:81).

E a solução parece partir do relacionamento auto-referenciado de que fala Hazleden:

> "É nesse processo de adaptação que, ao passar pela transição da meia-idade, o homem precisa entrar num acordo *consigo mesmo*" (Mardegan Jr., 1997:84 – grifos meus).

Para aquém da dimensão de gênero evocada por Mardegan Jr., que será explorada mais à frente, o que emerge é justamente esse padrão de cisão no interior do eu, aqui entre a pessoa e suas emoções. Se a crise a da meia-idade

[115] Mardegan Jr., 1997:78.

surge por conta do relacionamento tortuoso entre essas duas partes, e a solução evocada passa por uma mudança de postura de uma parte dando mais atenção a outra, o que se reifica é essa concepção de pessoa que pode objetificar a si mesma para poder agir: a saída para a crise passa necessariamente pela compreensão da importância do relacionamento entre o sujeito e ele mesmo. Fontes, Pereira & Pimentel pintam dramática e sintomaticamente essa construção da subjetividade:

> "O cinzento me habita. Não terei quem venha em meu socorro. É hora de *dar-me a mão*. Suportar meu passo lento, trôpego. Acreditar no que me constitui. Se não vem por si, que seja trabalhando, nos seus deslizes, nos seus matizes" (Fontes, Pereira & Pimentel, 1994:6 – grifos meus).

A noção de pessoa posta em funcionamento parte, portanto, de uma separação o que o sujeito é – ou aparenta ser – e alguma essência sua, e o esforço é todo no sentido de acessar essa segunda dimensão, supostamente mais densa, confinada, misteriosa. Se isso não é feito por outrem, em situação controlada de mediação por um profissional da área psi, algo desta aura deve guiar esse encontro solitário. O ideal da autenticidade remete justamente a um cenário que incita ao desprendimento em relação às referências externas: cada vez mais, é preciso ser leal primeira e primordialmente a si mesmo.

Se os autores dos livros sobre os quais me debrucei se negam a assumir a alcunha da auto-ajuda, fortemente associada ao imaginário da receita infalível, talvez isso se deva também a estas concepções de subjetividade. Ao rejeitarem a posição de donos da verdade, fazem uma espécie de convite ao leitor ao longo de suas páginas: como se ele pudesse ser seu parceiro na empreitada de superação

da sua própria crise da meia-idade[116]. Antes mesmo de objetificar a crise, como será visto com mais detalhe no terceiro capítulo desta dissertação, os livros partem dessa possibilidade quase que permanente de objetificação do subjetivo desse sujeito via racionalidade. Algo que, inspirada sobretudo em Rose, tomo como decorrência da coloração psicológica que tinge em fortes tons a concepção contemporânea de pessoa.

Seguindo a linha de pensamento inaugurada por Foucault, alguns textos de Rose falam das tecnologias da subjetividade como produtoras ao mesmo tempo de um objeto – esta subjetividade – e das autoridades que dele falam legitimamente – a quem o autor chama de experts da alma. Trata-se de levar a sério as relações entre poder e saber para pensar na importância da psicologia "como importante foco de produção social de representações sobre o indivíduo moderno" – para retomar a citação de Salem transcrita acima, nas páginas 71 e 72 – e de tomá-la não como causa, mas sim como parte do processo de elaboração de um verdadeiro código moral vigente nos dias atuais, que elege noções tais quais as de autonomia, responsabilidade e liberdade como pontos nodais para a experiência contemporânea[117]. E é interessante notar como o autor aborda o assunto: alinhavando aquilo que, até aqui, podia ser tomado como disparidade definitiva entre esses conhecimentos e as chamadas técnicas ou práticas de si. Cito:

[116] Ora, parece ser justamente isso que Franco faz ao disponibilizar um sem fim de informações científicas a fim de "*contribuir para o autoconhecimento* das mulheres maduras, para que elas reflitam sobre como estão conduzindo sua vida, sua saúde, seus valores" (grifos meus), assim como transcrito de seu livro na página 36 do presente texto.
[117] Rose, 1996.

> "As tecnologias da subjetividade existem, pois, numa espécie de relação simbiótica com aquilo que poderíamos chamar de 'técnicas de si': as formas pelas quais nós somos capacitados, através das linguagens, dos critérios e técnicas que nos são oferecidos, para agir sobre nossos corpos, almas, e pensamentos e condutas afim de obter felicidade, sabedoria, riqueza e realização. Através da auto-inspeção, da autoproblematização, do automonitoramento e da confissão, avaliamos a nós mesmos de acordo com critérios que nos são fornecidos por outros. Através da auto-recuperação, da terapia, de técnicas de alteração do corpo e da remodelagem calculada da fala e da emoção, ajustamo-nos por meio das técnicas propostas pelos experts da alma. *O governo da alma depende de nos reconhecermos como, ideal e potencialmente, certo tipo de pessoa, do desconforto gerado por um julgamento normativo sobre a distância entre aquilo que somos e aquilo que podemos nos tornar e do incitamento oferecido para superar essa discrepância, desde que sigamos o conselho dos experts na administração do eu.* A ironia é que nós acreditamos, ao transformar nossa subjetividade no princípio de nossas vidas pessoais, de nossos sistemas éticos e de nossas avaliações políticas, que estamos, livremente, escolhendo nossa liberdade. Um possível objetivo subjacente a uma análise dessas tecnologias da subjetividade é o de contribuir para escrever a genealogia dessa liberdade" (Rose, 1998:43 – 44 – grifos meus).

São essas tecnologias da subjetividade – e todo o arcabouço cultural e moral que elas acionam – que possibilitam a existência de autores que falam desse si mesmo sem serem nem especialistas psis, de um lado, nem gurus ou donos da verdade, de outro. Não só aí, mas quando Mardegan Jr. titubeia sobre a classificação de seu primeiro livro e diz que, de certa forma, o rótulo de auto-ajuda

faz algum sentido já que ele não é psicólogo de formação[118], o que se revela é essa expansão do conhecimento psi para muito além de seu campo intelectual e profissional, determinando o que parece ser atualmente a única forma inteligível para se pensar sobre quem somos. É, portanto, concordando plenamente com Rose quando ele diz que "nos tornamos seres inteiramente subjetivos" (Rose, 1998:33) que encaro as relações entre a auto-ajuda e o que venho chamando de paradigma psi: se não há mediação por um profissional, como parece ser crucial pra Salem, os livros parecem tratar em suma de produzir o si mesmo como objeto e como objetivo absolutos ao sujeito.

[118] Página 47 do presente texto.

Capítulo 2: Ciências Sociais e Emoções: Sobre o Gênero do Cuidado.

É relativamente recente a constituição de um campo de interesses no interior das ciências sociais que se volta especificamente para a reflexão sobre as emoções humanas – o que não quer dizer que essa temática esteve ausente de estudos anteriores, sobretudo daqueles de cunho etnográfico. Uma possível explicação para essa situação pode estar na operatória do que Rose chama de tecnologias da subjetividade, seguindo algumas das muitas aproximações que encontro entre o seu trabalho e o de Foucault.

Falo aqui particularmente da perspectiva proposta em *A Vontade de Saber* que inverte e complexifica a análise da chamada hipótese repressiva para tomar a sexualidade como produto de uma economia discursiva e não como propriedade natural e/ou imanente ao ser humano, crescentemente enjaulada por discursos dominantes. Se o sexo não é segredo absoluto ou primário e depende dos discursos que o produzem para poder existir como tal, o mesmo talvez possa ser dito acerca das idéias correntes sobre subjetividade. Estas parecem se constituir na exata medida em que são gestadas pelo conhecimento e pela expertise moderna da psi[119], ou seja, pela legitimidade daqueles que por elas podem pensar, falar e agir. O que se tem é um crescente quadro de naturalização desses saberes e vocabulários como os únicos possíveis para se dar conta do que se torna a verdade última e misteriosa de cada um. Ao tomar rédeas em processos históricos de construção não só de um campo acadêmico, mas da própria

[119] Rose, 1998:35.

objetividade[120] que nos cerca, as ciências psis afastaram outras reflexões dos centros hegemônicos de produção de sentido sobre essa realidade.

A força destas representações, e também a de algumas das dicotomias que constituem um passado mítico propriamente sociológico, para usar a expressão de Michelle Rosaldo[121], estranharam durante muito tempo o estudo específico da subjetividade e das emoções pelos cientistas sociais. E, de acordo com o que venho propondo, esse olhar só pôde ser lançado recentemente, quando a reclusão e névoa, através das quais se esconde essa matéria, foram tomadas como partes constitutivas do cenário. Um distanciamento das antipatias que possivelmente nutrimos pelas ciências psis – para usar a expressão de Naomi Quinn[122] – faz-se necessário para que o *self* possa ser tomado como um objeto, como qualquer outro, que não pode ser dissociado dos discursos – científicos ou não – que o produzem continuadamente[123]. Seguindo algumas resenhas críticas sobre o campo, destaco no próximo segmento do texto alguns momentos da literatura das ciências sociais sobre a temática das emoções humanas.

---

[120] Rose, 1996.
[121] Rosaldo, 1984:137.
[122] Quinn, 2006:377.
[123] Toda a reflexão de Debert sobre a gerontologia pode, talvez, ser lida nesta chave interpretativa. Seus textos mostram como, ao se constituir na revisão de estereótipos negativos ligados aos processos de envelhecimento, esse corpo de conhecimentos acabou construindo novas imagens da velhice, constituindo-a como uma especialidade (Debert, 1999a:31). Sua análise revela como a substituição do velho pelo idoso na ordem do dia – e toda a inversão de valores que isso implica (Debert, 1999a:61) – coloca a gerontologia como forte defensora de uma versão radical de construcionismo cultural que, se levado às últimas conseqüências, nega o seu próprio objeto: "Os geriatras parecem, antes, ter radicalizado a idéia de construção social, acreditando que não há limites para o sucesso do investimento cultural/tecnológico sobre o corpo. Desconstruindo seu próprio objeto de estudo e intervenção, são agora agentes ativos na proposta de uma parafernália de receitas a indicar que a eterna juventude é um bem, um valor que pode ser por todos conquistado 'com medidas simples e baratas'" (Debert, 1999a:226). Discutindo temas afins, o trabalho de Cohen sobre a gerontologia na Índia mostra como a primeira tarefa desta fora justamente a da constituição do seu objeto, a velhice, como problema social naquele cenário (Cohen, 1998:66).

***

As primeiras revisões deste campo de estudos datam da segunda metade da década de 1980. Em 1986, Catherine Lutz e Geoffrey White publicam no *Annual Review of Anthropology* e, em 1989, Peggy Thoits tem o seu texto publicado no anuário de sociologia. Os dois textos tomam o debate essencialismo *versus* construcionismo como constitutivo da abordagem das ciências sociais às emoções humanas. No limite, importa saber se e em qual grau diferentes autores admitem dimensões sócio-culturais para a construção e/ou expressão emocional. O esforço é no sentido da revisão e suspensão das categorias e oposições que, durante muito tempo, blindaram a temática desses olhares. Mas algumas diferenças básicas se colocam: parece-me que é a abordagem antropológica que radicaliza a proposta na medida em que lança luzes sobre algumas bases para suposições vigentes sobre a subjetividade humana, suspendendo-as para uma análise distanciada e inerentemente comparativa.

Em "The Sociology of Emotions", Thoits diz que um dos principais obstáculos para a constituição de uma epistemologia social das emoções está na imprescindibilidade do uso de um vocabulário que não é técnico, mas sim totalmente permeado por sentidos atribuídos cotidianamente por saberes instituídos e também pelo senso comum[124]. A autora localiza o campo no debate entre os positivistas, que tomam as emoções como reações invariantes e obrigatórias a determinadas situações, de um lado e, de outro, os construcionistas, em versões mais ou menos radicais, que variam em termos da credibilidade que outorgam às chamadas emoções primárias.

[124] Thoits, 1989:322.

É nesse flanco dos construcionistas que Thoits localiza a perspectiva do interacionismo simbólico, que parece guiar as colocações de Tim Hallet em "Emotional Feedback and Amplification in Social Interaction", de 2003. Também evocando esta polaridade como constituinte do campo, Hallet diz que os chamados positivistas focam-se nos limites para a maleabilidade de agentes afetados por sensações com causas específicas, enquanto os construcionistas estariam mais ligados a estudos sobre possibilidades de gerenciamento emocional. A partir de uma pesquisa entre garçons e garçonetes em um tipo específico de restaurante nos Estados Unidos da América, Hallet admite uma espontaneidade natural para a origem emocional mas foca sua análise em efeitos que as relações sociais provocam no sentido da retro-alimentação e amplificação desses estímulos afetivos. Mais ou menos na mesma direção caminham as reflexões de Susan Shott, em texto anterior, de 1979, também a partir do interacionismo simbólico. Em "Emotion and Social Life: A Symbolic Interactionist Analysis", Shott concorda com os limites à maleabilidade daquilo que parece ser inerentemente psico e fisiológico e julga importante as ciências sociais atuarem no sentido do desvendamento dos processos de controle emocional, esses sim determinados socialmente.

O que se delineia dentro dos debates da sociologia das emoções me parece ser a reafirmação, em alguma medida, de um sujeito agente, mais ou menos capaz de alterar conscientemente seus estados subjetivos a partir do modo como é afetado por chamados fatores sociais externos. Nesse sentido, a polaridade indivíduo *versus* sociedade, que afastou as ciências sociais de uma análise possível da dimensão emocional, permanece intocada. Michelle Rosaldo, em

texto que figura como pioneiro na constituição de bases teóricas para uma antropologia das emoções, coloca Émile Durkheim e a sua forte herança para as ciências sociais como fatores importantes dessa postura. Segundo Rosaldo, a separação radical entre vida social e um mundo interno, que é constituinte do projeto de uma ciência propriamente sociológica, assim como Durkheim a concebera, contribuíra para a reificação de um quantum de imponderabilidade entre as duas dimensões. E é disso que fala Thoits no final de seu balanço da literatura: segundo a autora, há de se atentar para a discrepância existente entre registros públicos sobre emoções e a efetiva experiência subjetiva das pessoas, necessariamente inalcançável à sociologia[125].

Em uma crítica ao construcionismo, que tende a não se satisfazer com esse tipo de abordagem, William Reddy argumenta pelo caráter político desse resíduo insofismável à plasticidade sócio-cultural dos sujeitos. O seu "Against Constructionism: The Historical Ethnography of Emotions", de 1997, fala dos perigos de um anti-essencialismo tão radical – e coloca Foucault como representante dessa postura – que beira à possibilidade do não-reconhecimento de nenhuma diferença entre as pessoas. E aí, sem diferença, não há política possível para Reddy. Para o autor, a contínua decodificação da experiência emocional em termos inteligíveis é sempre incompleta: há sempre algo que permanece e que deve permanecer inaudito e impermeável aos léxicos culturais disponíveis. Deve haver alguma dimensão individual resistindo ao que é coletivo e

[125] Thoits, 1989:338.

social[126]. A capa de mistério continua, portanto, a recobrir os aspectos mais recônditos da intimidade.

Aos olhos da antropologia esse tipo de questão não me parece ser tão relevante. Como coloca Rosaldo, não há nada que determine a oposição entre pessoa e *self* como ponto de partida obrigatório de toda e qualquer discussão sobre emoções. Há de se compreender, como em Rose, que a representação de um *self* como substrato profundo e/ou desejos reprimidos remete a uma determinada construção social de subjetividade[127].

As inovações propostas pela antropologia das emoções vão no sentido da suspensão e do estranhamento dos princípios que permitem a naturalização de dicotomias constitutivas dessas interdições epistemológicas. Como colocam Lutz & White em "The Anthropology of Emotions", é só através da descrição etnográfica que se pode pensar no que lhes parece básico para esse campo de conhecimento: a saber, a idéia de um *self* totalmente construído culturalmente[128]. Nesse sentido, trata-se de investigar, para aquém de regras para controle externo e social das expressões emocionais, a própria variabilidade daquilo que constitui, histórica e culturalmente, a dimensão subjetiva das pessoas. As supostas mínimas bases – naturais, profundas, intraduzíveis e inatingíveis – para generalizações caem por terra, portanto, já que aquilo que as constitui é público e socialmente produzido. Importa compreender o que cada contexto sócio-histórico-

[126] "The political goal of liberating men and women from constraining expectations or assumptions can easily get lost in this refusal to characterize them, since, if individuals are entirely empty and wholly plastic, then there is nothing in virtue of which liberation is good" (Reddy, 1997:328); e "The strong constructionist stand is one that views the individual as fully plastic, and it is one that, as a result, cannot provide grounds for a political critique of any given construction" (Reddy, 1997:329).
[127] Rosaldo, 1984:149.
[128] Lutz & White, 1986:417.

cultural coloca em questão e perceber que as polaridades que separam a pessoa de determinadas máscaras que a sociedade lhe obriga a usar são constituintes *apenas do nosso* – e *talvez* do de alguns outros – imaginário sobre a humanidade.

Em "Toward and Anthropology of Self and Feeling", de 1984, Rosaldo advoga em prol de um conhecimento refinado e profundo dos entendimentos que podem ser feitos sobre a natureza humana. Trata-se de, em cada contexto cultural, buscar compreender o que distingue a humanidade e seus membros entre os outros seres. São esses entendimentos, que necessariamente variam culturalmente – posto que são frutos de experiências simbólicas, imagens sociais e relações sociais –, os constituintes das vivências subjetivas das pessoas. Os idiomas culturais constituem as subjetividades[129] e não existem bases para afirmações de similaridades entre as afetividades dos seres humanos[130]: são os modos de vida e as imagens de *self* que formatam as emoções e como elas se estruturam e que, no limite, autorizam essas aproximações[131]. Nesse sentido, para Rosaldo, não há nada que determine um maior grau de impermeabilidade cultural para os afetos, tomando os pensamentos para efeito de comparação. Aliás, a desconstrução da polaridade pensamento *versus* afetividade é um de seus principais objetivos no texto, dado que se trata de formulação nativa: ocidental e contemporânea por excelência[132].

[129] Rosaldo, 1984:150.
[130] Sempre pensadas no plural.
[131] Rosaldo, 1984:145.
[132] Em algum momento da sua coletânea de 2003, *The Commercialization of Intimate Life*, Hochschild diz que a descrença no objeto emocional para as ciências sociais vem da tonalidade hierárquica com que essa polaridade – emoções *versus* razão – é recoberta em nossa sociedade (Hochschild, 2003b:75; Lutz & White, 1986:405; Shott, 1979:1317; Solomon, 2004); assimetria esta que se desdobra e acompanha marcadores de gênero, como será visto mais à frente.

Para a autora, as emoções são pensamentos corporificados, são cognições intensas, carnais, empossadas pela certeza de um pertencimento profundo à situação. No final do texto, a autora dá um exemplo quase etnográfico: a distância está entre escutar o choro de uma criança e o reconhecimento de que se trata de um choro endereçado, que pede socorro daquele que ouve, e não um choro qualquer[133]. A emoção traz, segundo Rosaldo, a imprescindibilidade do engajamento daquele que sente e, por conta disso, só pode derivar da compreensão do mundo que as pessoas têm. A autora termina seu texto invertendo, em certo sentido, uma polaridade que é cara às nossas concepções culturais: somos antes pessoas sociais e não indivíduos[134]. A afirmação, que pode parecer óbvia aos olhos de um antropólogo, traz inflexões bastante significativas para as pesquisas. Só somos *esses* indivíduos, seres inteiramente subjetivos, para recuperar Rose, pela operatória bem sucedida de poderosos regimes de verdade. Cito:

> "Minha preocupação (...) não é com a verdade em algum sentido filosófico, mas com as formas pelas quais sistemas de verdade são estabelecidos, as formas pelas quais enunciados verdadeiros são produzidos e avaliados, com o 'aparato' de verdade – os conceitos, regras, autoridades, procedimentos, métodos e técnicas através das quais as verdades são efetivadas. Minhas preocupação é com os novos regimes de verdade instalados pelo conhecimento da subjetividade, as novas formas de dizer coisas plausíveis sobre outros seres humanos e sobre nós mesmos, o novo licenciamento daqueles que podem falar a verdade e

[133] E a lembrança das piscadelas de Clifford Geertz em "Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura", de 1973, quase faz-se inevitável.
[134] Rosaldo, 1984:151.

> daqueles que estão sujeitos a ela, as novas formas de pensar o que pode ser feito a eles e a nós." (Rose, 1998:34)

É fugindo das armadilhas que oposição entre *self* e pessoa projetam ao pesquisador que me posiciono no campo da antropologia das emoções para pensar sobre livros de auto-ajuda que falam da chamada crise da meia-idade. Trata-se aqui de buscar compreender não o suposto resíduo entre a experiência subjetiva das pessoas e os registros ideológicos e/ou públicos, mas sim aquilo que se coloca não gratuitamente sobre a vida em sociedade, acompanhando marcadores e recortes de sociabilidade, tais quais o de gênero e o geracional, sobre os quais me foco aqui. Inspirada em Hochschild, tomo esses textos como materializações de expectativas sócio-culturais contemporâneas para subjetividades e comportamentos de homens e mulheres. Penso seus autores como intermediários culturais, como já colocado, na medida em que eles não simplesmente transmitem com neutralidade significados vigentes, como muitas vezes pretendem, mas sim atuam criativamente na sua modelação. Sigo momentos do trabalho desta socióloga estadunidense na medida em que eles traçam um quadro bastante rentável para o universo em que insiro a minha perspectiva analítica.

***

Em um de seus primeiros textos, “The Role of the Ambassador’s Wife: An Exploratory Study”, que data de 1969, Hochschild dá mostras dos alcances teóricos e etnográficos de seu trabalho, desenvolvido nas décadas seguintes. A partir de um questionário respondido por embaixatrizes estadunidenses espalhadas pelo mundo, a autora começa a delinear algumas reflexões sobre funções exercidas exclusivamente por mulheres, tendo em vista determinadas expectativas culturais sobre suas disposições afetivas, comportamentos e ações.

O que se revela é que, para a diplomacia internacional, assim como apresentada por Hochschild, há pouco espaço para metáforas. As embaixatrizes e suas casas operam como espelhos da sociedade e da família estadunidenses nos países onde se encontram: elas são esposas e donas-de-casa por excelência. Não há quase nenhuma separação entre vida pública e vida privada. Seu trabalho – que não é em si o exercício de uma profissão, na medida em que o marido é quem legalmente ocupa um posto remunerado – envolve um sem fim de esforços contínuos no sentido da transmissão de mensagens políticas de maneira extra-oficial[135]. Em nome de um protocolo, a embaixatriz deve estar constantemente atenta, por exemplo, às relações diplomáticas entre seus convidados em um jantar; deve organizar recepções e a agenda de sua família tendo em vista, muito além de suas relações pessoais, os planos da política internacional dos Estados Unidos da América. Seu sorriso e sua atenção podem ser determinantes para o desempenho das relações políticas que, oficialmente, é seu marido quem estabelece. Isso tudo num país estranho, no qual reside por determinações superiores.

[135] Hochschild, 1969:78.

Em *The Managed Heart: Commercialization of Human Feeling*, publicado pela primeira vez em 1983, a autora segue a mesma inspiração, desta feita atenta a postos profissionais no setor de serviços que exigem, cada vez mais, uma dedicação emocional por parte de seus ocupantes[136]. O que acontece quando o gostar verdadeiramente do emprego torna-se cada vez mais parte do próprio trabalho?[137] Quando a satisfação emocional do cliente passa a ser a medida para a avaliação da força de trabalho? São questões levantadas pela autora para as quais o recorte de gênero se mostra imprescindível[138]. Realizada entre a década de 1970 e 1980, sua pesquisa foca-se no treinamento e no dia-a-dia do trabalho de duas categorias profissionais dentro de uma empresa aérea estadunidense de grande porte: comissários de bordo e empregados do setor de cobranças. Os postos são ocupados predominantemente por mulheres e homens, respectivamente. O sorriso, como no caso da embaixatriz, tem grande força produtiva: para a aeromoça, sorrir é parte do trabalho. E, segundo Hochschild, não basta apenas fingir um sorriso[139]. Essa é a chave para a compreensão do seu conceito de trabalho emocional – no caso, *emotional labor*, no original em inglês, na medida em que se refere aos esforços de gerenciamento emocional que cada

[136] A sociologia das emoções é fortemente impulsionada por estudos sobre diferentes ocupações profissionais na área de serviços, desenvolvidos como tendência quase que contra-hegemônica no campo da sociologia do trabalho, até então mais voltada para estudos sobre setores industriais. Cito alguns exemplos: Hallet, como já colocado, fez pesquisa entre atendentes de restaurante nos Estados Unidos da América, tendo inclusive atuado por um período na função; Hochschild falou, entre outras coisas, sobre diplomacia, empresas aéreas e trabalho doméstico; Lupton e Bonet focaram-se em diferentes momentos do exercício da prática médica.

[137] Hochschild, 2003a:5.

[138] Hochschild, 1989:440.

[139] A autora, ao longo de toda sua obra, traça uma diferenciação entre o que chama de *surface acting* – que estaria mais próximo das colocações de Erving Goffman no sentido dos esforços feitos para a alteração de nossos estados mais aparentes – e *deep acting* – que figura como resultado de feitos profundos no sentido da recodificação cognitiva de uma situação ou de um estado emocional (Hochschild, 2003a:35 – 36; Hallet, 2003:714). O sorriso da aeromoça deve ser resultado dessa atuação mais profunda.

vez mais as pessoas são obrigadas a fazer em troca de salários, como parte de sua força de trabalho[140].

Antes de avançar talvez seja momento de me deter um pouco nas colocações mais teóricas que norteiam todo o trabalho de Hochschild. Compartilhando muitos dos princípios do campo da sociologia das emoções e do interacionismo simbólico, a autora parte de uma concepção de *self* como gerente emocional[141], que reconhece, interpreta e age sobre seus estados emocionais – não de forma livre, mas sempre orientado por vocabulários emocionais vigentes[142]. Com isso, reafirma uma concepção de pessoa construída socialmente[143]. Uma das grandes questões que norteiam suas pesquisas é a investigação dos processos através dos quais as pessoas atuam sobre si mesmas[144] a fim de atingirem estados emocionais legítimos para cada situação. Trata-se, nesse sentido, não de se perguntar sobre as supostas emoções primárias, como já colocado, mas sim de avançar no sentido de compreender a força de construções sociais que reificam diferenças e desigualdades entre os membros de uma sociedade. O que fica claro em suas pesquisas sobre as condições contemporâneas de trabalho no setor de serviços é que as organizações tendem a não se satisfazer com empregados que *fingem* determinados humores para realizar suas tarefas – o que seria supor a

[140] Há uma diferença conceitual entre o trabalho emocional realizado contínua e cotidianamente, chamado de *emotion work*, e aquele realizado em contexto profissional, efetuado em troca de um salário. A esse a autora dá o nome, em inglês, de *emotion labor* (Hochschild, 2003a:7; Steinberg & Figart, 1999:24).
[141] Hochschild, 1979:555. Em outro momento ela diz interessar-se pelo componente ativo da capacidade humana de adaptação emocional (2003a:255).
[142] Hochschild, 2003b:77.
[143] Hochschild, 1979:552.
[144] Nota-se que seu trabalho também parte de concepções de subjetividade que giram em torno do *si mesmo*, como procurei abordar no primeiro capítulo desta dissertação.

possibilidade de manipulação individual entre duas dimensões emocionais, uma real e outra artificialmente criada. O que se tem é a efetiva produção sócio-cultural de estados emocionais que aspiram ao que se têm como legítimo.

A esses estados emocionais legítimos a autora dá o nome de *feeling rules*: regras emocionais, em português; e, aos esforços de adequação a esses padrões, o de trabalho emocional, *emotion work*.

> "Já se passaram vinte anos desde que a autora cunhou o termo trabalho emocional construído na interação social, e procuram manusear e administrar suas emoções profundas para adequá-las a essa expectativa quando não estão se sentindo assim internamente" (Bonelli, 2004:357).

Como ela faz questão de afirmar em "Emotion Work, Feeling Rules, and Social Structure", texto de 1979, não se trata de tomar a idéia do trabalho emocional como sinônimo de repressão ou de controle externo: seu objetivo é ilustrar a positividade desses esforços, sua dimensão produtiva. Chamá-los de trabalho evoca ainda uma dimensão de não-gratuidade. Trata-se de afastar supostas capacidades inerentes e de compreender que são esforços, ainda que não necessariamente conscientes e/ou voluntários, que têm contrapartidas para os que os realizam. A intensidade e dimensão da realização das tarefas de recodificação cognitiva, corporal e expressiva de uma situação – como a autora chega a definir o que se passa sob o título de trabalho emocional[145] – acaba acompanhando e recriando diferenciações entre os membros de uma determinada sociedade. Para Hochschild, quanto maior o status da pessoa, mais

[145] Hochschild, 1979:562.

atenção é dedicada aos seus estados emocionais[146]. Como conseqüência, uns são mais instados a atuarem produtiva e criativamente sobre suas emoções que outros[147]. E é aí que seu trabalho ilumina importantes questões de gênero, sobretudo quando se pensa nos afetos e disposições emocionais associados ao cuidado – de si e dos outros.

Tomando como ponto de partida para suas reflexões a estruturação da sociedade estadunidense contemporânea em termos de público *versus* privado – onde se fortalece a imagem da família nuclear –, a autora localiza no pólo da feminilidade uma maior concentração de esforços que são denominados sobre o tema do trabalho do cuidado[148]. Cuidado este que não se limita a tarefas mais braçais, tais quais a do gerenciamento da economia e do dia-a-dia doméstico ou o acompanhamento diário de crianças ou idosos doentes – ainda que estas constituam boa parte do ardoroso trabalho nem sempre invisível realizado na grande maioria das vezes por mulheres. Trata-se aqui de outra dimensão do cuidado que envolve a suposta feminilidade do estar disponível aos outros[149]. Segundo Hochschild, a divisão sexual do *emotion work* acaba relegando às mulheres – e, diria eu, às representações sobre a feminilidade – as nem sempre sutis responsabilidades pela construção do tom emocional da maioria das

[146] Hochschild, 2003a:172.
[147] Hochschild, 2003b:56. É curioso e instigante o paradoxo assinalado pela autora: quanto mais mecanismos institucionais impelem ao trabalho emocional, mais a idéia de autenticidade e da espontaneidade – do *true self* como única posse efetiva das pessoas – são valorizadas (Hochschild, 2003a:22/150; Bonelli, 2004). É o caso também da produção cultural que aqui me serve de objeto para análise e reflexão, a da literatura de auto-ajuda, que toma o ideal do sujeito autônomo, que respeita e ama primordialmente a si mesmo, como grande objetivo.
[148] Hochschild, 2003b:8.
[149] Hochschild, 2003a:165, Duncombe & Marsen, 1993:234.

situações sociais[150]. É a mãe que se antecipa às frustrações dos filhos, é a companheira que está sempre disposta e ansiosa para *discutir a relação*, é a dona de casa que prepara e recepciona calorosamente os convidados da família em uma data festiva, é a mulher quem dosa as palavras na maioria das vezes – ou, pelo menos, são disposições como estas que dela se espera de antemão.

Chamar também esses elementos de trabalho do cuidado é alertar para a sua não-gratuidade e/ou inerência: todos estes gestos dizem algo importante sobre diferenças de gênero vigentes em nossa sociedade – mais especificamente, sobre projeções ao feminino. Como coloca Viviana Zelizer em *The Purchase of Intimacy*, de 2005, há de se desmistificar a idéia do trabalho do cuidado como algo natural e/ou como traço individual, como se se tratasse apenas de mera questão de personalidade[151].

Hochschild evoca determinadas expectativas sócio-culturais em relação a gênero, portanto, para iluminar a estratificação existente no interior das companhias aéreas estadunidenses – algo que talvez possa ser estendido ao setor de serviços como um todo. Tal cenário profissional, bastante marcado por ideais e práticas de competitividade, impõe um ultimato para a aeromoça (e para um número crescente de trabalhadores que exercem o trabalho emocional em suas tarefas cotidianas): é preciso sentir-se profundamente feliz com a rotina de trabalho ou o cliente, através de sua insatisfação, pode prejudicar a imagem da empresa em meio às outras prestadoras de serviço. O estado emocional que a

[150] Hochschild, 2003a:20. Marilyn Strathern, em entrevista concedida a Eduardo Viveiros de Castro em 1998, faz um comentário de passagem sobre esta questão ao referir-se sobre valores morais que (também) sustentam os conceitos: "... não se esqueçam que a mulheres são estereotipicamente relegadas ao pólo sentimental da vida social" (Strathern, 1999:169).
[151] Zelizer, 2005:243.

aeromoça é capaz de provocar no público da empresa aérea faz parte do seu trabalho e são necessários, muitas vezes, esforços profundos de gerenciamento emocional para tolerar e ser agradável em situações freqüentemente não prazerosas. A atendente de bordo, sempre disposta a cooperar e servir, com o uniforme, a maquiagem, o penteado e o sorriso impecáveis, deve gerir com maestria o espaço domesticado da aeronave. Dando conta de muitos problemas, geralmente nem mesmo percebidos pela grande maioria dos passageiros, ela ocupa o papel de uma proto-mãe[152]: tolerante, autoritária, atenta, doce e sexy, sempre nas medidas certas. Do outro lado, os empregados do setor de cobranças devem ser rudes, imperiosos, impacientes. Faz parte de seu trabalho demonstrar que o assunto em questão, dinheiro, é sério e não admite gracejos.

O recorte de gênero na ocupação destes postos de trabalho demonstra o grau de penetração das concepções de feminilidade e de masculinidade nos perfis emocionais destes trabalhadores. Às mulheres são relegados preferencialmente os cargos que em se espera uma atitude doce e atenciosa do profissional, atributos que ela supostamente porta naturalmente, dada a construção histórica de papéis femininos na sociedade estadunidense – que, em alguma medida, podem ser abstraídos para outras sociedades.

Essas interfaces entre regras emocionais, gênero e relações sociais que também são de poder – já que o cuidado se torna moeda de poder em uma relação[153] – estão presentes em outros trabalhos de Hochschild. Chamam-me especialmente a atenção aqueles que iluminam determinados processos de

[152] Hochschild, 2003a:176.
[153] Duncombe & Marsen, 1993:236.

produção cultural, tais quais o de anúncios publicitários e também o dos chamados livros de conselhos para mulheres[154]. Respondendo a uma resenha crítica feita em 1989 por Cas Wouters à sua pesquisa sobre o trabalho na companhia aérea, a autora traça um paralelo entre livros de etiqueta do século XIX e literatura de auto-ajuda em fins de século XX. Enquanto os primeiros relatavam e classificavam detalhadamente maneiras e gestos observáveis, a segunda trata de sugestões e de reflexões sobre o que é apropriado e inapropriado em termos da experiência subjetiva das pessoas: a auto-ajuda fala do que é certo ou, ao menos, desejável, nos termos do *self*[155]. Seus trabalhos específicos sobre essa produção cultural continuam tendo como pano de fundo inflexões de gênero no âmbito das expectativas sócio-culturais para determinadas experiências subjetivas. Para a autora, os livros lançam luzes sobre transformações nas premissas culturais que sustentam laços afetivo-sexuais entre as pessoas[156].

Sigo no próximo segmento do texto sua argumentação na medida em que ela ilumina uma importante associação, recorrente nos estudos sobre o fenômeno em questão: a saber, aquela entre a chamada literatura de auto-ajuda e a feminização de seu público. Hazleden, por exemplo, cita pesquisas quantitativas que demonstram essa clivagem no mercado anglo-saxão[157]. Hochschild também comenta o tema: para a autora, as vendas se cindem acompanhando eixos temáticos: enquanto homens consumiriam volumes mais voltados aos temas da motivação profissional e da autopromoção, aqueles mais focados em

[154] Ver página 54 deste trabalho.
[155] Hochschild, 1989:443. Em determinado momento de seu trabalho a autora fala das regras emocionais como uma espécie de etiqueta profunda, na medida em que atuam sobre aquilo que está metaforicamente antes do comportamento das pessoas (Hochschild, 2003a:260).
[156] Hochschild, 1994:3.
[157] Hazleden, 2003:425.

relacionamentos afetivos teriam a figura da leitora, no feminino, como algo quase naturalizado[158]. O trabalho de Alves acompanha o raciocínio e fortalece a evidência dessa associação também para o mercado nacional:

> "Em termos quantitativos, na atual realidade brasileira – segundo dados de pesquisa de mercado sobre o perfil do leitor brasileiro – os leitores de auto-ajuda são, em sua maioria, mulheres com mais de quarenta anos de idade, de escolaridade média, e pertencentes às classes B e C. Nos Estados Unidos da América, o mesmo ocorre, pois elas são as grandes consumidoras desta literatura, além de serem muitas vezes consideradas destinatárias das obras" (Alves, 2005:22).

É interessante notar como suas colocações destacam a clivagem de gênero do mercado e também a de idade. Curiosamente, os dados que Alves consultou apontam para um mercado de mulheres que, de acordo com os autores que venho abordando, no mínimo estariam afinadas com os temas abordados em suas obras, justamente por conta da sua faixa etária. Lemos, por exemplo, diz que o projeto de seu livro surgiu da sua curiosidade em compreender como as mulheres da sua geração "estavam vivendo as mudanças do corpo na sua própria década de 40 e a perspectiva do envelhecimento" (Lemos, 1996:19). Como já colocado, a idade cronológica aparece na produção contemporânea ao mesmo tempo como instituição privilegiada para a determinação de experiências e também como algo a ser sublimado, supostamente a partir da adoção certa atitude perante a vida.

Meu próprio campo também trouxe elementos para a discussão entre gênero e auto-ajuda. Dentre o universo de livros analisados, poucos tratam

[158] Hochschild, 1994:20.

especificamente da crise da meia-idade masculina – sendo dois deles escritos pelo mesmo autor, Mardegan Jr. E, em entrevista, ele ainda me revelou uma suspeita sobre a mecânica de consumo do seu trabalho que parece corroborar para as afirmações destes trabalhos acadêmicos. Para o autor, foram as esposas dos lobos em crise que adquiriram seus livros:

> Eu costumava brincar mas eu acho que é isso mesmo. Elas estavam mais interessadas em saber o que está acontecendo com o marido, com o namorado, com o esposo, etc., do que eles próprios. Então, mesmo sem ter isso oficialmente me dito pela editora, eu não tenho dúvidas de que o público que mais comprou livro foram as mulheres. Até porque um cara entrar numa livraria, pegar um livro chamado *A Idade do Lobo*. Ou ele ganhou de presente, se foi por brincadeira ou não... Ou de um amigo que deu pra ele como brincadeira, ou a mulher que comprou pra ler e ele acabou lendo. Quer dizer, o homem comprando porque ele tinha interesse em se conhecer melhor... Realmente eu acho que foram raros os casos.

Não que ele não leia: mas um homem consumindo auto-ajuda é algo que parece não *pegar bem*.

Quem avança um pouco mais nessa discussão é Schrager. Em "Questioning the Promise of Self-Help: a Reading of *Women Who Love Too Much*", de 1993, diz que a produção em questão parte de um mundo supostamente pós-feminista, onde as principais demandas desse movimento social já teriam sido alcançadas[159]. Daí a esperada insistência em assuntos

[159] Schrager, 1993:177.

femininos, como se se tratasse do único espaço possível, nos dias atuais, para essa pauta. Presumidamente emprestadas do movimento social, as soluções propostas pela auto-ajuda, para Schrager, muitas vezes voltam-se contra os seus principais ideais[160]. Hochschild também discute a questão levando em conta possíveis desdobramentos de ideais feministas, como apresento a seguir.

***

Em "The Commercial Spirit of Intimate Life and the Abduction of Feminism: Signs from Women's Advice Books", de 1994, a autora compara dois *best-sellers* estadunidenses do gênero, cujas datas de publicação separam-se por mais de uma década: *The Total Woman*, de Marabel Morgan, de 1973 (publicado em português em 1975 com o título de *A Mulher Total*) e *The Cinderella Complex*, de Colette Dowling, de 1981 (publicado como *Complexo de Cinderela* em 1982). O que ela encontra é uma significativa inflexão no modo como o *self* saudável é apresentado. *Self* este que tem gênero: é feminino. Segundo Hochschild, enquanto no primeiro livro o que se tem como grande valor é a preservação de um relacionamento conjugal[161], no segundo o ideal é o do desligamento, ao qual me referi anteriormente[162]. A idéia de que o que importa é investir na tal relação *consigo mesmo* antes de se doar a outrem toma aqui a tonalidade que o marcador de gênero lhe outorga e a autora a relaciona com determinadas representações

[160] "... the audience of self-help is a female one but also the dramatic way in which this self-consciously popular genre has gained the privileged positions in addressing 'women's issues' in the textual marketplace, offering 'solutions' to women's problems that often borrow from the discourse of feminism even as they work against feminism's fundamental tenets." (Schrager, 1993:177)

[161] Pensado sempre necessariamente como heterossexual, quando as expectativas de gênero diferenciam as supostas contribuições de cada parceiro para a relação afetivo-sexual (Hochschild, 2003b:104).

[162] Página 74.

associadas ao feminino e também ao movimento feminista. A tendência contemporânea à subjetivação de questões que são coletivas e sociais por excelência, que Rose ilumina com seu trabalho[163], se destaca na abordagem de Hochschild aos chamados livros de conselhos para mulheres. Como o título de seu texto anuncia, o espírito do feminismo teria sido abduzido e isolado de movimentos sociais que lutaram por liberdade para se travestir comercialmente como reivindicação pelo direito ao desligamento emocional[164]. Um fragmento da fala da socióloga e sanitarista Lígia Mendonça, entrevistada por Lemos aos quarenta e oito anos de idade, talvez ilustre de forma exemplar esse ponto:

> "Mulher tem uma coisa chamada ciclo, e isso não é misticismo, não, é um ciclo hormonal que rola e deixa você mais assim ou mais assado, mais inchada, mais sensível. Isso foi uma coisa que o feminismo me deu, a conquista de mim mesma" (Lemos, 1996:49).

Relações sociais problemáticas – e suas conseqüências existenciais para quem as vivencia – são, portanto, pensadas nos termos de atitudes pessoais, cada vez mais subjetivas, e a solução acaba passando pela adoção de determinados comportamentos mais egoístas. Arlene Daniels, em uma pequena resenha sobre o tema, encontra nesse tipo de procedimento o que chama de paradoxo da auto-ajuda[165].

Aqui, talvez, uma comparação de cunho mais historiográfico contribua com o argumento: a saber, para a discussão sobre o caráter histórico, simbólico e não

[163] Rose, 1998:31.
[164] Hochschild, 1994:15.
[165] "The paradox of these books is that they respond to a quest for connection through an isolating mechanism – the call for individual improvement as the cure for the maladies of modern life." (Daniels, 1993:434)

estável dos significados associados a determinados sentimentos e/ou concepções de gênero. Mônica Schpun, num texto relativamente recente, de 1997, intitulado "O Amor na Literatura: Um Exercício de Compreensão Histórica", traz uma reflexão sobre textos escritos por mulheres paulistanas na década de 1920, em um contexto de forte transformações sociais provocadas, sobretudo, pelos complexos processos que se podem agrupar sob o nome de urbanização. A autora nos mostra como a insistência feminina pelo tema do amor, pelos sentimentos no interior de uma relação conjugal significavam, naquele momento, uma reivindicação por simetria nas relações de gênero. Um desejo de modernidade próprio à época impunha uma oposição quase que ideológica aos casamentos realizados por interesse – reminiscências de um passado recente – e os discursos em prol do afeto ganham um caráter emancipatório. Cito:

> "De fato, opondo-se aos casamentos de interesse, mas sobretudo valorizando os 'sentimentos', essa 'ideologia do amor' torna visíveis as assimetrias ao mesmo tempo renovadas e preservadas apesar de – ou graças ao – aumento do individualismo nas relações familiares. Ela desvela também a distância existente entre as expectativas construídas durante a educação das moças, preparadas desde muito cedo para a vida de esposas, e a realidade que elas encontram quanto a seu novo estatuto social de mulheres casadas, especialmente quanto às relações conjugais. / Reivindicando mais 'sentimentos' na vida conjugal, creio que as mulheres, enquanto atores sociais, dão provas de lucidez. Pois se o casamento segue sendo para elas a carreira por excelência, não é de modo algum insensato querer obter aí um maior reconhecimento, visando melhorar sua condição de vida no interior da esfera privada" (Schpun, 1997:189).

Aqui, em fins de século XX, em substituição à tradicional e idealizada imagem da esposa dedicada e submissa, a galinha dos ovos de ouro da literatura de auto-ajuda contemporânea é o que se chama de *mulher moderna*, independente, que *se garante* sem grandes envolvimentos seja com um companheiro, com filhos ou com amigos. Schrager a ela se refere como a heroína trágica do feminismo[166]. O trabalho emocional proposto por esse tipo de literatura busca evitar, a todo custo, os sentimentos de medo e de vulnerabilidade daquela que pode necessitar e desejar o conforto e o controle supostamente proporcionados por relações afetivas[167]. O contexto geral é marcado pela desconfiança[168] e o raciocínio aproxima-se da patologização do amor e do cuidado à qual me referi no capítulo anterior, através do trabalho de Hazleden[169].

Valorizando o recurso à psicoterapia como importante chave para descobertas sobre o si mesmo, a fala da dona-de-casa Tereza Fischer, entrevistada por Lemos aos cinqüenta e um anos de idade, destaca algo como uma inversão nos signos supostamente positivos associados ao cuidado.

> "... quando cheguei aos 40 fiz a minha cabeça no sentido de procurar uma terapia, e me preparei para a maturidade. Na terapia eu aceitei que era uma controladora, que não era boazinha, que eu não era uma santa dedicada à família, e gostava de controlar os outros pra poder manipular depois. Quando descobri isso, foi um susto, e achei que, se não pudesse controlar, não teria muita função. Minha terapeuta disse: 'Quando você parar de controlar, vai ver quanto tempo vai lhe sobrar'. Foi o pulo do gato, porque aí fui

[166] "Economically independent, professionally successful, and desperately in need of a man, this 'contemporary woman' is what might be called the tragic heroine of feminism. Self-help books promise to empower her to make healthier relationship choices at a time when, by all accounts, satisfying intimate relationships between the sexes are increasingly imperiled." (Schrager, 1993:178)
[167] Hochschild, 1994:14.
[168] Hochschild, 1994:10.
[169] Páginas 74 a 77 deste trabalho.

> diminuindo meu controle, e realmente foi sobrando um tempo enorme com o qual comecei a fazer coisas com que sempre tinha sonhado. Foi um esforço brutal, porque eu era viciada em controle, *o processo deve ser o mesmo que alguém experimenta para largar uma droga*. Outra coisa que consegui mudar é que eu evitava o confronto das filhas com o pai, dizendo para mim mesma que era porque não gostava de briga nem de chateação em casa. Ficava botando panos quentes, sem perceber que estava lesando os dois lados. Eles tinham que se confrontar, tinham que brigar até para ficarem mais próximos. Todo esse movimento começou em torno dos 40 e levou uns 5 anos até eu amadurecer tudo, mas a minha vida foi ficando tão melhor, tão mais leve numa série de coisas..." (Lemos, 1996:71 – grifos meus).

É patente a associação entre os sentimentos de cuidado e processos supostamente naturais, fisiológicos e altamente prejudiciais tais como o do vício.

Para Hochschild, os *best-sellers* atuais convocam as mulheres a uma frieza que era tipicamente esperada da masculinidade há algumas décadas. A saída para os problemas emocionais das mulheres proposta por essa literatura não toca profundamente em desigualdades de gênero e passa mais pela tradução de um código masculino de meados do século XX para mulheres à beira do século XXI: se as mulheres são encorajadas a se esfriarem emocionalmente, os homens não são convidados a se esquentarem – para usar suas próprias palavras[170].

[170] Hochschild, 1994:16. Ora, esse tipo de interpretação sobre os códigos de gênero contemporâneos anima uma leitura possível da autora sobre configurações familiares comumente encontradas em países ricos. Em "Love and Gold", artigo de 2002 republicado no ano seguinte em *The Commercialization of Intimate Life: Notes from Home and Work*, e na Introdução de *Global Woman: Nannies, Maids, and Sex Workers in the New Economy*, escrito em co-autoria com Barbara Ehrenreich em 2002, Hochschild traz algumas reflexões sobre a intensificação da presença de trabalhadoras imigrantes no seio de famílias estadunidenses. Com um cenário marcado pela forte emancipação das mulheres americanas no mercado de trabalho, as babás e empregadas domésticas estrangeiras ganham espaço no exercício remunerado daquelas atividades que a dona da casa já não pode mais realizar. Se avanços feministas possibilitaram a entrada massiva da mulher no competitivo mercado de trabalho dos países ricos, isso não garantiu a transformação nos códigos de gênero que possibilitaria uma distribuição das tarefas domésticas mais igualitária entre homens e mulheres. Se os homens não se esquentaram, esse calor associado à afetividade do lar e do cuidado passa a ser exportado em forma de mão-de-obra barata. Regina Lemos, na introdução de um de seus capítulos, onde está discutindo a questão da

As autoras de *Mulher 40 Graus à Sombra: Reflexões Sobre a Vida a partir dos 40 Anos* se questionam sobre esse ponto:

> "Faltam ainda modelos atualizados e viáveis de mulher madura que possam servir de identificação para aquelas que estão ultrapassando a juventude? Criá-los e consolidá-los é tarefa das próximas gerações. Pela primeira vez na história política, social, industrial do mundo moderno há realmente um número significativo de mulheres, nesse período da vida, desempenhando papéis importantes na sociedade. Neste campo o que se requer é uma revisão complexa de valores. Pois não é o caso de um mimetismo em relação aos padrões masculinos de sucesso e felicidade. Aliás estes mesmos já abalados e também em revisão. O desejável é que haja uma pluralidade de referências, sem que a mulher se sinta constrangida a ter de adotar um novo e restrito figurino. Dar mais corda, sem que ela tenha de se enforcar nela!" (Fontes, Pereira & Pimentel, 1994:19).

E ainda, quando comentam uma colocação de uma de suas entrevistadas:

> "As mulheres que exercem uma função expressiva no jogo do poder, tendem a imitar os homens, inibindo a manifestação do feminino. (...) *Só existe um modelo, e é masculino, nos territórios dos homens. As mulheres tentam se encaixar nesse formato. Elas ainda não criaram um modelo feminino, de relações mais afetivas; um esquema que fure a hierarquia, que burle a competição.* (Marah Regina) Furar a hierarquia e burlar a competição: eis aí um exemplo da concretização das fantasias masculinas do 'levante feminino'. Para os homens, o que não elas não podem é subverter a ordem, rompendo o equilíbrio vigente. Mas pode acontecer também que a própria mulher, diante de suas conquistas e êxitos obtidos com tanto esforço, sinta-se ameaçada e insegura. Coloca tudo em questão e, num impulso de auto-estima baixa, entorna o caldo. Volta rapidamente para o 'lugar dela': o do silêncio. Sabota assim a expressão da auto-realização, temendo enfrentar oposições, tanto dentro de si mesma como no terreno interpessoal" (Fontes, Pereira & Pimentel, 1994:44 – 45 – grifos no original).

---

maternidade na maturidade, faz de certa forma uma aposta no esquentamento masculino, por assim dizer: "O futuro das novas mães será mais simples. Elas já aprenderam conosco que podem escolher o melhor momento para ter filhos, ou até não tê-los, sem drama. Os maridos dividirão mais a tarefa de criar os filhos decididos, como a experiência já timidamente começa a mostrar, e como uma tendência irreversível que tantos autores já apontam" (Lemos, 1996:255).

Relatando uma sensação própria à contemporaneidade, assim como descrita por Giddens, as autoras revelam uma dimensão de gênero para a abertura da auto-identidade própria ao momento atual, para a tal famigerada falta de modelos a se seguir. O que talvez esse conjunto de textos – de auto-ajuda e sobre auto-ajuda – esteja revelando sejam inflexões para se pensar sobre as exigências de reflexividade nos dias atuais e sobre as suas conseqüências existenciais. Inflexões que só são reveladas a partir de investigações sobre significados associados ao masculino e ao feminino em determinados contextos sócio-histórico-culturais. A perspectiva comparativa mostra-se, portanto, imprescindível.

Hochschild tem um artigo publicado em co-autoria com uma socióloga japonesa, Kazuko Tanaka, onde as duas fazem um exercício de comparação entre a produção estadunidense do que poderia ser chamado de auto-ajuda e livros de conselhos para mulheres japoneses entre as décadas de 1970 e 1990. Em “Light and Heavy: American and Japanese Advice Books for Women”, publicado originalmente em 1997, as autoras falam desses *best-sellers* como janelas para a compreensão de recintos culturais (*cultural rooms*, no original, em inglês) dentro dos quais se dão os acordos entre os agentes sociais e suas respectivas expectativas sócio-cultural-emocionais. O que está nos livros é tomado como escolha dos autores dentro do que esses recintos culturais lhes permitem dizer: aparecem, mais uma vez, como intermediários culturais. Os volumes revelam percepções sobre a vida em sociedade. São muitas as referências, por exemplo, a um tempo passado, quando a situação das mulheres

fora mais fortemente marcada pela subordinação e pelo sofrimento[171] – algo que também percebi no material que analisei. O livro de Regina Lemos reúne algumas colocações de entrevistadas nesse sentido, apontando para uma temporalidade diferente no presente:

> "Até você se acostumar que está ocorrendo uma mudança dentro do seu corpo sobre a qual você não tem controle, demora um tempo. Não sei se as mulheres de antigamente não sentiam essas coisas, ou não falavam sobre elas. Acho que não falavam, né?" (Lemos, 1996:152);
> "O Amaury até que não é um marido supermachista, não. Meu pai, sim, aquele era um horror. Minha mãe, coitadinha, agüentou muito, e no fim teve que cuidar dele doente. Foi só quando não podia mais andar que ele sossegou em casa. Hoje, inclusive, ela tem uma memória seletiva que apaga um monte de coisa que não tem vontade de lembrar do passado. Ela, sim, sofreu um bocado..." (Lemos, 1996:168);
> "Quanto ao corpo, acho que a proposição da nossa geração é não perder o movimento. As nossas mães perderam, se entravaram física ou psicologicamente, se trancaram nos quartinhos. A minha avó morreu cega, a outra entravada, minha mãe adoeceu. Nós temos o papel de virar isso para a próxima geração, de passar para eles a saúde do movimento, segurar nossa saúde com a coisa da energia, nós somos energia, por que ir para o escuro?" (Lemos, 1994:302).

A imagem produzida é a de uma geração privilegiada pelos rumos da história: seja por avanços tecnológicos, seja por transformações ideológicas na sociedade, o quadro traçado contemporaneamente é infinitamente superior ao que teriam vivenciado mulheres em outras épocas, a despeito das ansiedades próprias à sociabilidade contemporânea[172]. Essa questão será retomada no próximo capítulo

[171] Hochschild & Tanaka, 2003:61.
[172] O trabalho de Margaret Lock, ainda que em outro registro, também fala de uma imagem sombria projetada para as gerações mais velhas. As mulheres japonesas entrevistadas em *Encounters with Aging: Mythologies of Menopause in Japan and North America*, de 1993, falam

quando discuto a importância que saberes especializados, e seus representantes, ganham ao longo dos livros analisados na solidificação dos significados associados à crise da meia-idade. Falo aqui mais especificamente das aparições de médicas no livro de Lemos posicionando-se em relação à Terapia de Reposição Hormonal como um recurso a mais nas mãos de mulheres contemporâneas que não era outorgado às gerações anteriores.

Hochschild & Tanaka falam de um contexto geral marcado por uma maior autonomização das mulheres nos dois países. No entanto, claras diferenças se colocam entre os dois cenários[173]. A maioria dos títulos estadunidenses é escrito por mulheres e há a marca da tonalidade psi: falam mais de sentimentos do que de moral, e a legitimidade parece vir mais de recursos lingüísticos, tais qual o da construção de um tom de intimidade entre autor e leitor[174], assim como comentado no capítulo anterior.

Já os volumes japoneses são quase em sua totalidade escritos por homens e abordam os dilemas que a chamada tradição enfrenta para se manter em um contexto de rápida e intensa transformação social. Segundo as autoras, os *advice books* japoneses são muito mais didáticos e detalhados que os estadunidenses e falam de temas tais como honra, boas maneiras, família e vida coletiva[175]. Marcados por uma voz masculina muitas vezes autoritária, esses livros trazem reflexões sobre temas que são até mesmo ignorados pela produção

---

insistentemente de uma vida muito mais fácil que a de suas mães, avós e sogras, pelo cuidado de quem elas é que são responsáveis (Lock, 1993:246).

[173] Há de se matizar esses contrastes. A despeito das afirmações claras no sentido de uma polaridade entre os dois mercados editoriais, as autoras falam em batalhas internas entre os livros, que ilustram conflitos sociais contemporâneos sobre significados atribuídos à feminilidade (Hochschild, 2003b:56).

[174] Hochschild & Tanaka, 2003:71.

[175] Hochschild & Tanaka, 2003:63.

estadunidense: entre estes, questionamentos sobre o possível déficit de feminilidade que atingiria as mulheres que trabalham fora de casa[176] – contingente que cresceu vertiginosamente no Japão no final do século XX. As preocupações com a família trazem à tona questões sobre o cuidado tradicionalmente feminino – o de idosos, por exemplo – que as soluções terceirizadas norte-americanas supõem ter eliminado. Talvez por isso as autoras ressaltem o fato de que nenhum livro estadunidense toca na questão da velhice[177] – o que varia bastante em relação ao material brasileiro, como será abordado oportunamente.

A comparação em questão se encerra com um quadro feito a partir das polaridades encontradas entre os grupos de livros analisados: enquanto os títulos japoneses falam do que é apropriado ou inapropriado em termos de uma virtuosidade moral, os estadunidenses focam-se em expectativas em relação a sentimentos autênticos ou não de seus leitores. Os dois conjuntos, na medida em que se dirigem a um público esperado de mulheres contemporâneas, lançam luzes para a sua condição social atual e aos desafios à sua crescente emancipação. Às mulheres japonesas, o desafio estaria na transposição de desigualdades de gênero que estabelecem fortes e explícitas hierarquias entre homens e mulheres; ao passo em que, para as estadunidenses, a atenção estaria concentrada no que Hochschild & Tanaka chamam de lado ruim do individualismo. Se, de um lado, o cenário garante determinados direitos às mulheres, de outro, tende a radicalizar egoísmos e a abstrair de soluções

[176] Hochschild & Tanaka, 2003:67.
[177] Hochschild & Tanaka, 2003:64.

coletivas para problemas sociais, coletivos[178] – algo que se afina bastante com um tipo comum de crítica à literatura de auto-ajuda que venho comentando.

A polaridade encontrada pelas autoras entre a valorização de padrões mais individualistas, de um lado, e uma busca pela atualização de valores e posições tidas como mais tradicionais, de outro, inspira e faz eco a clivagens que encontrei na produção nacional sobre a qual me debrucei. É interessante notar como significados associados aos termos *loba* e *lobo* repetem-se em diversos livros e, atribuindo diferentes tonalidades para a chamada crise da meia-idade de mulheres e homens, constroem estratégias diferenciadas para algo como o empoderamento feminino. Ou, numa ótica mais pessimista, falam da sobreposição de encargos emocionais por sobre ombros femininos. Dedico o próximo momento do texto a essa discussão, ainda tendo como pano de fundo a discussão mais geral sobre auto-ajuda e feminilidade. Por isso, incorro em temáticas tais quais a da reificação da conjugalidade e da heterossexualidade, bastante presentes nos textos consultados. O material – tanto o teórico quanto o que me serviu de objeto de análise – parece corroborar para a compreensão de que o cuidado constrói-se em si mesmo como uma disposição afetiva marcada pelo gênero[179].

[178] Hochschild & Tanaka, 2003:72.
[179] Agradeço à colega de Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Andréia Aparecida Ferreira Lopes, cujo trabalho serviu de forte inspiração nesse ponto.

A loba poderosa e o lobo bobo.

> "Afinal, o que é ser uma mulher de quarenta anos? Eu percebi entre as minhas entrevistadas, que há uma auto-estima grande; algumas se sentem muito melhor do que aos trinta e até do que aos vinte. Não há aquele ressentimento de não ter mais o corpinho da juventude. Há uma aceitação consciente, até porque elas estão vivenciando o 'ser mulher como um todo', que pensa, que produz, e não apenas um corpo, um bumbum durinho, e isso pode ser um bom exemplo para outras mulheres. Elas passam realmente uma imagem de '*lobas poderosas*' porque se aceitam como são." (Franco, 2008:26)

A passagem faz parte do primeiro capítulo de *40, Sim! E daí? Um Guia de Qualidade de Vida para as Mulheres Depois dos 40 Anos* e sintetiza muito bem a idéia do poder da loba através da qual a crise da meia-idade feminina fora construída no contexto nacional. A idéia é a de que nesse momento da vida a mulher se encontra com uma verdade sobre *si mesma* que está além do corpo, e a loba parece se constituir entre possíveis perdas e ganhos da maturidade: de um lado, os biquínis e a pele enrijecida e, de outro, a experiência e uma sedução que está no olhar. Cito alguns exemplos nesse sentido.

Heloísa Menezes, empresária entrevistada aos quarenta e sete anos de idade que Lemos identifica como um "raro exemplo de um modelo antigo de mulher muito bem-sucedido na atualidade" (Lemos, 1996:64), exemplifica essa postura. E é interessante notar, como abordarei no próximo capítulo, a forte associação, cristalizada em diversas passagens no material analisado, entre a idéia da crise feminina e as tais mudanças corporais. Tudo se passa como se, para a mulher, as duas coisas se equivalessem. Volto a isso mais à frente. Por agora, cito:

> "... assusta você a vivência da meia-idade, essas primeiras mudanças do corpo?
> – Eu comecei a tomar consciência de que algo estava mudando aos 45 anos, mas não posso dizer que levei um susto. *Claro que eu não posso concorrer com uma moça de 20 anos fisicamente, mas eu acho que a experiência e a inteligência suprem aquilo que o corpo não cumprem mais*. Eu sempre dei muito mais valor ao meu mundo interno, e isso ajuda, não é?" (Lemos, 1996:66 – 67 – grifos meus).

Sua fala ilustra explicitamente as diferenças que se colocam entre a mulher na meia-idade e a jovem, quase refém de sua beleza viçosa. Isso se repete inúmeras vezes no material analisado e constitui tema interessante para se pensar sobre as outras imagens etárias que essa produção constrói para falar da loba.

A artesã Sandra Gomes, "uma mulher muito bonita, vaidosa, [que] está sempre descobrindo um novo método de beleza, faz balé, se cuida" (Lemos, 1996:139), entrevistada por Lemos aos quarenta e quatro anos de idade, também fala dos ganhos da idade madura:

> "Acho que aos 40 a gente conquista uma segurança pessoal que é muito mais preciosa – e difícil de obter – que o corpo perfeitinho dos 20 ou dos 30, que a natureza doou. E acho mais: cronologicamente deve ter uma idade, 60 talvez, em que isso do corpo não tem mesmo mais a menor importância. Essa dor que a gente sente quando a pele cai, a bunda amolece, acho que uma hora desaparece, a gente olha e ó..." (Lemos, 1996:139).

É nessa chave da mudança de valores trazida pela maturidade que muitas narrativas reunidas por Lemos falam em novas condições para a sedução após os temidos quarenta anos. A jornalista Hermenengarda Junqueira foi entrevistada por Lemos aos cinqüenta anos. Após ser apresentada pela autora do livro como alguém que "vive um longo casamento, de 26 anos, mas não considera o sexo

uma prioridade" (Lemos, 1996:180), ela responde da seguinte forma a uma pergunta sobre atração:

> "– Hermenengarda, a idade tem te preocupado? Você continua se achando uma mulher sedutora com meio século de vida ou começa a ter medo de que o marido troque você por duas de 25?
> – Acho que certa insegurança atinge todas as mulheres nessa fase, mas eu procuro suprir isso com outro tipo de vaidade. Eu me considero uma pessoa inteligente e acho que a inteligência é muito mais sedutora que a beleza física. Então eu sinto que através da minha inteligência posso ser muito mais sedutora e atraente do que pelo meu aspecto físico, ainda que tivesse o corpo de 20 anos atrás..." (Lemos, 1996:182).

Como retomarei no próximo capítulo, a continua valorização da mulher na idade da loba muitas vezes passa por uma desqualificação da moça mais jovem, bela e fútil, e também pela ingenuidade do homem de meia-idade, o marido, que por esta se deixa atrair. A imagem negativa do perigoso casal adúltero repete-se nas publicações consultadas, sempre de modo a infantilizar o lobo e suas escolhas afetivas, como se se tratasse apenas de um simples jogo de vaidades e de sedução. A narrativa do marido que troca a esposa por uma moça mais nova – ou até mesmo "por duas de vinte e cinco" – faz alusão à certeza de que a loba traz em si o dobro da maturidade e da experiência de vida que a jovem poderia ter acumulado até então, com a qual o lobo não parece sintonizar.

Em *Mulher 40 Graus à Sombra: Reflexões Sobre a Vida a partir dos 40 Anos*, as autoras recolhem algumas colocações do tipo quando discutem a possibilidade de novos encontros românticos neste momento da vida:

> "Achar alguém da sua geração, com interesses semelhantes. Certamente o mais difícil!

Os homens da minha geração, ou estão casados ou saindo com uma menininha, ou as duas coisas. Porque eles têm aquela coisa da ilusão da juventude, de se sentirem importantes. Não sei como eles agüentam, deve ser uma canseira... (Marília Kranz)
Os homens da minha idade estão perdidos, não absorveram a nova mulher; ficam procurando garotinhas que babem por eles. É mais pela vaidade de mostrar e a veneração que recebem delas, como um pai, um superior. (Helena Londres)
O homem separado, de mais ou menos quarenta anos, vai buscar uma garota de vinte, porque busca a juventude, sugar a vítima, e isso é uma coisa socialmente aceita (Paulo Coelho)" (Fontes, Pereira & Pimentel, 1994:71 – grifos no original).

A idéia de fundo é a de que o homem lida com mais dificuldade com momentos difíceis, tais quais o da solidão da meia-idade:

"Se a solidão é comum a todos, indistintamente, a relação que cada um estabelece com ela é 'pessoal e intransferível'. Mas há mulheres que se julgam mais preparadas para vive-la, achando que para os homens é bem mais difícil.
O homem suporta menos a solidão, fica meio meninão..." (Fontes, Pereira & Pimentel, 1994:28 – grifos no original);

o que o levaria a comportamentos mais infantis neste momento da vida.

A decoradora Meire Gomide, entrevistada por Lemos aos quarenta e oito anos de idade, também se remete à narrativa das perigosas escapadas do marido de maneira bastante enfática. Enquanto a meia-idade masculina parece conduzi-lo a infantilidades, a loba chega nesse momento da vida experimentando o auge da sua sabedoria, imprescindível tanto para (continuar a) seduzir quanto para suportar o mau momento do homem e ajudá-lo. Cito:

"Nós mulheres fomos muito mal informadas sobre casamento, nos disseram que o homem sabia tudo, que ele ia nos ensinar as coisas. Ninguém percebeu que o mundo

> tinha mudado. E o que a nossa geração viu foi que os homens não sabiam nada do que a gente queria aprender, tivemos que ir à luta, aprender sozinhas. Hoje, meu conceito de homem é outro, vejo os homens também frágeis, inseguros, com crises de todo tipo, insônia, *precisando da gente*. Não tive medo da idade do lobo do meu marido, de ser trocada por duas de 24. Já fui trocada, destrocada, não tenho mais medo disso, não. Já passei por tanta coisa, amarguei tanto, que ninguém me tira mais o que aprendi, essa sabedoria é minha. *Acho os homens mais bobos do que lobos nessa idade,* eles têm um lado mais infantil que o nosso. Não que a gente não tenha necessidade de testar se ainda é sedutora, mas tem mais consciência do impulso, sabe mais o que está sentindo, e portanto sabe melhor o que faz..." (Lemos, 1996: 124 – grifos meus).

Além disso, há algo que comentei acima: a saber, a idéia de que a geração retratada por essa produção cultural – que chegou à meia-idade em meados da década de 1990 – carrega um protagonismo no cenário ideológico nacional. A imagem é de um momento histórico mais positivo em relação à vida de outras mulheres, suas prováveis mães e avós, supostamente mais submissas a estereótipos de gênero que as subvalorizavam em relação aos homens.

O chiste que confunde de propósito *lobo* e *bobo*, presente na fala de Gomide, não gratuitamente inspirou o título e o conteúdo do capítulo de um dos livros de Elyseu Mardegan Jr. que fala justamente sobre a vida sexual do homem de meia-idade. "Sexo: Lobo Bobo" traz quase uma narrativa de consolação e de confiança para a esposa do homem em crise, potencialmente traída – com um efetivo adultério ou com transformações outras no comportamento de seu marido[180]. E isso tem uma razão de ser.

[180] Assim escreve Luiz Cuschnir no Prefácio de *Homem 40 Graus: A Hora do Lobo*: "O que Elyseu descreve como a reação da mulher em sentir-se traída indica que o homem não transpõe toda a possibilidade de sensibilizar-se unicamente com e por ela. O universo afetivo de um homem passa por inúmeros vínculos e situações que lhe proporcionam uma razão maior de sua existência. Além da mulher e da família dela, ele tem os filhos, os pais, os irmãos, os amigos da infância e da

Como já colocado, o segundo livro de Mardegan Jr., *Homem 40 Graus: A Hora do Lobo*, é escrito e publicado em 1997 na esteira do sucesso e da reação de leitores e, sobretudo, leitoras, ao primeiro livro, lançado quatro anos antes. Logo no começo dessa publicação, ele comenta a relevância dessa interação:

> "Neste livro, procurei reunir os conhecimentos adquiridos durante todos estes anos, seja com a Tese de Mestrado e, conseqüentemente, com o livro *A Idade do Lobo*, ou com todos os depoimentos, relatos, fatos e troca de experiências que consegui reunir nestes anos. Estes últimos são para mim os mais importantes..." (Mardegan Jr., 1997:15).

E, em entrevista, também tocou no assunto ao comentar as motivações para a segunda publicação e também seus métodos de trabalho. Cito:

> **Elyseu Mardegan Jr.:** No final do [primeiro] livro tem o roteiro, não é bem um questionário, o roteiro das perguntas que eu usei pra conversar com os executivos. Quer dizer, eu também não queria fazer aquele tipo de pesquisa quantitativa de entrevistar duzentas mil pessoas e ir distribuindo questionário. Não era esse o objetivo. Então, o que eu fiz? Eu fiz um roteiro de perguntas e eu fui basicamente seguindo aquele roteiro, tomando o cuidado de não transformar a entrevista num perguntas-e-respostas, entendeu? Eu queria, seguindo o roteiro, que as pessoas me contassem aquelas experiências. O que acabou acontecendo é que eu recebi, depois do primeiro livro, coisa como duzentas cartas de pessoas que leram. E eram cartas porque naquele tempo não tinha e-mail.

---

adolescência, os amigos novos da esfera social e profissional, para não falar de todos os seus relacionamentos amorosos anteriores (ele não nasceu, nem parou de viver ao se casar, como imaginam muitas esposas). É mesmo uma traição! Mas, ela não é a única. Ele foi, é e será um outro indivíduo, antes ou depois da Hora do Lobo, pois é através deste processo de crescimento e desenvolvimento que ele justifica sua vida" (Mardegan Jr., 1997:11).

> Eram pessoas respondendo, eram as pessoas contando das suas experiências... *Muitas mulheres contando, a grande maioria, contando das experiências dos maridos.* E aí eu resolvi pegar essas cartas e atualizar um pouco o primeiro livro, mas contando as histórias das cartas que eu havia recebido, sem identificar as pessoas. Então daí que saiu o segundo livro. E aí foram mais três anos, por aí, pra sair o segundo. E aí eu incorporei essas cartas. No livro *Homem 40 Graus* tem trechos de cartas, dos relatos das pessoas, e tal...
>
> **Eu:** E nesse contato com os leitores você sentiu diferenças em relação ao universo que você tinha pesquisado, o dos empresários?
>
> **Elyseu Mardegan Jr.:** Então, aí é que ficou legal porque o que eu acabei vendo, e isso que me motivou a fazer o segundo livro, é que muitas coisas que eu havia colocado no primeiro livro, e até na própria Tese... Na Tese eu tive que ficar um pouco mais limitado às referências bibliográficas. No livro, além de transformar numa linguagem coloquial, eu pus algumas coisas que eu achava. Então no livro eu fiquei mais livre pra colocar coisas que eu achava que aconteciam, mas eu não tinha provas científicas e tal. E aí eu percebi que muitas coisas que eu tinha colocado no livro que eram um pouco *achômetro* estavam sendo confirmadas pelas experiências que as pessoas estavam contando. Então, falei 'pô, tô no caminho, o caminho é esse mesmo' (grifos meus).

Distanciando-se de temáticas mais ligadas à vida profissional do homem na crise da meia-idade, Mardegan Jr. diz ter ganho, no segundo livro, a liberdade para abordar assuntos mais subjetivos, afetivos e familiares, que ficaram de fora da primeira publicação. No entanto, o tom com o qual constrói seu discurso me leva a

pensar se, talvez, *Homem 40 Graus: A Hora do Lobo* não se dirija efetivamente às esposas dos lobos em crises. Algo que poderia ser lido na chave interpretativa através da qual diferentes pesquisas vêm encarando a associação entre literatura de auto-ajuda e feminilidade: a saber, tomando o cuidado como disposição afetiva marcada pelo gênero. Caminho com o argumento.

O capítulo citado, "Sexo: Lobo Bobo", desenha uma narrativa do momento da vida do homem em que se dá o que chama de decadência da "mística masculina" (Mardegan Jr., 1997:48): algo como a quase impossibilidade do exercício correto da performance de masculinidade desejada sexual e socialmente, a do macho. E, como será visto no próximo capítulo, esta depende basicamente, de acordo com o material analisado, da eficácia de processos de repressão emocional. A idéia central é a de que na meia-idade essas coisas se revertem dramaticamente, fugindo ao seu controle, determinando a tal crise:

> "Se, desde criança, ensina-se ao indivíduo do sexo masculino que ele se afaste das próprias emoções, como conseqüência ele acaba se distanciando de si mesmo. No futuro, para esse rapaz, sexo e sentimento também serão duas coisas completamente dissociadas. Um servirá para provar a sua masculinidade e o outro simplesmente não é coisa de homem. Na adolescência, estes conceitos distorcidos irão encontrar um eco ainda maior na cabeça do jovem que luta a todo custo para se afirmar, como homem e macho. (...) Felizmente, na meia-idade, esta mística masculina começa a se deteriorar, porque vai ficando claro que tudo o que ele aprendeu sobre sexo, ser homem e etc., não se encaixa com a sua realidade atual de vida. A Idade do Lobo é um processo de introspecção, de *ouvir a si mesmo*, de adquirir maior lucidez sobre os fatos da própria vida. Acima de tudo, ele começa a ver que ser homem, aos 40, 50 anos, não tem nada a ver com não chorar, com não demonstrar sentimentos. Ele se sente como um vulcão, as emoções afloram como lavas ardentes. Tudo o que ele escondeu, reprimiu e guardou durante a vida inteira explode agora" (Mardegan Jr., 1997:96 – 97 – grifos meus).

Faço um parêntese. É interessante notar como a problematização da crise da meia-idade proposta por Mardegan Jr. parece destoar do que geralmente as ciências sociais dizem sobre a auto-ajuda: falo aqui da tal tendência à individuação e pessoalização de questões sociais e/ou coletivas. Isso porque o autor reconhece a força do social sobre a vida das pessoas, determinando até mesmo comportamentos prejudiciais do ponto de vista subjetivo. São muitas as menções aos chamados modelos e papéis tradicionais – e emocionalmente destrutivos – no decorrer dos textos: Mardegan Jr. diz estar preocupado com as causas e não somente com os sintomas da chamada idade do lobo[181]. Cito uma dessas passagens, onde a questão da ausência de modelos de vida, comentada acima, serve de esteio ao argumento:

> "A verdade é que ele começa a questionar o modelo que ele herdou e até então seguiu para sua vida – o modelo do pai, do avô, enfim, o modelo social que sempre lhe serviu de guia – que vinha impregnado daquele imperativo heróico de que *homem não chora, homem não sente, homem é forte*, e, ao mesmo tempo, carregado de uma definição errônea do que significa ser homem, numa sociedade mais do que masculina, mas sim machista." (Mardegan Jr., 1997:75 – ênfases no original).

[181] "O que normalmente acontece é que as pessoas procuram sempre identificar o indivíduo na Idade do Lobo através dos sintomas (já que são mais facilmente perceptíveis) e não dos fatos geradores ou causadores daquele momento. E aí muitas vezes podemos nos enganar. Há uma certa confusão quando se diz 'fulano está bebendo, comprou um carro esporte, anda chegando tarde em casa, etc. e, por isso, está na Idade do Lobo". Na verdade, estes podem ser (ou não) os sintomas da crise ou a ponta do iceberg que, evidentemente, ajuda a caracterizar o Lobo, mas não a identificar as causas que levaram à essa alteração de hábitos" (Mardegan Jr., 1997:21). Há de se notar que com esse tipo de colocação o autor delineia o que é que efetivamente quer dizer quando a idéia da crise é apresentada – tema que será objeto de parte do próximo capítulo. Há quase um esforço de depuração conceitual quando ele tece seus comentários sobre a comum confusão entre os sintomas e as causas da crise da meia-idade. Com isso, vai efetivamente construindo a idéia. Nota-se ainda uma importante inflexão de gênero que aqui ensaio comentar: enquanto a crise da meia-idade feminina parece estar bastante calcada nos em transformações físicas no corpo da mulher, a chamada hora do lobo parece vir muito mais de um arrebatamento com causas emocionais, subjetivas. Tudo isso será retomado oportunamente.

Mardegan Jr. fala então na construção de novos modelos a partir de pequenas mudanças comportamentais e de leves redirecionamentos. Algo que evoca, portanto, alterações que não se dariam simplesmente no plano individual:

> "Desta forma, uma nova e positiva abordagem para a Idade do Lobo, só é possível através da revisão de alguns valores e crenças que estão enraizados na nossa cultura. Começando por uma verdadeira faxina no modelo de vida e no papel masculino na sociedade. Se nós não conseguirmos reformular esse modelo que foi seguido cegamente pelo homem, que se encontra hoje na meia-idade; se não conseguirmos eliminar toda esta mítica que envolve os 40 anos, ficará difícil estabelecer uma abordagem positiva para esse momento de transição" (Mardegan Jr., 1997:118 – 119).

No entanto, falando não tão veladamente para as esposas dos homens na meia-idade, Mardegan Jr. aciona soluções para a crise que passam ao largo de grandes mudanças sociais. Distante disso, e até mesmo reforçando determinados aspectos de gênero na pessoalização de determinadas responsabilidades emocionais, reificam-se padrões de sociabilidade dissimétricos e – porque não dizê-lo? – hierárquicos. Como pretendo deixar claro nesse momento do presente trabalho, é a figura da tradicional esposa, amável e compreensível, que se sobressai tomando as rédeas pela manutenção da conjugalidade. Afinal de contas, como coloca Luiz Cuschnir, psicoterapeuta e amigo pessoal de Mardegan Jr., no prefácio de *Homem 40 Graus: A Hora do Lobo*, a crise da meia-idade masculina é um momento com o qual o casal deve aprender a lidar (Mardegan Jr., 1997:11). Daí os explícitos nomes de outros capítulos do livro também escritos em forte tom de aconselhamento: "A Mulher é Quem Paga o Pato" e "O 'Day After: Como Enfrentar e Conviver com o Lobo".

A insistência dos livros no tal aflorar das emoções, ao qual me referi acima, talvez complexifica aquilo que Giddens vem chamando de exigências atuais de reflexividade. A produção com a qual venho trabalhando parece indicar um momento na vida das pessoas próprio para se lidar com o Eu: como se fosse na meia-idade que se revela em toda sua potencialidade esse tal *si mesmo* – tomado como uma possível tradução dessa subjetividade exacerbada da qual falam alguns intérpretes da contemporaneidade. E é interessante perceber como esse momento suscita diferentes narrativas a partir da ação do marcador de gênero: se a mulher na idade da loba é a que olha para *si mesma* para descobrir o que há além do externo, o homem na idade do lobo é ameaçado pelo que há dentro de si. Se para ela a terapia é valorizada como um meio positivo para estas descobertas, para ele é a família que se sobressai, como garantia de estabilidade emocional nesse encontro tardio com sua subjetividade:

> "... uma ajuda profissional, com psicólogo ou psicoterapeuta, pode ajudar, mas o fortalecimento da relação com a esposa e com os filhos, a conquista da harmonia na vida familiar serão as verdadeiras bases deste processo de revisão do qual todos sairão fortalecidos" (Mardegan Jr., 1997:122).

Uma das principais vias para o fortalecimento dessas relações familiares, e para a conseqüente superação da crise da meia-idade masculina, dá-se via diálogo. A idéia de que há uma diferença entre homens e mulheres quanto à capacidade para verbalizar sobre seus respectivos estados emocionais é recorrente no material analisado. Essa dificuldade com uma comunicação que é de foro mais íntimo figura como uma das facetas dos processos subjetivos de

supressão emocional, próprios a determinadas concepções de masculinidade, às quais me referirei com mais detalhe no próximo capítulo. Importa aqui relacionar estas concepções de gênero aos esforços que são propostos pela produção cultural que venho analisando como soluções para a crise da meia-idade masculina. Cito.

Logo na Apresentação de seu livro, Lemos coloca o dom das palavras como parte constituinte da feminilidade:

> "Contar histórias, trocar experiências, conversar: esses são alguns dos grandes talentos femininos que explorei nesse trabalho" (Lemos, 1996:19).

Mais à frente, comentando a imagem que o feminismo ganhou para a maioria das mulheres, a socióloga Lígia Mendonça, entrevistada por Lemos aos quarenta e oito anos de idade também se refere às cores femininas do diálogo, da conversa:

> "Tenho um amigo que está tentando estimular outros homens a se reunir entre eles para discutir, falar, como as mulheres sempre fizeram. Os homens não se questionaram, não se problematizaram, mas eu acho que estamos querendo nos juntar de novo, em todos os níveis. O movimento feminista hoje quer trocar com os homens, e acha que eles podem aprender muito com a gente" (Lemos, 1996:51).

Há pelo menos mais uma referência nesse sentido, na fala da professora de lingüística da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Bernadete Oliveira, também ouvida por Lemos aos quarenta e oito anos de idade:

> "Essa questão das mudanças que vêm com a idade é um papo constante entre nós, o que ajuda bastante; essa mania que mulher tem de conversar é muito saudável" (Lemos, 1996:180).

Fontes, Maria & Regina Pimentel também acionam a mesma concepção de gênero no final do trecho de *Mulher 40 Graus à Sombra* intitulado “Carta ao Homem (des)Conhecido”:

> “Perplexa, olho pra mim, pra você, e isso me faz falar. Talvez isso seja a nossa maior diferença. Você continua em silêncio. Um silêncio milenar” (Fontes, Pereira & Pimentel, 1994:109).

Contornar essa incapacidade para acessar suas dimensões subjetivas mais profundas coloca-se ao homem como um dos primeiros passos para a superação da crise da meia-idade. E, se a tal hora do lobo é apresentada por Mardegan Jr. como um desafio mais do que pessoal, mas sim familiar, cabe ao homem angariar para si essa prerrogativa do verbal sobre suas emoções. Tudo se passa como se falar sobre sua própria condição – o que já figura como uma grande vitória individual – lhe garantisse alguma contrapartida daqueles que o rodeiam, sobretudo de sua esposa. Cito dois trechos, já do final de *Homem 40 Graus*, que ilustram muito bem esse ponto:

> “Ele deveria procurar, em primeiro lugar, o apoio feminino nessa crise de transição. E ela deveria aceitá-lo e entendê-lo, utilizando uma pequena dose de esforço” (Mardegan Jr., 1997:111); e
> “Se, nessa fase, atender as necessidades masculinas é vital para a sobrevivência da relação, a mulher tem que abrir-se para a compreensão. E o homem abrir-se ao diálogo” (Mardegan Jr., 1997:113).

As atitudes recomendadas são, portanto, dissimétricas, já que baseadas em diferentes expectativas de gênero para a vida emocional das pessoas, como estas relacionadas ao cuidado como uma disposição afetiva que venho

abordando. O forte tom prescritivo desse momento do texto coloca o diálogo e a atitude compreensiva da esposa como determinantes para a manutenção da conjugalidade em tempos de crise, já que mudanças bruscas de comportamento podem parecer mais fáceis e, ao mesmo tempo, também mais destrutivas. Cito:

> "Pressionado, estressado, desiludido e desencantado – ainda que sua conta bancária tenha milhões e a garagem todos os importados do ano – ele sente que é mais simples escapar do diálogo e começar de novo. Esta falta de visão e de compreensão (...) diante da crise da meia-idade é um erro fatal. A lacuna leva ao rompimento. Como não existe entre eles diálogo, explicações, troca de idéias e nem apoio recíproco, não fica claro para nenhum dos dois o que realmente está se passando. Daí o fim da união surge como caminho mais simples, talvez até o mais leve, embora também cruel. É mais fácil culpar, romper e começar de novo, do que abrir [,] enfrentar, entender e resolver a crise. A fuga é mais atraente do que um diálogo franco e esclarecedor. Para abrir os olhos, a mente e o coração é preciso coragem" (Mardegan Jr., 1997:112 – 113).

A trágica parábola da crise da meia-idade masculina reifica, portanto, a imagem infantilizada do lobo, mesmo – e isso deve ter alguma relevância – quando abordada por um autor homem, em um livro que fala de problemas masculinos[182]. Se a crise da meia-idade masculina é algo com o qual o casal deve aprender a lidar, como já colocado, isso parece depender em muito de uma atitude compreensiva por parte da esposa, a fim de garantir uma continuidade minimamente estável para o relacionamento. Como nos relatos de mulheres comentados acima, das autoras e também de suas entrevistadas, aqui certa dose de resiliência também é apontada como um traço marcante da feminilidade,

[182] Isso para não entrar aqui em detalhes sobre a imagem idealizada do executivo bem sucedido, com uma conta milionária e "todos os importados do ano". Como já colocado, a questão do recorte de classe não entrou como uma categoria de análise na presente pesquisa. No entanto, indicações como estas, dispersas nos textos, aludem a uma narrativa que fala de condições de vida e de problemas próprios aos extratos mais altos da sociedade.

imprescindível para lidar com alguns temas delicados. Falo aqui especificamente da situação que coloca em risco toda a sacralidade do par conjugal e que se repete inúmeras vezes no material analisado: a famigerada traição com uma parceira mais jovem. Com uma espécie de retórica da conciliação, Mardegan Jr. parece escrever para a esposa, acalentando-a e, com isso, reforça disposições emocionais associadas a determinadas concepções gênero: a covardia ingênua do homem que foge de *si mesmo* e a insistência e sabedoria da mulher que enxerga e que deve enxergar além. Cito a seguir trecho do capítulo do segundo livro de Mardegan Jr. que fala sobre a vida sexual do homem na crise da meia-idade:

> "Enganam-se as mulheres que vêem nestas aventuras sexuais de seus parceiros, na Idade do Lobo, algo além do que apenas sexo. Não há sentimento, na grande maioria dos relacionamentos que o homem busca avidamente, neste momento. Sexo e sentimento, para ele, ainda são coisas dissociadas. O grande macho essencial, ao se sentir fragilizado, reage tentando provar aos outros e a si mesmo – através do sexo – que ele está jovem, vivo e vigoroso. Assim, se ser macho, na sua visão de mundo, é diretamente proporcional à atividade sexual que ele tenha por semana, por minuto, por segundo, nada faz mais sentido do que buscar uma companheira mais jovem e provar que ainda é, acima de tudo, um atleta sexual" (Mardegan Jr., 1997:50 – 51).

Inconseqüente, o lobo trai e arrisca seu casamento por uma fraqueza, quase uma bobeira.

A associação entre feminilidade e conjugalidade parece ser uma tônica entre os títulos catalogados sob o rótulo da auto-ajuda. Assim como descreve Vera L. P. Alves, em *Receitas Para a Conjugalidade Uma Análise da Literatura de Auto-Ajuda*, grande parte dos títulos acabam universalizando determinados

desejos femininos de conjugalidade e naturalizando o papel da mulher como condutora dos parceiros no interior da relação. Segundo Alves, tomando o casamento como destino e anseio muito mais femininos do que masculinos, os livros acabam orientando sobretudo *as leitoras* para a conquista e manutenção das relações afetivas – algo que também pude perceber com clareza nos volumes analisados, assim como venho tentando demonstrar. Cabe à esposa a compreensão necessária para dar conta da crise da meia-idade masculina, de acordo com os livros analisados. Alves identifica nos textos a reificação de um cenário de sociabilidade marcado por um forte ideário de competição feminina entre possíveis pretendentes. Por isso o uso de um vocabulário que *premia* a moça que *consegue* um marido: tudo se passa como se se tratasse realmente de uma vitória. Pautando-se em informações de origem científica sobre diferenças postas como naturais entre homens e mulheres, a produção em questão toma como dado e reforça padrões de sociabilidade marcados por hierarquias de gênero. Nas palavras de Alves,

> "A literatura de auto-ajuda não apenas reifica distinções de gênero, como prescreve sobre aquelas mais marcadas e operantes. Representa as desigualdades entre homens e mulheres e as estimula, simultaneamente" (Alves, 2005:197).

E há algo mais que não pode deixar de ser dito: a conjugalidade expressa em tais livros é sempre pensada estritamente no plano da heterossexualidade[183]. Recolho a seguir exemplos nesse sentido dentro do material que me aqui me

[183] "O matrimônio prescinde do direcionamento à heterossexualidade." (Alves, 2005:161)

serve de objeto. Toda a narrativa de Mardegan Jr. sustenta-se, como venho colocando, na imagem de um pai de família tradicional atordoado pela crise da meia-idade[184]. Em nossa conversa, em agosto de 2008, o questionei sobre esse padrão e a resposta foi a seguinte:

> E eu vou arriscar aqui simplesmente dizer que, como o homossexual já tem que, de certa forma, passar por uma série de preconceitos na sociedade, sobreviver e passar por esses obstáculos, que não são fáceis, e que o expõem... Sem dúvida nenhuma, o expõem do ponto de vista social, do ponto de vista humano, né? Eu tenderia dizer que isso traz a essa pessoa, com essa exposição maior, traz uma pré-disposição menor talvez a enfrentar esses questionamentos... Porque o que coloca o homem nesse turbilhão, quer dizer, ele não conseguir sequer entender o que está acontecendo com ele, questionar o que está acontecendo, encontrar, um caminho, um nicho, um fim desse momento... Quer dizer, ele fica dentro daquele turbilhão, se perguntando de várias coisas, não tem coragem de enfrentar certas perguntas e, portanto, muito menos as respostas... Não se confronta, não se questiona... E eu acho que, de novo, o homossexual já teve que passar por isso...
>
> **Eu:** Entendi...
>
> **E.M. Jr.:** ... já teve que enfrentar muitos preconceitos e obstáculos que, talvez, façam com que ele se conheça, se

[184] A antropóloga argentina Mônica Tarducci, em um texto que discute as relações de gênero nos vários movimentos religiosos designados sob a insígnia do fundamentalismo fala também de uma valorização contemporânea do que se tem como tradicional. E, nesse contexto, também são as relações desiguais e hierárquicas entre homens e mulheres que ocupam papel central nesse ideário (Tarducci, 1999:199).

> conheça muito melhor do que aquele que nunca teve esse tipo de, vamos dizer assim, de necessidade ou de habilidade... Porque é uma habilidade você se conhecer, né? E eu acho então que, de novo, o homossexual acaba tendo uma facilidade pra enfrentar esses questionamentos, esses desafios... Acho que o homossexual seguramente se conhece melhor, tem menos preconceito de lidar com assuntos emocionais, psicológicos, portanto, ele está mais preparado para isso... E eu acho também que ele está mais preocupado, está mais atento a ele mesmo, pelo histórico de vida dele, dos preconceitos, dos obstáculos, ele está mais preparado pra se conhecer, pra se questionar, pra mudar, se for o caso... *Enquanto o homem*, de uma forma geral, é muito rígido. Ele se afastou de si mesmo, ele é muito rígido com ele mesmo, ele nunca teve essa habilidade de se conhecer, de se questionar. Portanto, pra ele, mudar certas coisas é muito complicado. E acho que essa é a grande diferença. Vou arriscar aqui, talvez por isso não tenha encontrado... Não me lembro de nenhum caso de um homem homossexual na crise da meia-idade, ou falando do que passou, que teve a experiência e tal... (grifos meus)

Sua fala destaca algo que se aproxima de uma blindagem emocional para o homem homossexual: mais instigado por pressões sociais para dar conta de suas questões subjetivas, ele possivelmente não passa pelos mesmos apuros que supostamente enfrenta o homem heterossexual por volta dos quarenta anos de idade. E há ainda uma oposição em sua fala, talvez revelada por um descuido ou distração, mas que deve ter alguma relevância para se pensar nas convenções de gênero acionadas pelo autor em seus trabalhos. Falo aqui especificamente da

diferenciação que ele faz, destacada no texto acima, entre o 'homossexual' e o 'homem, de uma forma geral', que é mais rígido quanto aos seus estados emocionais e que, por isso, sofre mais com a crise da meia-idade.

Das noventa e sete entrevistadas de Lemos, apenas uma delas se remete a uma experiência homossexual: a mãe e administradora de empresas Clarice Salles, entrevistada pela autora quando contava quarenta e oito anos de idade, morava naquele momento com sua antiga parceira, com quem mantivera um relacionamento durante mais de dez anos. Tomando material analisado, é o livro das psicanalistas Fontes, Pereira & Pimentel, *Mulher 40 Graus á Sombra: Reflexões Sobre a Vida a partir dos 40 Anos*, que traz alguma colocação minimamente mais aberta para possíveis outros arranjos afetivo-sexuais. Em um capítulo intitulado "Estado Civil – A Revisão dos Quarenta (Casamentos, Casos e Cia. Ltda.)", após listarem algumas opções afetivo-sexuais para a mulher "na virada da idade" (Fontes, Pereira & Pimentel, 1994:66), as autoras comentam a possibilidade homoafetiva:

> "... se for o seu caso, encarar outro preconceito e fazer par com uma mulher. (...) É saber qual é a sua opção e ir em frente, tentando superar obstáculos, abrindo mão das idealizações. Da estratégia da sobrevivência à realização amorosa possível..." (Fontes, Pereira & Pimentel, 1994:72 – 73).

Esse tipo de colocação aproxima o material de um padrão relativamente mais aberto para a sexualidade das pessoas, como se realmente só bastasse uma narrativa coerente da pessoa sobre também este aspecto da sua identidade, esse tal de "saber qual é a sua opção e ir em frente". Inspirado em Foucault,

Giddens recupera a exigência de um discurso verdadeiro sobre o sexo, inaugurada por instituições confessionais, para caracterizar essa tendência contemporânea:

> "Hoje em dia a 'sexualidade' tem sido descoberta, revelada e propícia ao desenvolvimento de estilos de vida bastante variados. É algo que cada um de nós 'tem', ou cultiva, não mais uma condição natural que um indivíduo aceita como um estado de coisas pré-estabelecido. De algum modo (...) a sexualidade funciona como um aspecto maleável do *eu*, um ponto de conexão primário entre o corpo, a auto-identidade e as normas sociais" (Giddens, 1993:25).

Tudo se passa, na chamada alta-modernidade, como se a heterossexualidade não fosse mais o padrão pelo qual tudo o mais é julgado (Giddens, 1993:45). No entanto, como o meu material vem indicando – e também as colocações de outros pesquisadores – o que prevalece é o padrão heterossexual. O cenário marca-se, talvez, por uma aparente permissividade moral[185] em que um tom quase hipócrita se revela[186] e permite, entre outras coisas, colocações como a de Lígia Mendonça, socióloga e sanitarista, entrevistada por Lemos aos quarenta e oito anos de idade:

> "Não sei se primeiro fui uma militante de esquerda ou se primeiro fui uma feminista, porque sempre grudei as duas coisas. Fiquei muito assustada quando fui aos primeiros encontros de mulheres, eu ficava com *medo de estar virando lésbica*, era tudo tão mal resolvido na minha cabeça" (Lemos, 1996:50 – grifos meus).

[185] Giddens, 2002:144.
[186] Rüdiger, 1996:67.

Operando através de uma lógica estritamente binária, a produção em questão acaba naturalizando a heterossexualidade na medida em que parte de concepções complementares de gênero para pensar diferentes expectativas sócio-emocionais como contribuições imprescindíveis à conjugalidade. Judith Butler, em texto de 2002, "O Parentesco é Sempre Tido como Heterossexual?", ao discutir a viabilidade do que ela chama de uma política sexual radical, nos traz reflexões sobre determinadas concepções de cultura e de reprodução cultural que partem dessas fortes noções sobre a forma como o nosso parentesco é fundamentalmente organizado. A esse tipo de normatização, que se dá via Estado mas também via uma inteligibilidade que está ontologicamente muito antes dessa organização social, a autora dá o nome de heterossexualidade compulsória. Trata-se de uma gramaticalidade que reifica um padrão de reprodução social e cultural baseado em uma dualidade necessariamente desigual e/ou complementar. Discutindo a luta pelo reconhecimento do casamento gay, Butler diz que é necessária uma ação ainda mais radical e crítica, que vá além de um esforço pela legitimação do que hoje se tem como ilegítimo[187].

[187] Seu argumento continua: "Pode-se almejar todo um outro léxico. A história do progressismo sexual com certeza se vale repetidamente da possibilidade de uma nova linguagem e da promessa de um novo modo de ser. E, à luz dessa perplexidade, poderíamos desejar optar por uma outra estória, operar em algum lugar que não seja nem o legítimo nem o ilegítimo. Mas aqui é onde a perspectiva crítica, aquela que opera no limite do inteligível, também corre o risco de ser considerada apolítica. Pois a política, dado que é constituída graças a esse discurso de inteligibilidade, exige que assumamos uma posição a favor ou contra o casamento gay; mas a reflexão crítica, que com certeza é parte de qualquer filosofia e prática política seriamente normativa, exige que se interrogue por que e como isso se transformou no problema, o problema que define o que irá ou não se qualificar como discurso político significativo. Por que, sob as condições presentes, a própria perspectiva de 'se tornar política' depende de nossa habilidade de operar dentro da lógica binária instituída discursivamente e não se interrogar, e se empenhar em não saber, se o campo sexual é violentamente restrito pela aceitação desses termos?" (Butler, 2003:228).

Ainda que discutindo temática diferente daquela que venho enfrentando aqui, as colocações de Butler sobre a luta por reconhecimento de um parentesco que desafia determinadas norma de inteligibilidade ilumina, de certa forma, a insistência em uma conjugalidade estritamente heterossexual que encontrei na produção de auto-ajuda nacional. Trata-se aqui de tomá-la como expressão de expectativas sócio-emocionais necessariamente diferentes e complementares para a reprodução da relação afetiva, nesse primeiro plano, e da própria sociedade, num segundo plano. Reificar a conjugalidade e construí-la como um atributo próprio à feminilidade, como o faz o material que venho analisando, é acionar e reproduzir determinadas concepções desiguais de gênero. Se a auto-ajuda se coloca como feminismo possível nos dias atuais, ela cristaliza aquilo que Marko Monteiro também encontrou em seu trabalho sobre concepções de gênero em uma revista nacional: o cuidado figurando como disposição afetiva desligada da masculinidade[188].

Finalizo o presente capítulo retomando a obra da socióloga estadunidense Hochschild. A idéia foi aqui estabelecer essa ligação entre cuidado e gênero via determinados discursos sobre as emoções. Em um artigo onde comenta o papel da ironia no funcionamento do que chama de códigos de gênero, a autora remete ao trabalho de Goffman para iluminar as suas conclusões sobre o mercado estadunidense de *advice books* para mulheres. Como já colocado, se todos são instados a atuarem sobre seus estados emocionais, uns o são mais do que outros e é por estar a feminilidade mais associada ao cuidado e à disponibilidade afetivo-emocional que se dá a insistência da literatura de auto-ajuda num público

[188] Monteiro, 2001:245.

feminino, tão comentada pela bibliografia consultada. Trata-se de instrumento poderoso no sentido da construção da naturalidade do cuidado como encargo feminino, como também coloca Zelizer[189], ou até mesmo de uma intuição, para usar as palavras de Hochschild[190]. Segundo esta autora, para aqueles temporária ou permanentemente subordinados socialmente, as regras sentimentais surgem como artefato de grande importância[191]. São as minorias, ou aquelas tidas como tais, que desenvolvem o chamado sexto-sentido, como uma espécie de prêmio de consolação – e de antecipação – onde é a racionalidade, em oposição hierárquica às emoções, que parece triunfar. Ou, como coloca a autora, é essa intuição especial, produzida através de esforços conscientes e inconscientes, que figura como equivalente psicológico a determinadas submissões sociais[192]. A idéia de que quem tem mais status social recebe mais credibilidade em relação aos seus rompantes emocionais pode talvez explicar porque é que a loba é quem deve se abrir à compreensão quando da crise da meia-idade masculina, a fim de preservar o casamento – e não o contrário.

[189] Zelizer, 2005:243.
[190] Hochschild, 2003b:47.
[191] Hochschild, 2003b:56.
[192] Hochschild, 2003b:136.

Capítulo 3: A Reificação da Crise e os Convites à Virada da Meia-idade.

Chega a hora de discutir com mais detalhe os significados daquilo que aqui me serve propriamente de objeto de análise: a saber, a crise da meia-idade de homens e mulheres assim como ela aparece em livros nacionais classificados pelo gênero auto-ajuda. Se nos outros capítulos optei por apresentar discussões que perpassam os livros analisados – tais quais determinadas estratégias de classificação próprias a esse nicho do mercado editorial e também dimensões relativamente mais gerais que alinhavam as narrativas destas publicações, como uma possível relação entre gênero e cuidado, por exemplo – busco aqui analisar pormenorizadamente algumas temáticas mais internas. Como se erige propriamente a imagem de homens e mulheres em meio à crise da meia-idade? Quais seus principais problemas e características? Quais os principais estopins para o momento de sofrimento e ao quê e a quem estes livros aconselham recorrer? Em suma: quem e como são o lobo e a loba pintados por essa produção nacional em meados da década de 1990?[193] E na busca destes significados, mais uma vez, o marcador de gênero faz-se presente: diferentes sentidos são acionados para a caracterização deste momento da vida das pessoas. Trata-se aqui, em síntese, de uma reflexão sobre cultura, se por esta se toma algo próximo daquela definição de Strathern registrada na Introdução desta dissertação: a saber, a cultura como o conjunto de analogias que somos capazes de fazer[194].

[193] E aqui as posições centrais dos livros de Regina Lemos e de Elyseu Mardegan Jr., já comentadas na Introdução do presente texto, ficam bastante claras.
[194] Página 28.

***

O livro de Regina Lemos conta com pelo menos duas passagens importantes[195] onde, em poucas palavras, diz ao que se propõe, por assim dizer. Logo em seu início, ela nos diz que

> "Este livro surgiu da minha crise dos 40 anos, que deu seus primeiros sinais aos 42, em 1992" (Lemos, 1996:17);

e, em suas últimas páginas, o relaciona com algo que entende como uma das principais características deste momento: a saber, a capacidade criativa da mulher às portas da maturidade. Com suas próprias palavras:

> "Este livro foi o caminho da solução da minha crise, e foi uma solução típica da meia-idade, através da criação, da realização" (Lemos, 1996:315).

É através de colocações desse tipo, dispersas ao longo de todo o material analisado, que se constituem propriamente os significados atribuídos à chamada crise da meia-idade. Falando diretamente dela ou evocando o que Lemos chama de questões relacionadas[196], os livros vão depurando as definições e caracterizando esse momento da vida. *Quarenta: A Idade da Loba* lança mão, para isso, de dois tipos de estratégias, submersas talvez propositalmente entre os

[195] Registradas previamente na nota 47 do presente texto (página 41).

[196] "Os depoimentos dessas 96 mulheres, e o meu próprio, que é o 97º, apresentam 97 maneiras de viver a crise da meia-idade e todas as questões relacionadas – o mito da beleza jovem, cuidados com o corpo, com a saúde, sim ou não à plástica, hormônios, maternidade, espiritualidade, as perdas, o estigma da velhice e o medo da morte, sexo e sedução –, sem conselhos nem fórmulas, mas em toda a sua diversidade e originalidade" (Lemos, 1996:21 – 22). Além da estratégia cara à auto-ajuda de fugir das respostas definitivas, abordada no primeiro capítulo da presente dissertação, a citação traz à tona a coloração de gênero que pretendo iluminar ao longo deste capítulo: a forte associação da crise da meia-idade feminina a questões que podem ser chamadas de estéticas. A ênfase no corpo, em suas transformações e cuidados, como determinante para o momento de introspecção da mulher não se repete, como será visto, quando as publicações se reportam à crise da meia-idade masculina.

depoimentos recolhidos ao longo de quase dois anos de trabalho.

A diversidade de perfis das entrevistadas é motivo de orgulho por parte de sua autora. Expressa em termos de diferentes trajetórias profissionais, ganha um parágrafo de destaque logo em suas primeiras páginas:

> "... o coração e alma do livro são as vozes dessas 96 mulheres, que têm profissões diversas: são jornalistas, empresárias, comerciantes, médicas, psicólogas, professoras, professoras de ginástica, pintoras, atrizes, joalheiras, ceramistas, escritoras, políticas, advogadas, médicas, funcionárias públicas, estilistas de moda e produtoras de moda. Entrevistei cinco donas-de-casa, sendo que duas delas foram modelos durante muitos anos, a terceira ajudou o marido em seus vários negócios, a quarta ficou em casa durante 25 anos, e agora está tentando trabalhar, e a quinta cuida de uma lavanderia franqueada e tem planos de abrir uma livraria. As representantes unitárias de profissões são uma pesquisadora de mercado que atualmente é doceira, uma mãe-de-santo que também é professora, uma cabeleireira, uma cantora, uma juíza hoje eleita a deputada, uma arquiteta, uma decoradora e uma cientista política" (Lemos, 1996:21).

Para aquém do perceptível desconforto em apresentar uma mulher "de vanguarda" (Lemos, 1996:22) que se identificasse única e simplesmente como uma dona-de-casa em meados da década de 1990 – sem um complemento, uma aspiração profissional ou minimamente um passado glorioso na execução de outra atividade profissional –, essa variedade de ocupações e formações estabelece uma diferenciação na forma como suas entrevistadas contribuem nos procedimentos de reificação da idéia da crise da meia-idade ao longo do livro. Dispersas sem alarde entre outras falas, me parece que algumas mulheres são entrevistadas mais por sua posição de especialista em determinado assunto do que propriamente por suas experiências de vida. Lemos parece buscar sorrateiramente, pelos interstícios de seu livro, uma legitimidade para sua própria

motivação. O que não quer dizer que tais afirmações, com bases mais científicas, sejam apresentadas como verdades inquestionáveis. São, no entanto, importantes elementos no sentido da realização da objetividade inquestionável da crise. Cito a seguir dois momentos onde julgo isso ficar claro. O primeiro, logo no primeiro capítulo do livro, é um explícito convite à reflexividade da leitora acerca de um assunto que lhe deveria dizer respeito e que, na época, constituía matéria polêmica: a saber, a Terapia de Reposição Hormonal, doravante TRH. O segundo, disperso ao longo do livro, forma-se numa tríade de especialistas entrevistadas por Lemos quase que exclusivamente para reificar a existência inegável da crise da meia-idade.

Vamos ao primeiro ponto. Ao anunciar a TRH como um dos grandes temas do livro, já que se tratava de um debate absolutamente contemporâneo àquele momento da vida de suas lobas, Lemos faz uma declaração própria de quem busca fugir da mais remota possibilidade de ditar comportamentos ou verdades:

> "Como em relação a todas as outras questões ligadas a este período da vida feminina, *Quarenta* mostra caminhos diferentes que levam ao mesmo lugar: viver bem a menopausa. A TRH é um deles. Embora às vezes seja mostrado como o único, a luz no fim do túnel trazida pela modernidade para salvar as mulheres do sofrimento, você verá alternativas e várias considerações a respeito do tema, para poder *decidir da sua maneira própria e original*. / De qualquer modo, a mesma geração que ganhou de presente o precioso recurso da pílula anticoncepcional, que nos permitiu fazer sexo sem o temor da gravidez indesejada, ganha agora essa nova possibilidade de passar pela menopausa sem os desconfortos que muitas mulheres enfrentaram, quase sempre em silêncio. Usar ou não, é *uma decisão pessoal e orgânica*, mas ter à disposição um recurso a mais é sempre bom" (Lemos, 1996:26 – grifos meus).

Apresentando a TRH como mais um privilégio de uma geração protagonista de grandes transformações sociais, Lemos se esforça para não aparentar a imposição desse tratamento a uma fase que é retratada e construída como de eminente sofrimento para a mulher. E, se a "decisão é pessoal e orgânica", a contribuição do livro vem em forma de reforço à reflexividade, através da publicização de informações e de experiências diversas, de acordo com o padrão midiático do qual o gênero auto-ajuda parece fazer parte, assim como apresentado no primeiro capítulo da presente dissertação.

Em seguida, a autora coloca as falas de duas lobas especialistas: médicas na chamada idade da loba, cujos depoimentos são menos biográficos e mais informativos do ponto de vista da divulgação de posições no até então acalorado debate científico sobre a TRH. E o interessante é notar que nem mesmo as médicas, convidadas a falar na condição de especialistas, tomam para a si a prerrogativa por uma orientação mais explícita. Também estas anunciam esse respeito demasiado pelas decisões pessoais que, no caso, são das pacientes – e das leitoras de Lemos. Indira Chagas, apresentada como uma ginecologista especializada em fertilidade – pupila "do dr. Elsimar Coutinho, o famoso e polêmico médico baiano, diretor do Centro de estudos e Pesquisas sobre Reprodução Humana, em Salvador" (Lemos, 1996:27) –, foi entrevistada quando contava quarenta e seis anos de idade. Comentado os sintomas negativos do climatério em relação a transformações na sexualidade feminina, Indira se posiciona fazendo referência ao recorrente ideário dos privilégios e protagonismos da geração que chegava à meia-idade em meados da década de 1990:

"... oriento as minhas pacientes a fazerem a Terapia de Reposição Hormonal. Por que passar por esse desconforto? Por que atravessar esse período, que pode durar um, dois, três anos? Quando uma paciente minha resiste à reposição hormonal alegando que a mãe dela não fez nada disso, costumo pedir para que ela me descreva a vida da mãe e a dela. Em geral, são diferentes como a água do vinho. Mas *claro que eu não forço a barra, nenhum médico consciente faz isso nem poderia. A decisão é da paciente*. O que tem acontecido cada vez mais é que elas já chegam pedindo hormônio. Algumas resistem, somem um tempo e depois voltam, convencidas" (Lemos, 1996:28 – grifos meus).

Ainda que bastante tendenciosa, sua fala reitera e reproduz o respeito às escolhas individuais na condução da vida das pessoas. Já a segunda especialista, Rosiane Mattar, médica da cidade de São Paulo, entrevistada com quarenta e um anos de idade, mostra-se bem menos entusiasta ao tratamento, mas continua reiterando esse padrão de escolha pessoal da paciente:

"Eu recomendo a terapia hormonal às pacientes que têm alguma sintomatologia importante: insônia, palpitação, calorões exagerados, problemas urinários, propensão à osteoporose ou uma secura vaginal que esteja prejudicando a vida sexual. Hoje existe uma corrente médica hormonóloga que insiste em que se deva dar hormônio para todas as mulheres, mesmo as que não têm nenhum sintoma durante a menopausa. Não pertenço a essa corrente e acho que está existindo uma certa mistificação por parte de algumas mulheres, que entendem que vão rejuvenescer com o hormônio. Ele pode retardar um pouco a perda do viço da pele, dos cabelos, da unha, mas hormônio não é fonte de juventude. Nem afrodisíaco. (...) Quero deixar claro que não sou contra o hormônio – seria absurdo! – quando há indicação. *Discuto todas essas questões com minhas pacientes, e a decisão final é delas, porque, afinal, não sou dona da verdade*..." (Lemos, 1996:31 – 32 – grifos meus).

Ao tecer ponderações sobre um uso que considera indiscriminado da TRH, Mattar reforça as associações entre transformações físicas quase que inexoráveis – a famigerada "perda do viço" – e este período da vida das mulheres.

A discussão sobre a questão hormonal, para aquém de um posicionamento favorável ou não em relação à TRH, insere-se num modelo biologizante de compreensão da vida humana bastante eficaz na produção dos sentidos específicos associados ao tempo da meia-idade. Falar de mudanças físicas e comportamentais que supostamente se explicam pelos termos dessa concepção hormonal é também produzir e reificar os significados que aqui investigo: a idéia de uma diminuição nessas substâncias já parece sugerir algum tipo de contrapartida quase que imediata no organismo da pessoa – estopim ou sinônimo das idéias de crise, de mudança, de instabilidade. O modelo metonímico que abstraio do material analisado para a compreensão da crise da meia-idade feminina começa a mostrar seus alcances: alterações físico-químicas, transformações no visual e perturbações subjetivas são tomadas quase que como substitutos entre si, como continuidades intercambiáveis. Falar de uma parece ser falar da outra.

Em entrevista, o autor Elyseu Mardegan Jr. tocou na questão hormonal justamente no momento em que me falava sobre a própria possibilidade de veracidade e de reconhecimento da crise da meia-idade masculina:

> Havia naquele momento [o da publicação de seu primeiro livro, em 1993] um pouco de dúvida se a crise da meia-idade era uma coisa real ou não, no homem. Na mulher, sempre aquela história da menopausa, da diminuição dos hormônios... No homem, a diminuição do hormônio não é tão crítica. Agora já parece que sim, mas aí, numa idade mais avançada, tipo aos 70 anos... Então

> tinha essa discussão se a crise era real ou não. E as experiências foram, e as cartas, foram me contanto essas coisas, dizendo 'olha...'. Coisas que eu tinha imaginado que podiam estar acontecendo estavam sendo reportadas como real, como cartas de pessoas que viveram e tal.

Aqui, a associação entre as duas instâncias é imediata: a realidade da crise da meia-idade, ao menos da que se passa com mulheres, parece se dar pela indiscutibilidade "daquela história da menopausa, da diminuição dos hormônios". Enquanto isso, a chamada andropausa só se constitui mais recentemente, inclusive com a ajuda desses autores que podem ser considerados como experts da vida cotidiana, para usar a expressão de Featherstone & Hepworth[197].

O modelo biologizante e medicalizante de construção dessa tal "história da menopausa" foi extensamente analisado pela antropóloga canadense Margaret Lock em *Encounters With Aging: Mythologies of Menopause in Japan and North América*, publicado em 1993. Como o título anuncia, trata-se de uma etnografia comparativa sobre as concepções e práticas associadas ao período que identificamos como o da meia-idade feminina em dois cenários contemporâneos bastante diferentes: o Japão e a América da Norte, mais especificamente o Canadá. Afastando-se da possível polarização entre a idéia do conhecimento científico ocidental *e* costumes ou uma sabedoria tradicional do chamado Oriente, a antropóloga faz uma análise da produção de saberes legítimos em cada contexto. Seu exercício ilumina os processos sócio-culturais de construção de

[197] Featherstone & Hepworth, 1989:276.

significados que são incorporados como cadeias de causalidade supostamente naturais para a própria formulação de questões e problemas nesta etapa da vida.

Enquanto para os norte-americanos a menopausa é gradualmente construída ao longo do século XX como uma deficiência, como patologia que exige ajuste médico; a objetividade deste momento da vida das mulheres japonesas é tomada como parte do ciclo de vida, constituinte de uma ideologia da normalidade dos processos de repetição e de continuidade geracional[198]. O chamado *kōneki*, como se denomina essa estação da vida, está nas narrativas de maturidade das mulheres japonesas como um período de estafa, mas também de superação e de resignação: geralmente coincide com a fase da vida em que elas tomam as rédeas pela administração do lar que até então se encontravam nas mãos de seus sogros, pela saúde e cuidados de quem também passam a se responsabilizar. A chegada da maturidade para a mulher japonesa parece vir marcada por uma sensação quase esmagadora dos deveres a serem cumpridos. Muito mais polissêmico do que uma interrupção hormonal, o *kōneki* japonês também traz, portanto, para as narrativas de maturidade a temática do cuidado[199].

Já os famigerados calorões, apresentados no contexto norte-americano como sintomas típicos da chamada menopausa – destacados na fala da médica Rosiane Mattar transcrita acima –, associados logicamente aos processos tomados como indiscutíveis de queda nas taxas hormonais, são abordados pela autora como parte de uma compreensão específica deste momento da vida. É

[198] "Because *kōneki* is thought of as a process and not an event (...), its occurrence encourages reflection about the life cycle as a continuous process and reinforces a sense of continuity between past, present, and future." (Lock, 1993:44)
[199] Lock, 1993:50.

curioso notar como essa sintomatologia, que certamente inspira muitos dos títulos que aqui venho analisando – tais quais *Mulher 40 Graus à Sombra: Reflexões Sobre a Vida a partir dos 40 Anos* e *Homem 40 Graus: A Hora do Lobo* –, está praticamente ausente dos relatos das japonesas vivenciando aquilo que aqui poderíamos chamar de meia-idade. Questionários e entrevistas aplicados entre mulheres e médicos no Japão apontaram um outro quadro para a antropóloga. Por isso, seu estudo me fornece elementos para pensar no peso que questões biológicas, construídas como verdade inegável sobre os seres vivos, ganham para a caracterização desse período da vida, extrapolando os limites de um saber especializado como o da medicina para se tornar uma compreensão generalizada nos meios sociais. Como sugere Lock, o corpo feminino ganha na América do Norte a tonalidade de um destino fatal: as mudanças nas capacidades reprodutivas parecem impor toda uma reconfiguração simbólica e a TRH, produto típico dessas concepções associadas à meia-idade feminina, surge como recurso também ideológico em busca da suposta normalidade do corpo jovem perdida com o passar dos anos[200].

A idéia de que este momento da vida é uma questão de saúde, ao menos para a mulher, está anunciada no início do primeiro capítulo da presente dissertação, na citação destacada de Franco sobre o caráter empoderante das informações difundidas por seu livro. Quando ela diz que

> "O conhecimento, como sabemos, é algo poderoso, principalmente quando o assunto é saúde. Acredito que, com o acesso à informação, a mulher estará de bem consigo mesma e com o mundo a sua volta!" (Franco, 2008:19),

[200] Lock, 1993:377.

está justamente reafirmando a centralidade do corpo para o conjunto de significados que venho tentando abordar.

A temática das transformações corporais – físicas, biológicas e hormonais, por natureza – repete-se insistentemente ao longo dos produtos analisados quando da caracterização da mulher na meia-idade. E não está ausente do segundo momento que destaco na publicação de Lemos a respeito das lobas especialistas. O espaço a elas destinado em *Quarenta* costuma ser menor do que a média de três páginas onde se distribuem as impressões sobre o passar dos anos das outras entrevistadas, ainda que a autora ressalte que

> "... todas as especialistas consultadas têm, além da vivência profissional, a vivência pessoal das questões femininas neste momento de passagem para a segunda metade da vida" (Lemos, 1996:27).

Trata-se do mesmo tipo de ressalva feita pelas autoras de *Mulher 40 Graus à Sombra: Reflexões Sobre a Vida a partir dos 40 Anos*, registrada nas primeiras páginas desta presente dissertação: são psicólogas *e* mulheres escrevendo sobre os problemas femininos da meia-idade.

A fala da bióloga Maria Regina Migliavacca, então com quarenta e quatro anos de idade, é sintomática nesse sentido. O espaço que Lemos lhe dedica não chega a encher uma página, incluindo aí a apresentação que a jornalista lhe faz, bem como a resposta para a única questão que lhe é direcionada. Migliavacca é a primeira entrevistada do terceiro capítulo e seu registro segue algumas colocações de Lemos sobre as possibilidades contemporâneas de atuação sócio-política para mulheres que se aproximam da velhice:

"– E agora, Maria Regina, você está tranqüila aos 40, quando o corpo começa a mudar?
– Eu não sei se alguma mulher fica. Eu estudei Biologia desde moça, trabalho com a Biologia, *sei* que os corpos cumprem um processo natural de nascimento, crescimento, decadência e morte. Na hora de viver em mim as primeiras mudanças, não está sendo fácil. Sempre gostei de fazer ginástica, mas agora, além de gostar, tenho que fazer. Às vezes estou no meio das abdominais e penso: 'Meu Deus do céu, que sacrifício horroroso!'. Antes, eu recomeçava a fazer exercício depois de um tempo parada, o resultado era imediato, agora demora mais. O pior é que as mudanças são muito bruscas, parece que o tempo corre contra, a gente deita durinha, acorda molinha. Por outro lado, acontecem transformações emocionais superpositivas..." (Lemos, 1995:46 – grifo meu).

Credenciada pela sua formação, pelo saber que promulga de imediato em sua fala, Migliavacca nos conta sobre os efeitos pessoais da crise da meia-idade – tomada quase como sinônimo de "processos naturais" de mudança corporal – à luz de uma experiência que também é profissional. Nesse sentido, sua fala pode ser lida como uma comprovação das associações, fortemente promulgadas por Lemos, entre o questionamento subjetivo e as alterações do físico da mulher: as lobas especialistas operam quase como um aval para suas colocações.

A psicóloga Amarílis de Oliveira, quando contava cinqüenta e quatro anos de idade, também evocou os seus conhecimentos para falar da meia-idade como momento distinto e especial na vida da mulher. O trecho que transcrevo a seguir vem logo após a recapitulação biográfica da personagem feita pela autora, quando Lemos se refere ao segundo casamento de Amarílis e à adoção de uma quinta filha já na maturidade. E é interessante notar como a sua experiência de vida figura quase como um exemplo prático da narrativa biográfica de auto-descoberta que ela traça para as mulheres. Cito:

> “Comecei perguntando a ela se essa guinada aos 42 anos foi, como para muitas mulheres, fruto da crise dos 40.
> – Olha, deixa eu falar uma coisa: *eu acho que toda mulher vive a crise dos 40*, *eu como psicóloga sei disso*. *Mas crise não significa necessariamente sofrimento, e pode ser vivida de muitas formas, inclusive dando uma virada*. Em geral a mulher chega aos 40 sem saber ainda quem é no sentido de sua realização, de suas obras, e de repente ela enxerga, adquire clareza sobre ela mesma; não é um milagre, é uma descoberta, fruto de um longo processo. Eu trabalhava desde os 22 anos, mais de uma maneira mais livre, menos sistemática, fazendo minhas pesquisas, estudando. Quando decidi mudar tudo, tive uma sensação interessante, porque não possuía um plano estratégico, com tudo lá definidinho, mas eu sabia que toda a minha vivência tinha me dado a bagagem que me sustentaria nessa grande guinada. A mulher é capaz de mudar a vida em qualquer idade, porque é muito criadora, mas *sua fase mágica é entre os 38 e os 45 anos*. *Neste momento da vida a mulher não tem que temer nada, ela é uma potência*. Sempre digo às mulheres que a partir dos 40 deveríamos toda noite guardar num cofrinho nossos talentos. Antes de dormir, botar no cofrinho: ‘Como sou legal, consegui isso, fiz aquilo’. É uma poupança dos nossos muitos talentos, para que a gente possa recorrer a eles mais tarde, mais pro fim da vida, ou numa emergência qualquer...” (Lemos, 1996:88 – grifos meus).

Além de reafirmar a crise da meia-idade através do saber científico do qual ela é alçada, entre as entrevistadas de Lemos, como representante, sua fala exemplifica metaforicamente a concepção de subjetividade à qual me referi no primeiro capítulo desta dissertação. Essa possibilidade de se distanciar da sua própria vida para enxergá-la com clareza, para usar suas próprias palavras, prescinde daquele ideário que autoriza e reforça determinada cisão no interior do Eu. E há também a reiteração daquela imagem da loba poderosa, tendo diante e dentro de si todo esse potencial criativo, que comentei no segundo capítulo deste trabalho.

Uma terceira especialista completa a tríade para a constituição e naturalização da crise da meia-idade: primeiro a bióloga, depois a psicóloga, e agora a socióloga e gerontóloga, Zilma Gurgel, entrevistada quando contava cinqüenta e um anos de idade. Gurgel, que contava com um importante histórico de atuação pública tanto dentro da Universidade Estadual do Ceará, onde lecionava, quanto em setores privados, é especificamente questionada por Lemos em relação ao reconhecimento científico da crise da meia-idade:

> "– Zilma, *a crise da meia-idade é cientificamente reconhecida*? E quando é que começa a crise da meia-idade da mulher?
> – A crise da meia-idade é estudada no mundo inteiro. Aqui na América Latina, o maior especialista é o psiquiatra e psicanalista argentino Juan Carlos Kusnetzoff, autor de uma série de estudos sobre Sexologia, que concluiu que *a crise de meia-idade é inexorável, acontece em qualquer cultura e independe de classe social.* Eu situo a crise da meia-idade da mulher entre os 35 anos e a menopausa, outros autores consideram que ela vai até os 45 anos, enquanto a do homem começa aí, aos 45, caracterizada sobretudo pelo medo da impotência. *A mulher é sempre mais precoce em tudo*, aos 13 já uma moça, enquanto o homem de 13 é um menino. *Cada mulher vai sentir a sua própria crise numa época*, pode aparecer aos 35 ou eclodir no momento da menopausa, ou pode se dividir em várias, primeiro na passagem dos 40 e depois novamente na menopausa. Para cada mulher, ela dura um tempo, 6 meses, 1 ano, 5. *É sempre a mesma crise da meia-idade*" (Lemos, 1996:110 – grifos meus).

Suas colocações são extremamente interessantes. Acionando um campo de saber – o das ciências psis –, seus procedimentos e uma de suas grandes autoridades, a entrevistada faz afirmações aparentemente inquestionáveis sobre o assunto. No entanto, deixa espaço também para certa imprecisão, própria aos significados e estágios etários contemporâneos que não podem se fechar em

momentos muito bem definidos, como já colocado, respeitando e reproduzindo a sensação de abertura à individualidade que o curso da vida ganha nos dias atuais. Dessa forma, a crise é sempre a mesma, ainda que sentida individual e diferentemente por cada pessoa. É porque se trata de um fenômeno comum a todas que o livro de Lemos pode se apresentar como uma coleção de "97 maneiras de se viver a crise da meia-idade e todas as questões relacionadas" (Lemos, 1996:21), como citei acima. E se as lobas especialistas falam a partir de seus conhecimentos especializados, as lobas leigas – entre elas a própria autora –, representantes de outras tantas áreas acadêmicas e profissionais, também contribuem para a objetificação da idéia da crise na medida em que a evocam como categoria explicativa. A chamada crise constrói-se com status de realidade já que é alçada para justificar ou caracterizar determinadas situações e comportamentos ao longo da vida dessas mulheres.

Gurgel fala também de diferenças entre homens e mulheres, reproduzindo e reforçando a idéia corrente de que elas se desenvolvem mais precocemente, atingindo a maturidade antes e, talvez, de forma mais plena, do que eles. E aqui a crise da meia-idade masculina, também embasada cientificamente, aparece impulsionada pelo que a socióloga chama de "medo da impotência". Fica aqui o registro: enquanto para as mulheres toda uma gama de transformações corporais parece funcionar como estopim para a crise e para seus processos subjetivos de superação, as referências ao corpo do homem às portas da maturidade tendem a se resumir à questão da impotência sexual. Algo que reafirmaria a importância, portanto, da execução do papel social e sexual do macho, usando as palavras de Mardegan Jr., para a esperada execução dos atributos de masculinidade. Se

outras dimensões de sua saúde não ganham tanto a atenção da parte dos sujeitos, assim como suas questões subjetivas – "... mesmo com a saúde abalada, o homem evita olhar para si mesmo e se preocupar com o próprio corpo" (Mardegan Jr., 1997:38) –, essa parece concentrar boa parte das reflexões propostas pelos livros sobre o físico do lobo. Algo que talvez remeta à forte genitalização da sexualidade – e da própria concepção de saúde – do corpo masculino.

Antes de passar a palavra às lobas leigas de Lemos, faço uma breve menção à forma como a figura do especialista é alçada no interior de *Homem 40 Graus: A Hora do Lobo*, livro de Elyseu Mardegan Jr. que vem me servindo de importante fonte. O fato de se tratarem de dois profissionais da área da saúde certamente diz algo sobre as pretensões de seu autor para as colocações que sustenta. Luiz Cuschnir, apresentado como "psicoterapeuta de adolescentes e adultos, coordenador dos 'Gender Groups®', no Serviço de Piscoterapia do Instituto de Psiquiatria – FMUSP", é quem escreve o prefácio. Logo em suas primeiras palavras, revela o grau de proximidade entre nutria com o autor do livro:

> "Quando recebi o texto do querido amigo Elyseu, me bateu fundo a bem conhecida *responsabilidade* (o homem sabe muito bem o peso que isso tem quando é pedido para ele algo que nunca fez, que deseja fazer, atendendo o outro da melhor maneira possível!). Passado este primeiro momento, pensei: 'Com o meu coração, vou mergulhar e com o meu intelecto, vou produzir, o que representa a minha admiração por Elyseu Mardegan Jr.'" (Mardegan Jr., 1997:9 – grifos no original).

E, na página seguinte, faz afirmações sobre sua experiência com a leitura do livro:

> "Mardegan Jr. nos ensina muito. Mostra com clareza o quanto os homens sentem, mesmo que muitas vezes não consigam verbalizar. Aponta os possíveis estopins de uma crise e sempre fornece uma luz, que pode iluminar o caminho masculino" (Mardegan Jr., 1997:10).

É interessante notar como Cuschnir, que publicou com Mardegan Jr., em 2001, *Homens e Suas Máscaras: A Revolução Silenciosa*, assina como um especialista porém também assume essa posição de amigo e admirador[201]. Suas afirmações sobre a narrativa de Mardegan Jr. quebram, de certa forma, com o padrão midiático regular da auto-ajuda da multiplicidade apresentado no primeiro capítulo da presente dissertação. Quando diz que o autor do livro "nos ensina muito" e "mostra com clareza", Cuschnir acaba distinguindo a produção de Mardegan Jr. da tendência já comentada que busca uma postura de neutralidade, de recusa na condução ou aconselhamento dos leitores. E há de se notar também que é ele, um especialista, que inicialmente poderia falar em nome de um saber estabilizado, que repassa os méritos pedagógicos do volume, por assim dizer, ao seu autor.

Há ainda outro especialista em suas páginas, contribuindo significativamente para a construção e defesa de determinado discurso sobre a velhice e também desta postura particular, que se aproxima mais de uma narração quase linear do que de um padrão mais neutro e informativo no segundo livro de Mardegan Jr.. O capítulo de *Homem 40 Graus* dedicado às questões da saúde do lobo, "Estou Envelhecendo, e Minha Saúde...", é

[201] Cuschnir publica sozinho no ano seguinte, 2002, *Homens Sem Máscaras: Paixões e Segredos dos Homens*. Os dois volumes tratam de temas bastante afins aos discutidos nas publicações de Mardegan Jr. mas estão ausentes desta análise porque foram classificados pelo mercado editorial como livros de psicologia, e mais uma vez me fazem pensar sobre a lógica interna própria a este mercado editorial.

> “escrito em colaboração com o Dr. João Jorge Leite, médico especialista em Cardiologia e Clínica Médica, com mais de vinte anos de experiência em consultório. Atualmente é responsável pelo Laboratório de Avaliação Cardiopulmonar, do Serviço de Pneumologia do INCOR, em São Paulo” (Mardegan Jr., 1997:33).

O capítulo traz dados científicos, recomendações médicas, uma tabela e dois gráficos (um sobre índices de colesterol e outro pressão arterial), e seus argumentos giram em torno dos chamados “fatores de risco” e de como estes contribuem para o que é chamado de “envelhecer fisicamente”. As citações que transcrevo a seguir são longas, mas trazem alguns importantes elementos para pensarmos nos discursos sobre velhice. Para evocar a inverossimilhança do que chamam de “mito do envelhecimento” os autores abordam, logo na segunda página do capítulo em questão, o que chamam de um caso exemplar:

> “... apesar de muitas pessoas acreditarem nesta visão de envelhecimento, encontramos inúmeros exemplos de pessoas que se mantém ativas, por toda a vida. Conheci um homem interessante, que morreu ativo e lúcido aos 85 anos e brincava com esse mito. Ao fazer 80 anos, ele declarou: ‘Não tenho 80 anos, tenho quatro vezes 20 e podem ter certeza, se vocês me trocarem por quatro rapazes de 20, vão ter prejuízo’. Era a mais absoluta verdade. Engenheiro Civil formado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro ele, aos 80 anos, aposentado, dava aulas de matemática e português grátis, para todos que o procurassem. Sabia de cor desde poemas de Camões até o teorema de Pitágoras e nunca guardou isso para si. Através destas aulas convivia com os jovens e se mantinha atualizado. E sempre declarava felicidade e realização de sua vida, através do casamento, filhos, netos e união familiar. Esse homem é um caso raro e não serve como exemplo, os leitores podem dizer. Por quê? Quem disse que você precisa ser mal-humorado, inativo e infeliz, só porque tem 60, 70 ou 80 anos? Presenciamos exemplos como este diariamente, mas infelizmente sempre tendemos a imaginar que são apenas casos raros” (Mardegan Jr., 1997:34).

E encerram essa parte do texto com uma espécie de avaliação do quadro de saúde do que seria a média dos homens brasileiros na meia-idade, fazendo algumas ressalvas e indicações:

> "Tudo de ruim que acontece ao homem de meia-idade, com respeito a sua saúde, acaba sendo erroneamente creditado ao envelhecimento, quando nosso Lobo se parece na verdade muito mais com um animal jurássico. Como todo bom macho, nosso lobo tem um perfil de saúde muito típico, o que foi confirmado pela pesquisa que realizei com quase 250 homens: 53% dos entrevistados declararam que se sentem estressados, mas mesmo assim, a grande maioria sente que tem uma saúde boa ou excelente (91%). E, surpreendentemente, quase 30% dos entrevistados declararam que não têm nenhuma atividade física, *nunca!* Para mim parece claro que, ao tentar mascarar uma condição de vida que na realidade não têm (de boa saúde), o homem na meia-idade tem associado a si fatores de alto risco, que o tornam uma verdadeira bomba a explodir a qualquer momento. E aí, quando isso acontece, é porque ele está ficando velho. / Ninguém precisa se sentir velho aos 40, 55, 50 ou até 60 anos. 'Envelhecer fisicamente' me parece estar associado muito mais aos fatores de risco ou a pressões psicológicas, do que à idade cronológica. 'Envelhecer socialmente', significa na verdade perder o espírito jovem, que pode ser mantido até a morte, pois não existe aposentadoria da vida. Em ambos os casos, *cabe unicamente ao homem manter a sua saúde*. Essa jovialidade não inclui os estereótipos de vestir-se como um garotão, comprar carros esporte ou namorar meninas de 18 tenros aninhos. Dessa jovialidade faz parte manter a agilidade, a saúde e a alegria de viver. Faz parte manter-se ativo fisicamente, cuidar da alimentação, manerar [sic] no álcool e evitar o cigarro. Faz parte não esperar o sonho impossível e utilizar toda sua experiência para tomar decisões com justiça e sabedoria. Quem tem 45 ou 50 anos deve deixar para traz as manifestações de descrença na felicidade e no futuro. Deve ter segurança para vencer os pensamentos negativos que vão fatalmente se apresentar na transição da meia-idade. Ela tem que ser encarada como a preparação para os próximos trinta ou trinta e cinco anos que o indivíduo tem pela frente. E que seja uma preparação bem dosada, com equilíbrio, satisfação, harmonia, bom humor e coragem, acima de tudo" (Mardegan Jr., 1997:42 – 43 – grifos meus).

Em parceria com um médico, especialista, portanto, nas questões de

saúde, Mardegan Jr. tem o conforto para, neste capítulo, ser efetivamente assertivo em relação a uma temática bastante afim à meia-idade: a saber, as perspectivas em relação aos processos de envelhecimento. Se não há nada que determine externamente a necessidade de ser mal-humorado, inativo e infeliz da meia-idade em diante, então cabe ao sujeito tomar as providências para que sua velhice seja vivenciada da maneira mais positiva possível. Em forte concordância com o que coloca a gerontologia contemporânea e também com os discursos sobre risco, a possibilidade de que o tal caso exemplar seja cada vez mais regular e cada vez menos uma raridade está em uma postura responsável do sujeito que deve começar, se possível, antes da crise da meia-idade. Em suma, o que se reifica com o crivo do especialista é a figura do sujeito responsável e a desconstrução da relação entre velhice e idade cronológica, e também da chamada "unidade familiar", citada no primeiro dos dois trechos registrados acima. O calor da família, claramente objetificados na figura da esposa atenta e compreensível, assim como comentado no capítulo anterior, mostra-se imprescindível àquele professor invejável que desafia, por assim dizer, as determinações da velhice cronológica.

E há também outra postura, talvez mais reticente, da parte de Mardegan Jr. sobre a possível relação entre conhecimentos científicos e seu tema, a crise da meia-idade masculina. Alguns comentários sobre essa atitude já foram feitos acima. Registrei uma passagem de seu livro onde ele de certa forma desqualifica o auxílio que profissionais da área psi podem prestar ao homem em crise: perto

do calor familiar, essa contribuição parece se anular[202]. Mais à frente, transcrevi trecho da conversa que tive com o autor onde ele se manifesta sobre a relativa descrença científica, quando da publicação de seu primeiro livro, acerca da objetividade da temática[203]. Há ainda mais uma passagem, logo nas primeiras páginas de *Homem 40 Graus*, onde o mesmo tipo de posição se coloca:

> "Muitos ainda duvidam e põem em cheque a existência desta fase na vida do homem, mesmo alguns profissionais da psicologia/psiquiatria, *acreditando que tudo não passa de invenção de alguns poucos teóricos ou da mídia*. Entretanto, a cada depoimento que recebo ou presencio, me convenço não só da existência de uma crise de identidade eminentemente psicológica, que atinge o homem na meia-idade, como principalmente, dos seus efeitos e conseqüências, algumas vezes muitos (sic) danosos..." (Mardegan Jr., 1997:18 – grifos meus).

O autor parece, portanto, oscilar em relação ao apoio, por assim dizer, que os conhecimentos especializados poderiam lhe outorgar na tarefa de clarificação daquilo que constitui o objeto de seus escritos. Ao passo em que se alia ao conhecimento médico a ponto de compartilhar a escrita de trechos de seu livro com um de seus representantes, Mardegan Jr. parece até mesmo desconfiar dos especialistas psis quando a estes contrapõe algo que supostamente estaria num nível mais real da experiência e que lhe chegou através dos tais relatos e depoimentos de lobos de carne e osso. Tudo se passa como se, para falar de algo cuja objetividade ainda não parecia estar assentada, fosse preciso negociar e transitar entre determinados saberes já estabelecidos.

Mas não é só através das falas de e sobre especialistas que se dá o que

[202] Cf. página 130 deste trabalho.
[203] Cf. páginas 149 e 150 deste texto.

venho chamando de reificação da crise da meia-idade ao longo dos livros analisados. Dedico os próximos momentos do texto às formas através das quais vozes leigas se alinhavam com os dizeres dos autores na cristalização de determinados significados. Retomo primeiramente as colocações a respeito da crise da meia-idade feminina para depois comentar os sentidos associados à chamada Hora do Lobo, de modo a explicitar suas principais diferenças.

***

A própria estrutura do livro de Lemos contribui para esse movimento. Todas as entrevistadas de *Quarenta: A Idade da Loba* são apresentadas brevemente por Lemos antes do registro de suas falas: a jornalista fornece o local e a data de seu nascimento, diz se já foi, está ou não casada, com quem, se tem ou não filhos, qual a idade destes. E conta um breve resumo biográfico da pessoa, como que para captar a atenção do leitor àquela nova e particular trajetória que será relatada em seguida. Seguem-se então as perguntas de Lemos – raramente passam de quatro –, que se dividem em dois grandes blocos: um com interesse mais retrospectivo, buscando saber sobre o passado daquela mulher, e outro com um pedido de reflexão sobre o presente, sobre a forma como a entrevistada encara a meia-idade. E é nesse flanco de questões que a autora aciona sentidos para a idéia de crise. Cito alguns exemplos destas, onde fica nítida, mais uma vez, a forte associação entre esse momento da vida da mulher e a temática das transformações corporais:

"E pessoalmente, Beth, como está sua vida e como é que você está vivendo a meia-idade e a perspectiva de envelhecer?" (Lemos, 1996:62);
"... agora vamos falar um pouco especificamente da questão da idade, se assusta você a vivência da meia-idade, essas primeiras mudanças do copo?" (Lemos, 1996:66);
"... como é que você está vivendo sua sexualidade de meia-idade e nesse contexto atual da vida?" (Lemos, 1996:76);
"... esse mais de meio século de vida tem assustado você?" (Lemos, 1996:83);
"... como você tem vivido a questão da idade, a passagem pelos 40 e a entrada nos 50? (Lemos, 1996:125);
"Sandra, você trata bastante do seu corpo. Isso é uma preocupação com a idade?" (Lemos, 1996:139);
"... quando foi que a mudança física que vem com a idade apareceu na sua vida? E você aceitou-a gentilmente ou foi um choque?" (Lemos, 1996:196);
"... Como é que você está vivenciando, na meia-idade, a transformação nem sempre harmoniosa do corpo, e sobre a qual exercemos influência mas não controle?" (Lemos, 1996:203);
"... mesmo sem ter medo de envelhecer, a mudança do corpo com a passagem pros 40 não te incomoda?" (Lemos, 1996:278).

É a idéia do envelhecimento físico, do corpo em decaimento propriamente dito, que parece motivar esses questionamentos de Lemos às suas entrevistadas. Aliás, parece haver quase uma relação de identidade ou, pelo menos, de equivalência, entre essa imagem e a da crise da meia-idade. *Self* e corpo imiscuem-se num só exercício reflexivo para a mulher de *Quarenta*. Como nos coloca Featherstone em "O Curso da Vida, Cultura e o Imaginário no Processo de Envelhecimento", a proliferação contemporânea de imagens do corpo acaba estabelecendo uma forte relação entre estas – com uma aparência, de preferência, jovem e bela – e a forma como o curso da vida é pensado em nossa

sociedade[204]. Parece ser justamente essa idéia de que transformações do corpo representam transformações pessoais que se apresenta na insistência do tema do decaimento físico para a caracterização da loba – mesmo que isso se dê para, de certa forma, negá-lo. Tudo indica que exista mesmo uma relação quase metonímica entre as duas temáticas: as mudanças no corpo operam como estopim para a crise e para os processos subjetivos de superação que ela enseja.

Se as perguntas de Lemos são um tanto quanto focadas nessa temática, as respostas das lobas apontam para uma diversidade um pouco maior de sentidos atribuídos à idéia de crise. Seguem alguns exemplos nesse sentido, dispersos no livro de Lemos:

> "Quando as meninas [filhas da entrevistada] ficaram adolescentes, senti a necessidade de começar a trabalhar, mesmo porque meu casamento já não era nenhuma maravilha, e meu marido era um homem muito autoritário, fiscalizava cada tostão que eu gastava, e era muito humilhante ter que ficar pedindo e prestando contas o tempo todo. Foi nessa época que *tive o que considero a minha crise dos 40*, *uma depressão muito grande*. Não tinha uma renda minha para fazer análise e meu marido jamais entenderia. Aliás, *ele nem percebeu que eu estava em crise*, e nem as meninas, às voltas *com suas próprias crises* de entrada na idade adulta..." (Lemos, 1996:77 – grifos meus);
>
> "Eu tinha muita esperança de que não passaria pela *crise dos 40*, e de fato *ela chegou um pouco depois*, mas muito estimulada por fatores externos..." (Lemos, 1996:106);
>
> "... na verdade, *aos 40 eu tive uma crise, medo das mudanças que viriam*, mas passou depressa e estou chegando aos 50 muito bem, melhor do que cheguei aos 40..." (Lemos, 1996:120);
>
> "Os 30 anos não foram grande problema pra mim, estava fazendo cinema, que era o auge que eu podia imaginar em termos profissionais, estava casada, estava muito bem. Aos 37, 38, eu já comecei a ver os 40 pela frente e fui entrando num *sofrimento muito grande*, até os 42, 43, mais ou menos, quando finalmente aceitei, me adeqüei. *A crise*

[204] Featherstone, 1998:61.

dos 40 é uma grande conquista da subjetividade mesmo..." (Lemos, 1996:271 – grifos meus).

Mesmo quando a resposta é na negativa, o caráter de objetividade da tal crise não chega a ser questionado:

"... Não deu medo, você não *entrou em crise*, *você não está em crise com a idade*?
- Não tive *muita* crise. Antes dos 40, eu ouvia as *amigas falando da crise dos 40*, mas, quando fui chegando perto, a crise maior era do casamento..." (Lemos, 1996:53 – grifos meus);
"Agora, crise dos 40 não tive, *ainda não*, pelo menos..." (Lemos, 1996:141 – grifos meus);
"Olha, Regina, *da crise dos 40 eu escapei*, mas tive receio da crise dos 50..." (Lemos, 1996:249 – grifos meus)

Salta aos olhos como *Quarenta* constrói a chamada crise da meia-idade, tomando-a como um dado, como algo reconhecível tanto por suas personagens quanto para quem lê – posições que quase sempre se confundem e que devem se confundir ao longo das publicações. A estratégia é teleológica: Lemos caracteriza aquilo que supõe todos conhecerem. E é nessa circularidade que a autora se apóia para encontrar afinidades com as leitoras e legitimidade para suas palavras: a tal crise, como já colocado, é comum a todos e particular para cada um.

E há também um segundo movimento: aquele relacionado ao que Lemos chamou de "questões relacionadas" à crise da meia-idade. Como a questão das transformações corporais aparece com bastante força na produção analisada, foco-me nesse momento numa perspectiva que parece guiar a reflexão de Lemos sobre o assunto: a idéia de que há um balanço entre as perdas físicas e os

ganhos emocionais para a mulher madura. De início, há de se frisar que, de uma forma geral, as mudanças físicas pelas quais passa a mulher a partir dos quarenta anos de idade são caracterizadas como algo ruim. Repete-se constantemente a idéia de que a pessoa deve enfrentar, encarar, superar essas transformações: termos estes que denotam uma situação de desafio, de perigo, de algo indesejoso por si só. Cito no início do presente texto a descrição do choque de Regina Lemos com as suas próprias transformações corporais, ponto de partida para a sua crise da meia-idade. Nesta sua estratégia inicial de aproximação com a leitora, Lemos já deixa claro que tal identificação passa pela negatividade dessas mudanças. A empresária do ramo da moda Márcia Gimenez, entrevistada por Lemos quando contava quarenta e três anos de idade, comenta o assunto no mesmo tom:

> " – Márcia, você acha que moda tem idade? Você está mudando sua maneira de vestir depois dos 40, você acha que seu corpo mudou?
> – Quando eu digo que não estou mais usado isso ou aquilo porque já passei dos 40, Regina, as pessoas falam: 'Que bobagem'. Bobagem nada, muita coisa muda. Eu ganhei 2 quilos que não vão mais embora, minha cintura se estabeleceu numa outra medida, e não adianta parar de comer, se matar de fazer ginástica, fazer massagem, passar creme. *Seu corpo muda e você não tem controle*. A adaptação a essa novidade, a esse corpo que vai pra onde eu não sei, é que tenho achado mais dramática. Converso muito com a minha ginecologista e ela me orienta obre essas mudanças. O corpo está se alterando sempre, desde que a gente nasce até que morre, mas a partir dos 40 as alterações parecem mais radicais porque elas aparecem fora, e elas são diárias. Você não está percebendo, mas seus peitos, suas nádegas estão descendo lentamente, e um belo dia você se dá conta de quanto desceram. Eu acho muito difícil, essa primeira fase é muito difícil porque é visual, é sua imagem, você se olha e fala: 'Mas eu não era assim'..." (Lemos, 1996:235 – 236 – grifos meus).

A idéia de que, a partir dos quarenta anos, a mulher tem dificuldades para

se reconhecer em sua imagem atual é bastante recorrente. O choque com o próprio reflexo perante o espelho está presente em muitos relatos e, da forma como estão são apresentados em *Quarenta*, parece sempre evocar algum tipo de resposta da parte de quem se desconhece. É nesse sentido que temas tais quais o da cirurgia plástica (ou, simplesmente 'plástica'), ginástica, mudanças alimentares ou a preguiça assumida são levantados ao longo do livro: como opções, sempre justificadas reflexivamente, à disposição da loba. Seguindo mais ou menos a postura já comentada para o caso da Terapia de Reposição Hormonal, Lemos busca abordar esses assuntos a partir de uma diversidade de posicionamentos encontrada entre suas entrevistadas.

Uma das principais vertentes da discussão sobre cirurgia plástica no livro opera com uma polaridade entre uma verdade inscrita no corpo em processo de envelhecimento *e* a visão de intervenções cirúrgicas como busca por contorno ou retardamento dos efeitos causados pelo peso da história que o corpo carrega. O que se sobressai é a idéia de que o corpo em processo de envelhecimento carrega uma verdade em si mesmo.

A entrevista de Claudia Mello, então com quarenta e um anos de idade, retoma a idéia. Mello, que se formou em ciências sociais, trabalhava então como professora do que chama de ginástica feminina, em uma academia própria na capital paulista. Após dizer que, diferentemente de um padrão anterior, sua ginástica não pretendia adequar o corpo a modelos pré-estabelecidos, ela se posiciona em relação à cirurgia plástica:

" – Dentro da sua perspectiva de corpo, como é que você vê a cirurgia plástica?

– Eu pessoalmente não vou fazer, e isso pra mim é uma coisa muito definida. O corpo tem uma memória, e não acho legítimo você cortar a bisturi o que está inscrito lá. Não é só a matéria que você atinge com o bisturi, é o corpo energético, você embaralha seus registros. Mas é óbvio que tem algumas plásticas recomendadas: alguns seios grandes demais prejudicam a postura, a coluna, é preciso diminuí-los, e aí se justifica mexer na memória do corpo, tentar criar uma outra. Vejo também algumas cirurgias de rosto mais *light*, mais externas, para eliminar um papinho que se tornou excessivo, uma pálpebra que caiu sobre o olho. Agora, cortar a barriga de fora a fora, tirar a banha que tem lá, amarrar o músculo, mudar o umbigo de lugar e costurar e novo é uma agressão pela qual se paga um preço muito alto" (Lemos, 1995:42).

A publicitária Rose Saldiva, entrevistada aos quarenta e oito anos de idade, dá um depoimento análogo:

"... não vou fazer plástica, porque não tenho a menor vontade de ficar com a cara esticadinha. Demorei pra burro pra ficar com essa expressão que tenho hoje, pra passá-la a limpo e ter que ficar lembrando de mim através da imaginação. Minhas pregas e rugas contam minha história..." (Lemos, 1996:104).

No final do livro, a cabeleireira Jaíra Safadi, entrevistada por Lemos quando contava cinqüenta e dois anos de idade, fala desse assumir-se com plenitude da maturidade:

"Não é por causa da flacidez ou da ruga que você vai deixar de ser uma pessoa feliz, principalmente numa idade em que os valores vão se invertendo cada vez mais. Não sei se é porque você vai sentindo que a metade da sua vida já passou, mas suas prioridades vão sendo mais internas que externas. *A mulher tem que assumir tudo o que é seu*, dos cabelos crespos à idade. Só não aceito cabelos grisalhos. A única coisa que uma mulher tem obrigatoriamente que fazer, na minha opinião, é pintar os cabelos quando começam a branquear" (Lemos, 1996:238 – 239 – grifos meus).

Sua fala tem bastante afinidade com o tipo de raciocínio, presente nos livros, que

destaquei no final do segundo capítulo da presente dissertação: a saber, a idéia de que com a meia-idade a mulher passa por um exercício de inversão de valores de modo a positivar a experiência da maturidade.

No entanto, se determinada compreensão a respeito das marcas corporais da idade mostra-se com força nestas passagens, nem todas as falas recolhidas por Lemos recriminam a prática da cirurgia plástica. A dona-de-casa e ex-modelo profissional nos anos 1970 Fátima Osório foi entrevistada por Lemos quando contava quarenta e três anos de idade. Segundo seu resumo biográfico, Osório teria decidido por conta própria abandonar a carreira de sucesso pelo casamento, que acontecera quatorze anos antes da entrevista. Quando comenta a perspectiva de envelhecimento físico, ela parece não titubear em relação à opção pela cirurgia plástica:

> "Conheço modelos que estão tendo dificuldade em envelhecer, que ficam o tempo todo tentando provar que ainda são perfeitas, que o corpo ainda está gostoso, mas conheço muitas outras que estão numa ótima, assumindo os netos, tranqüilas com as rugas. Olha, também na hora que despencar muito, eu vou e faço uma plástica, pronto. Não vou ficar sofrendo; se achar que tenho que tirar algum excesso, tiro..." (Lemos, 1996:268).

A fala que a precede é também de uma ex-modelo e atual dona-de-casa, Adalgisa Colombo, entrevistada por Lemos aos cinqüenta e quatro anos de idade. É curioso notar que justamente duas ex-profissionais da imagem, por assim dizer, admitam sem muitos problemas a possibilidade de correção das transformações físicas através de procedimentos cirúrgicos. Nesse caso, não se trata nem de ponderar sobre uma hipótese futura, mas sim de já contar com a tal experiência em sua trajetória biográfica:

> “Chegou uma época em que me disse ‘Está na hora de fazer uma plasticazinha”. E já fiz três. A primeira, no rosto, fiz aos 50. Depois fiz busto, e por último barriga. Acho que já está bom. O resto não faço: nem ginástica, nem muito creme, nem muito controle médico, nem vitamina. Sou preguiçosa , e nada sistemática. Só controlo peso, porque sempre tive horror à gordura sobrando...” (Lemos, 1996:266).

No entanto, não são só ex-modelos vêem com olhos positivos a possibilidade de uma cirurgia estética. Também mulheres com ocupações mais corriqueiras comentam a possibilidade de reparações desse tipo em suas entrevistas a Regina Lemos. A jornalista Consuelo Brada, entrevistada por Lemos aos quarenta e sete anos de idade, revela preocupações que em muito se aproximam dos discursos sobre o risco e sobre a responsabilização individual pelas escolhas. A autora do livro destaca isso logo na primeira linha de sua apresentação, ao dizer que, se Brada optasse pela cirurgia plástica, o faria de forma consciente. Mais à frente, já na transcrição da sua entrevista, pode-se perceber as razões para isso:

> “Não sou muito preocupada com a aparência. Já tenho rugas, claro, mas me acho ótima. Não fiz plástica, porque ainda não preciso, mas acho que a mulher deve acompanhar a modernidade. Se existem esses recursos para remoçar, por que não usá-los? Agora, se algum dia eu sentir a necessidade, ou meu maquiador me disser que ‘está na hora’, ah, eu vou ter muita cautela. Vou considerar muito, pesquisar muito, antes de entregar meu resto a um cirurgião...” (Lemos, 1996:210).

A idéia da atitude consciente é trazida à tona por Lemos quando da apresentação de sua entrevistada justamente porque sua fala evoca uma concepção sobre práticas e conhecimentos científicos – relacionados à da medicina estética – que

não carrega em si certezas sobre seus procedimentos e resultados: cabe ao indivíduo, no caso a paciente, atuar como árbitro em meio às possibilidades existentes. Resta ao sujeito a tarefa, cada vez mais exigida, de duvidar de tudo que lhe cerca, sob o risco de ser responsabilizado sobre suas escolhas potencialmente mal-fundamentadas[205]. O saber que constitui a figura do cirurgião não é garantia confiança por si só da parte de quem a ele se submete, e se configura uma diferenciação entre os operadores da cirurgia plástica e o procedimento em si: é no profissional certo que se deve depositar as expectativas e confianças.

As transformações físicas no corpo da loba, que seriam o grande objeto de correção por meio da intervenção cirúrgica, acabam, no entanto, sendo inseridas num tipo de discurso que se estabelece na busca por um equilíbrio entre perdas e ganhos. Nesse sentido, mesmo quando as plásticas são admitidas, as mulheres do livro costumam dimensioná-las em uma balança de prós e contras que o envelhecimento parece carregar. A intervenção cirúrgica com fins estéticos parece justificar-se apenas em casos mais extremos – e aí cada loba parece ter o poder para deliberar sobre o que entende por esses graus de extremidades – na medida em que as marcas da idade que as motivam são significadas como a contrapartida negativa das benesses da maturidade. O que ganha forma é justamente o ideário de um corpo, muitas vezes enrugado, que carrega uma subjetividade poderosa. Aproximando-se bastante, portanto, do que coloca Giddens para o cenário contemporâneo em que o corpo é também uma

[205] Como destacado na nota 37 deste trabalho, é preciso cada vez mais duvidar até mesmo das próprias fontes de informação.

construção reflexiva: como já colocado, self e corpo andam juntos nessa compulsão biográfica pelo discurso responsável e consciente. Se se deve construir um discurso verdadeiro sobre si mesmo, é preciso assumir que esse corpo em vias de envelhecer é parte imprescindível dessa verdade. A possibilidade de contorná-la através de procedimentos cirúrgicos muito radicais aparece, muitas vezes, sob a forma de uma auto-traição. E, como já colocado, o que a auto-ajuda contribui para construir é a idéia de que o relacionamento primordial que uma pessoa deve ter ao longo de sua vida é *consigo mesma*. Se há uma verdade no corpo da loba, essa parece ser a verdade *da* própria mulher, aceitável desde que não muito chocante para ela mesma.

A fala de Maria Tereza Diomelli, publicitária entrevistada por Lemos aos quarenta e seis anos de idade, parece corroborar para esse tom:

> "Quanto à plástica, se eu tiver algum problema muito acentuado no rosto, bolsas enormes embaixo dos olhos, pálpebras excessivamente caídas, aí, sim; do contrário, não vou fazer, acho que as marcas da minha vida são importantes, elas contam a minha história. Não acho que seja fácil ficar encarando as rugas, o pneuzinho, o cabelo branco, mas, enfim, tantas coisas na vida são difíceis e a gente enfrenta. Todas essas transformações têm mesmo que acontecer, ninguém pode ter a mesma aparência pra sempre, eu tenho procurado assumir as minhas novas formas..." (Lemos, 1996:136 – 137).

E se o corpo em transformação é encarado como a força que puxa para baixo a balança da maturidade, o que ganha a mulher de *Quarenta*? Antes, e como parte desta resposta, há que se completar o raciocínio compreendendo que, mesmo que tomadas como perdas, essas alterações físicas, no interior dessa economia de perdas e ganhos do amadurecimento, são sempre perdas tidas

como pequenas, desimportantes. E, como pretendo estar caminhando para ilustrar, é justamente a maturidade que permite à mulher pesar as coisas dessa forma e não encará-las como tão significativas, ainda que assumidamente negativas, essas mudanças na aparência. O livro de Lemos evoca, nesse sentido, uma concepção de prioridades que necessariamente aciona marcadores de gênero e de idade bastante fortes. Isso porque, para grande parte das mulheres entrevistadas, o visual importava mais na juventude do que agora, como comentado no segundo capítulo. *Quarenta* contribui para a reificação de uma imagem de juventude muito mais ligada às pressões estéticas, que parecem deixar de tanto fazer sentido com o passar dos anos – ainda que alguns depoimentos evoquem determinados limites para essa despreocupação mais tolerante para com a estética.

A fala de Maria Luíza Bittencourt, apresentada por Lemos como empreendedora cultural, entrevistada aos cinqüenta e cinco anos de idade, ajuda a construir essas diferentes imagens etárias:

> "Essa é uma idade em que ser saudável começa a ter mais importância que ser bonita..." (Lemos, 1996:198).

No entanto, tal reflexão não se dá primordialmente através do eixo da saúde exclusivamente física. O que boa parte das entrevistas traz à tona é uma concepção de ser saudável que une, em uma mesma ordem, os chamados aspectos físicos, emocionais e mentais. A idéia de é a de que a maturidade evoca uma plenitude: a resolução para a crise da meia-idade passa por um olhar para *si mesma* que deve encontrar outras prioridades, outros orgulhos, que não aqueles

proporcionados pelo viço da mocidade. Heloísa Menezes, a empresária que Lemos identifica como o tal "raro exemplo de um modelo antigo de mulher muito bem-sucedido na atualidade" (Lemos, 1996:64), exemplifica essa postura. Ela contava quarenta e sete anos de idade então:

> "... assusta você a vivência da meia-idade, essas primeiras mudanças do corpo?
> – Eu comecei a tomar consciência de que algo estava mudando aos 45 anos, mas não posso dizer que levei um susto. *Claro que eu não posso concorrer com uma moça de 20 anos fisicamente, mas eu acho que a experiência e a inteligência suprem aquilo que o corpo não cumprem mais*. Eu sempre dei muito mais valor ao meu mundo interno, e isso ajuda, não é?" (Lemos, 1996:66 – 67 – grifos meus).

É nessa chave da mudança de valores trazida pela maturidade que muitas entrevistadas falam das novas condições para a sedução após os quarenta anos, às quais já me referi no capítulo anterior. A idéia de que, para a loba, a aparência importa menos parece mesmo se constituir como uma espécie de resposta a um modelo de cobrança da feminilidade calcado em uma performance de sedução a partir de determinados padrões estéticos. Se o corpo é um dos grandes temas de *Quarenta*, isso parece se dar menos a partir de padrões externos e mais nas bases da auto-avaliação e da auto-valorização subjetivas. A beleza física parece importar bem mais para a mulher mais jovem – a tal moça de vinte e tantos anos, pela qual o lobo troca a esposa. E algumas marcas lingüísticas como, por exemplo, o uso de adjetivos no diminutivo para caracterização destas moças e de seus atributos físicos parecem corroborar para esta interpretação. O que sobressai aos olhos é justamente essa construção positiva da experiência da maturidade em detrimento de outros momentos da vida da mulher.

É a essa tal segurança pessoal na maturidade que muitas entrevistadas creditam seus atuais relacionamentos com homens mais jovens. Se, por um lado, a preocupação com a beleza física é associada às mulheres mais jovens como forte fator de atração para os homens da geração das lobas, outro eixo afetivo constitui-se: aquele formado pelo homem jovem que se atrai pela chamada mulher madura. Segundo Lemos, 18% das entrevistadas vivia, em 1994, há pelo menos dois anos, um relacionamento afetivo com um parceiro quatro a dezesseis anos mais jovem. Para a autora, a situação

> "... no mínimo, indica uma tendência. Se 15, 20 anos atrás, uma mulher de 40 ou 50 anos era incompatível física e socialmente com um homem de 20 ou 30 anos, hoje isso deixou de ser. Isso, além de ampliar a possibilidade do encontro, torna mais igualitária nossa posição em relação aos homens: não podemos mais dizer que só eles, na meia-idade, podem se relacionar com as jovens. Nós também temos a mesma chance; ainda é uma chance menor que a deles, mas já existe" (Lemos, 1996:86).

Curiosamente, aqui o casal formado em meio a uma grande diferença de idade não é visto com olhares tão negativos quanto parece ser o par lobo-moça mais jovem, assim como apresentado no final do segundo capítulo desta dissertação.

A idéia de que a mulher, com o passar dos anos, vai deixando cada vez mais de se importar com a estética corporal traz algumas reflexões possíveis. De um lado, a idéia de que não parece existir um olhar para o corpo velho: justamente porque ele incomoda, ele faz sofrer, a loba deixa de encará-lo como uma preocupação justamente quando ele efetivamente começa a dar sinais de declínio. A loba é poderosa na medida em que não precisa acionar seus dotes físicos para conquistar e o maiô que esconde mais que o biquíni, é acionado

como opção mais sensual, confortável e adequada[206]. O choque com os primeiros sinais estéticos de envelhecimento é substituído por uma auto-confiança que, paradoxalmente, talvez impeça a constituição desse corpo envelhecido como um corpo belo. A mulher da meia-idade, como esse próprio termo evoca, é construída por *Quarenta* nos interstícios entre a imagem da jovem quase escrava de padrões de beleza e a velha, imune a essas demandas: é na idade da loba que a mulher deve transformar sua escala de valores e de prioridades tendo em vista esses dois momentos. A loba está entre a jovem bela e inexperiente e a velha quase sem corpo e sem poder de sedução – dada as recorrentes referências à velhice precoce de mães e avós. A insistência nos chamados elementos interiores que permeia os depoimentos reunidos por Lemos fala dessa torção valorativa: em prol de si mesma a mulher deve, a partir mais ou menos dos seus quarenta anos, construir uma narrativa que positive a experiência de declínio físico através da retórica das outras prioridades, das outras conquistas, da outra vaidade. A materialidade do corpo em declínio é negada a partir de duas principais estratégias diferentes: ou a mulher admite a possibilidade de uma intervenção cirúrgica nas ocasiões mais radicais – justamente para combater o envelhecimento mais flagrante – ou ela adota a posição da não preocupação estética. De toda forma, só se sabe uma coisa sobre o corpo da loba quando idosa: ele não será como o de sua mãe, ou o de sua avó, já que sua vida fora e é completamente diferente daquelas que elas viveram. Por ora, as possibilidades

[206] A assessora de imprensa Cristina Dell'Amore, entrevistada por Lemos aos quarenta e seis anos de idade, fala sobre essa mudança no vestuário: "Não uso mais biquíni na praia, uso maiô, porque me acho mais sensual, não uso mais uma blusa que deixa aparecer a barriga, essas coisas normais, mas não sou nada fanática" (Lemos, 1996:131).

são pautadas pela negação: via cirúrgica ou através de um desvio de olhar[207].

O que o livro de Lemos parece colocar é que a saída para a crise da meia-idade feminina passa necessariamente por uma postura que releva os seus principais desencadeadores: a saber, as mudanças físicas. Talvez, é justamente porque o corpo importa que ele deve deixar de ser o principal foco de preocupações para a mulher de *Quarenta*.

***

Há de imediato uma grande diferença entre os livros de Mardegan Jr. e a publicação de Lemos. Se ela opta pela estratégia da diversidade, da multiplicidade de opiniões e de trajetórias de vida possível, ele constrói a sua narrativa quase de forma linear: é muito mais descritivo e propositivo. A contracapa de *Homem 40 Graus* traz uma chamada bastante ilustrativa nesse sentido:

"O que é a 'Hora do Lobo'? Quando começa e o que leva o homem a apresentar tantas mudanças em seu comportamento? Porque (sic) a transição da meia-idade é tão importante e difícil para alguns? / A Hora do Lobo é um momento de auto-questionamento, um encontro inevitável consigo mesmo, que predispõe o homem a redefinir e a reorganizar sua vida, as relações com a família, o trabalho e, principalmente,

[207] Como coloca a juíza Alzira Ewerton, entrevistada por Lemos aos quarenta e dois anos de idade: "Fisicamente é impossível não sentir o envelhecimento e também seria hipocrisia dizer que eu não gostaria de me olhar no espelho e ver o corpo de uma modelo. Mas desde cedo comecei a trabalhar a minha cabeça na elaboração de uma escala de valores de acordo com a idade. Hoje eu tenho outras satisfações, procuro viver de outras prevalências o corpo está começando a decair e eu procuro não sofrer com isso, não olhar muito. Eu também já me olhei no espelho e adorei o que via, hoje sinto a chegada do envelhecimento, mas não gasto minha cabeça analisando isso, até porque ganhei muito em outros aspectos, tenho muito mais capacidade em outras áreas da minha vida, então não crio conflito. Os 40 anos têm significado pra mim o inicio de uma plenitude. Embora eu já tenha vivido muito intensamente, sinto que estou iniciando a plenitude agora. Não vejo o começo de uma decadência, só vejo vantagens" (Lemos, 1996:220 – 221).

os objetivos futuros. / Este livro explora em detalhes esta importante passagem da vida do homem, mostrando como superá-la de modo positivo e consciente, preparando-o para viver a terceira idade em harmonia e de modo mais produtivo".

Uma das principais razões para esta diferença, creio eu, está na inspiração original destes volumes: enquanto a jornalista optou por apresentar, através de um número bastante considerável de entrevistas, "um panorama da história feminina de vanguarda no Brasil" (Lemos, 1996:22), o administrador de empresas decanta seu trabalho de uma pesquisa acadêmica que – ainda que também baseada numa pesquisa qualitativa com "cerca de 250 homens" (Mardegan Jr., 1997:100) – se aproxima mais da descrição de uma trajetória de vida comum a executivos, empresários e profissionais liberais brasileiros em meados da década de 1990[208].

Indicações nesse sentido são encontradas no capítulo que o autor dedica à vida profissional do homem na meia-idade. Mardegan Jr. traz dados estatísticos, conceitos do campo da administração de empresas, reportagens da mídia e descrições de um ambiente necessariamente empresarial, onde falar em reengenharia e em *downsizing* faz sentido. A imagem que se constrói é a de um empregado de alto posto em uma grande organização, onde trabalha há mais de quinze anos, vendo-se ameaçado pela possibilidade de redução salarial ou, pior, pela possibilidade de demissão, devido a políticas de redução de custos que imperam em um cenário pressionado por exigências de competitividade da chamada globalização. Contexto que, na descrição de Mardegan Jr., tende a

[208] Ainda que, em entrevista, Mardegan Jr. tenha me revelado que a repercussão do primeiro livro lhe trouxera relatos de pessoas alheias ao mundo empresarial, cf. página 119.

atingir mais de perto os profissionais com mais idade. Sua descrição desse ambiente também remete bastante aos discursos contemporâneos sobre o risco:

> "Essa grande aldeia global que se tornou o mundo em termos econômicos e de competitividade – com produtos vindos de países com custos cada vez menores – acabou levando as corporações a rever não só a estrutura de produção mas, principalmente, a estrutura de pessoal. Há cinco anos era comum ouvir-se das pessoas: 'Qual será a minha próxima promoção?' 'Como será minha carreira daqui para frente?' A pergunta que se ouve hoje é: 'Até quando eu terei meu trabalho?' Essa nova realidade econômica atinge a grande maioria das empresas a nível mundial e, acima de tudo, atinge o homem na meia-idade. São raros os que conseguiram se manter empregados, sobrevivendo a todos esses tipos de modismos... / Esse cenário acabou trazendo uma nova e claudicante relação entre o empregado e a empresa. Do ponto de vista do empregado, acabou a fidelidade, principalmente porque acabou a idéia de que ele poderia se perpetuar dentro daquela firma, com o passar dos anos. O servidor fiel e defensor total dos interesses da empresa (aquele que vestia a camisa), até em detrimento de seus objetivos pessoais, já é hoje um 'animal' em rápida extinção..." (Mardegan Jr., 1997:60 – 61).

Ainda que Mardegan Jr. diga que a crise da meia-idade masculina é imprevisível[209] e impulsionada por motivos absolutamente individuais[210], seus livros a descrevem com traços de uma regularidade que me faz pensar sobre a sua possibilidade de generalização. Ainda que seu objetivo pareça ser o da caracterização de um momento próprio da vida de todos os homens, Mardegan Jr. acaba construindo o tipo social daquele que é susceptível tanto à crise da meia-idade quanto à sua superação. O lobo parece ser necessariamente heterossexual, casado – há muito tempo –, pai e ocupante ou ex-ocupante de um alto posto no

[209] Mardegan Jr., 1997:20.
[210] Mardegan Jr., 1997:22. O autor cita, ao longo do livro, o medo da morte, a insatisfação profissional e a ameaça da impotência sexual como possíveis estopins para a crise.

exercício de sua atividade profissional[211]:

> "... o Lobo é um homem casado, com uma carreira, com mulher, filhos, preocupações e responsabilidades" (Mardegan Jr., 1997:29).

Da mesma forma como o lobo é construído como esta categoria particular de pessoa, também a crise que o define é acionada como uma objetividade própria, como acontece no caso dos livros que se dirigem à crise da meia-idade feminina. Aqui também ela é alçada para dar conta de determinadas cadeias de causalidade, mas é sobretudo ao descrever "o processo por que passa o homem durante a Idade do Lobo" (Mardegan Jr., 1997:28) que o autor opera mais fortemente no sentido da naturalização da crise como uma realidade em si mesma. E Mardegan Jr. o faz evocando outro desenrolar de eventos, aquele que supostamente se segue após o diagnóstico de uma doença grave e/ou incurável. Se o modelo utilizado para a compreensão da crise da meia-idade feminina chega até em insistir numa operação metonímica, aqui é uma metáfora, a da doença, que dá força aos significados da chamada Hora do Lobo:

> "A primeira fase é de *negação*: 'Eu não tenho nada e não mudei em nada', o que, inconscientemente, se traduz pela negação da busca incessante em satisfazer seus sonhos não realizados. A segunda fase é a da *revolta*: 'Vou provar que ainda estou pronto para a vida e que posso fazer muitas coisas!' Nesta fase, não raramente, o indivíduo se entrega à fuga e as mais diversas experiências, realizando todos os sonhos ainda não vividos. 'Dane-se o mundo e a sociedade', é o seu lema. E, na terceira fase ele começa a *aceitar* a sua nova realidade, adapta-se a ela e vai buscar novos objetivos para este período da vida, agora mais coerentes com seus valores e sintonizados com as suas

[211] Salta aos olhos a menção a uma determinada experiência ideal de classe. No entanto, como já colocado na Introdução da presente dissertação, essa questão não será aqui aprofundada.

> reais necessidades. O indivíduo atingido pelos questionamentos da Idade do Lobo, num primeiro momento também nega que esteja atravessando um período de dúvidas e frustração. E, como não quer escutar a si mesmo mergulha nas fugas: trabalho ou lazer 100% do tempo, sexo alienado, bebida em excesso, drogas, etc. Na segunda fase, como não consegue evitar as perguntas, começa a escutar um pouco mais a si mesmo, buscando respostas – 'Mas, por que eu não posso?' Na terceira fase ele vai tentar encontrar um modelo de vida que lhe traga um sentido maior do que aquele que lhe foi imposto por vários anos: suas próprias respostas..." (Mardegan Jr., 1997:29 – grifos no original).

Em "If Language is a Game – These are the Rules: A Search into the Rhetoric of the Spiritual Self-Help Book *If Life is a Game: These are the Rules*", texto de 2004, Inger Askehave analisa títulos de auto-ajuda a partir da perspectiva da análise de discurso. Segundo a autora, uma das principais estratégias discursivas deste gênero de escrita é o uso da metáfora como um forte instrumento pedagógico e ideológico. O procedimento constrói a realidade na medida em que evoca, para um campo que se entende como pouco significado, a familiaridade constituinte de alguma outra ceara. Mardegan Jr. aqui, ao evocar a seqüência de ações e experiências pelas quais supostamente passa aquele que acaba de receber um diagnóstico grave de saúde, acaba reificando tanto a crise da meia-idade masculina quanto as supostas reações de um doente diante desse tipo de evidência sobre seu estado físico. Mardegan Jr. fala da crise da meia-idade descrevendo algo que supostamente seria mais familiar ao seu leitor. Seu esforço explicativo parece indicar que ele talvez previsse a possibilidade de que seu público não pudesse reconhecer a objetividade do fenômeno em questão. Algo que se justifica, talvez, pela própria forma como a identidade masculina é

apresentada no livro. O autor sente a necessidade de ser didático na medida em que está tratando de um assunto com o qual o homem não está habituado: a saber, suas próprias emoções. É porque o sujeito não consegue verbalizar sobre a situação que vivencia que Mardegan Jr. vê-se obrigado a descrever, inclusive através de metáfora destacada, a crise da meia-idade – que lhe atinge justamente pela mesma razão: por esta falta de intimidade entre o indivíduo e seu próprio íntimo.

Já comentei acima esta caracterização de Mardegan Jr. da crise da meia-idade masculina. A idéia central é a de que o homem, por conta de uma educação tipicamente machista, se constitui numa espécie de impermeabilidade em relação aos seus próprios impulsos emocionais. Como já colocado, o homem é apresentado como aquele ser que é capaz de separar sexo de amor[212], que é capaz de viver durante toda sua vida reprimindo determinados sentimentos. A crise da meia-idade masculina vem justamente daí: é fruto de um arrebatamento subjetivo, de um encontro aparentemente inevitável entre o indivíduo e tudo aquilo que ele teve de reprimir durante toda sua vida por conta de pressões para a desejada performance de masculinidade. Daí as guinadas infantis em seu comportamento, às quais já me referi anteriormente[213]. Cito:

> "Porque alguns homens mudam tanto? (...) ... mudam para não ter que enfrentar as perguntas sem respostas, a depressão, o vazio e o medo que chegam junto com a meia-idade. Por isso não há como generalizar neste tema, pois cada indivíduo irá enfrentar este momento à sua maneira (a tal da individualidade). Cada caso é um caso e as causas ficam nebulosas porque a maioria dos indivíduos não consegue sequer verbalizá-las. Encontram-se firmemente enraizadas em seus inconscientes. Até porque, enquanto for

[212] Cf. páginas 120 – 121 deste trabalho.
[213] Cf. páginas 116 – 117 deste trabalho.

possível, ele fará tudo o que estiver ao seu alcance para evitar olhar de frente para certas emoções que – na sua opinião, porque assim lhe foi ensinado – um homem não deve sentir. / *O que os homens mais tem medo, nesse momento, é de alguém de quem ele ficou vinte anos afastado: dele próprio*. *Ele tem medo de ouvir e escutar a si mesmo, de quem ficou longe por vários motivos: dedicação à família, excesso de trabalho, etc.* E isso durou duas décadas, ou mais. É algo de que ele está impregnado e, ao mesmo tempo, seu maior pavor nesse momento – e é por isso a crise é algumas vezes assustadora e profunda – é de ficar frente a frente com *esse ser estranho que é ele mesmo*. *Ele faz de tudo para não ficar sozinho consigo mesmo* (medo da solidão). Porque se acontecer isto, recomeça o processo de questionamento, aliado a um sentimento de inutilidade e conturbação" (Mardegan Jr., 1997:27 – grifos meus).

O que fica bastante claro aqui é a reificação do tal *si mesmo*, tão cara a este tipo de produção cultural, como já explorei no primeiro capítulo desta dissertação. E há aqui uma marcação de gênero na medida em que a idéia de que existem determinadas dimensões da subjetividade alheias ao próprio sujeito é apresentada como um sinal próprio das pressões da masculinidade. É interessante notar como, diferentemente do caso da loba, o *si mesmo* aqui o amedronta: é sinal de tudo aquilo que ele poderia ter desejado ser e que não se realizou. A tal primeira fase de negação, descrita por Mardegan Jr. na passagem da metáfora do diagnóstico de uma doença grave, parece vir justamente por conta dessa sensação de receio:

"Quem entra na Idade do Lobo prefere ignorar solenemente as conseqüências de todos os seus atos, até porque, nesse estágio, ele só consegue pensar em si mesmo e nas suas vontades. Quer recuperar tudo o que não fez, não importa porque ou a quem vá magoar. Deseja apenas viver, experimentar. Quer, por fim, libertar-se das dúvidas, pressões, questionamentos, etc. Nesse período, os homens se tornam egoístas e não fazem a menor questão de esconder isto. Já que ele não conseguiu realizar alguns de seus sonhos, vai tirar todo o atraso agora. Ou, já que ele realizou muito menos do que planejara (na sua própria opinião), olha para si mesmo e diz 'Dane-se o mundo, porque eu vou fazer o que eu quero, como quero, da forma que eu quero e quando quero. Chega de

> regras e normas sociais! Quem pode dizer o que é certo e o que é errado?' Este é o lema do homem na meia-idade: já que ele questiona todos os seus valores, porque também não as regras e normas sociais? Quem tem o direito de afirmar a ele o que é certo e errado, o que deve ou que não fazer, etc." (Mardegan Jr, 1997:26 – 27).

A idéia do homem que foge de *si mesmo* por medo e passa a agir de maneira egoísta e infantil repete-se ao longo da publicação e, de certa forma, ajuda a construir o clima de cautela em torno da idade do lobo.

O que Mardegan Jr. delineia para a crise da meia-idade masculina parece ser justamente um momento de forte introspecção do homem, provocado pelo arrebatamento emocional no interior do qual ele se vê profundamente mergulhado. Mas é também uma oportunidade para crescimento, ainda que, para isso, pareça depender muito de apoios e personagens externos, tal como argumentei no final do segundo capítulo deste trabalho. A latente e perigosa positividade deste momento vem em forma de uma possibilidade de revisão de algo como seu próprio projeto de vida, às portas da maturidade. Cito:

> "A crise da meia-idade do homem ou, se preferirem, 'A Idade do Lobo', é um período de transição da vida adulta, pela qual passa maioria dos homens, cuja característica principal é o processo de revisão que o indivíduo faz de sua vida. Uma fase de questionamento pessoal, detonada por uma série de fatores que, em geral, atinge o homem hoje em dia, cada vez mais cedo..." (Mardegan Jr., 1997:19).

E, ainda:

> "A Hora do Lobo, como aqui chamamos, é um momento particular, que predispõe o homem a refletir sobre a sua vida em geral: a mortalidade, os sonhos não realizados, o declínio físico e sexual, a profissão e seu relacionamento com os filhos e a esposa. É quando surgem novos desejos e valores, nem sempre compreendidos pelos amigos e familiares..." (Mardegan Jr., 1997:89).

O perigo desta fase de revisão, a princípio positiva[214], está na possibilidade de mudança radical que ela comporta: ao ser confrontado com sua intimidade, com tudo aquilo que ele reprimiu ao longo de sua vida, esse homem pode optar por transformá-la radicalmente. Daí o forte tom de aconselhamento ao longo do livro, como se o mais recomendado fosse realmente romper com esses impulsos mais transformadores para passar da maneira mais tranqüila de amena possível por esse momento de turbulência. Mesmo quando insiste nesse potencial positivo da crise, como o faz diversas vezes durante o texto, Mardegan Jr. tem um discurso evolucionista, valorizando mais as atitudes resilientes e adaptativas, e menos as chocantes, revolucionárias, drásticas. Mais uma vez, cito uma passagem, desta feita retirada do capítulo onde o autor desenvolve determinadas concepções acerca do que chama de ciclo de vida[215]:

> "É nesse processo de adaptação que, ao passar pela transição da meia-idade, o homem precisa entrar num acordo consigo mesmo. Aceitar o fato de que o que ele não realizou consigo mesmo. O tempo não pára e cada momento deve ser desfrutado com amor e alegria. Sem sentimentos de rancor nem de autodestruição ou autopunição. *Para que a crise de transição da meia-idade seja frutífera, é necessário saber enterrar os sonhos que não foram possíveis de ser realizados*, não com rancor, mas com pesar. Ter consciência

[214] "Ao meu ver (...) a crise de transição da meia-idade nada tem de destrutivo e negativo..." (Mardegan Jr., 1997:76)

[215] Que podem ser resumidas em um intercalar entre fases e transições: "A maioria dos homens (...) não tem esta preocupação de que a vida é uma permanente transição, na qual as fases – infância, adolescência, idade adulta, meia-idade e terceira idade – se sucedem e que as pessoas evoluem durante toda a sua existência. Na verdade não há limites para estes períodos da vida. Infelizmente, são nossos medos, preconceitos e a própria falta de uma visão mais ampla sobre a vida que acabam por limitar a nossa existência. Diferentes de pessoa para pessoa, estes fatores, no entanto, não freiam- e nem aceleram – o crescimento do homem como ser humano em suas passagens. Ou seja, a adaptação, o vencer obstáculos, a experimentação e o aprendizado acontecem para cada um e em todos estes períodos da vida, sem que possamos evitá-los e de maneira muito particular para cada um de nós" (Mardegan Jr., 1997:72).

de que, novamente como um filme, é impossível voltar atrás. Porém, acima de tudo e em primeiro lugar, ter consciência de que o filme de sua vida ainda não terminou e é possível, sim, modificar o final. Sempre para melhor. Aí então esse homem estará livre para realizar seus novos desejos e planos, na terceira idade, sem esta herança negativa do passado. O pior que poderia acontecer a ele, ao perceber que esse modelo não faz mais sentido, é insistir em mantê-lo e estagnar, não mudar, não ir à procura de um novo modelo. Adaptar-se à uma nova maneira de viver é uma arte que todos têm de aprender, às vezes a duras penas" (Mardegan Jr., 1997:84 – grifos meus).

Se há um novo modelo a se perseguir, esse parece se caracterizar mais por uma postura adaptativa e resignada do que por uma busca eminentemente criativa, como no caso da loba. Se "a mulher de meia-idade tem recursos que sua razão desconhece" (Lemos, 1996:311), e há até mesmo certa negação de uma estética da velhice, como se ela pudesse perdurar como loba para sempre, a realidade do envelhecimento próximo do lobo – a tal terceira idade – parece ser tudo aquilo que lhe resta. Os símbolos associados a determinada juventude, quando encarnados pelo homem na meia-idade, são negativizados: o eterno garotão parece ser muito mais aquele indivíduo que não soube envelhecer do que alguém atualizado com seu tempo, por exemplo. Encerro o presente capítulo com as imagens de velhice apresentadas pelo livro de Mardegan Jr., que em muito se associam com certo clima de responsabilização individual - um dos elementos daquilo que Debert chamou de reprivatização de velhice. Procurei, no entanto, mostrar, que se há uma reprivatização na medida em que a saída da crise depende da redefinição de estilos de vida e formas de consumo, esta reprivatização ganha conteúdos e qualidades distintas para lobos e lobas.

De início, há de se dizer que é a idéia de *mito* que parece muito bem

encapsular as colocações de Mardegan Jr. sobre algo que ronda o tema das determinações cronológicas. Logo no começo do livro, ainda em seus esforços de apresentação dos temas de seu trabalho, o autor usa o termo pela primeira vez, referindo-se a uma das principais características da crise da meia-idade: a saber, sua imprevisibilidade. Retomo passagem já citada na nota 90 da presente dissertação:

> "... considero impossível e até mesmo ingênuo tentar relacionar esse momento de explosão com a idade cronológica. A Hora do Lobo é muito mais um acontecimento psicológico que cronológico. Tudo o que se criou ao redor dos 40 anos não passa de um mito" (Mardegan Jr., 1997:20).

Como pretendo argumentar nesta parte do texto, parece-me que essa concepção de mito acionada por Mardegan Jr. aproxima-se de um sentido de inverdade, de inverossimilhança: quando diz que a relação entre crise da meia-idade e os quarenta anos de idade do homem “não passa de um mito”, está dizendo que não necessariamente uma coisa se encadeia com a outra.

Mais à frente, no capítulo já comentado em que escreve não gratuitamente em colaboração com um médico cardiologista, essa idéia é retomada, talvez, de forma ainda mais forte. A noção de *mito do envelhecimento* é evocada logo após a passagem do professor e engenheiro civil "que brincava com esse mito", como transcrito acima. Da mesma forma como apresenta o que chama modelos sociais destrutivos como determinantes para o exercício esperado da masculinidade – e para as contrapartidas negativas do ponto de vista subjetivo que esta enseja –, aqui são também estruturas macro-sociais as responsáveis por premissas erradas

sobre o que significa envelhecer[216]. Nesse sentido, o autor aciona processos históricos tais qual o que fica conhecido como Revolução Industrial e discursos consumistas contemporâneos supostamente subseqüentes para dar conta dos significados associados ao chamado "envelhecer socialmente" (Mardegan Jr., 1997:42):

> "As coisas antigas agregavam valor com o passar dos tempos: 'O Antigo é belo', afirmava-se. Após a Revolução Industrial, o que assistimos foi um estímulo exagerado ao consumo, de tal forma que o ato de comprar tornou-se sinônimo de lazer. As pessoas se desfazem de seus objetos na ânsia de adquirir outros, novos, do último modelo, do mais moderno. A posse é, hoje, transitória e sem sentido. Valoriza-se o novo e, como conseqüência, despreza-se tudo o que é velho ou que envelhece: 'O Novo é Belo', afirma-se agora. / Condicionados a consumir compulsivamente, compramos tudo que não precisamos e, com a mesma facilidade, jogamos fora a compra, quando percebemos a sua inutilidade. Criou-se assim, o mito do envelhecimento que se transmite também às pessoas. Ao envelhecer, deixamos de ter vida, de sermos úteis; tornamo-nos estáticos, sem destinação, sem valor. Assim, aqueles que envelhecem tornam-se pessoas à margem da sociedade, principalmente num país tão ávido por modismos e facilmente influenciável pelas culturas estrangeiras como o nosso" (Mardegan Jr., 1997:35).

Mais uma vez, portanto, o peso de questões sociais é reconhecido como razão para determinada situações – tanto para comportamento masculino distanciado das emoções quanto para essa atitude negativista em relação à velhice. Cito:

> "Desta forma, uma nova e positiva abordagem para a Idade do Lobo, só é possível através da revisão de alguns valores e crenças que estão enraizados na nossa cultura. Começando por uma verdadeira faxina no modelo de vida e no papel masculino na sociedade. Se nós não conseguirmos reformular esse modelo que foi seguido cegamente pelo homem, que se encontra hoje na meia-idade; se não conseguirmos eliminar toda

[216] Mardegan Jr., 1997:34.

esta mítica que envolve os 40 anos, ficará difícil estabelecer uma abordagem positiva para esse momento de transição" (Mardegan Jr., 118 – 119).

No entanto, a saída passa muito mais por atitudes pessoais do que por mudanças nestes contextos mais amplos. Com isso, reforçam-se padrões de sociabilidade assimétricos e hierárquicos. Sendo um mito, uma construção que não necessariamente deve condizer com a realidade, abrem-se as possibilidades para que esta fase da vida seja vivida de forma mais gratificante, sem que a pessoa tenha de "perder o espírito jovem" (Mardegan Jr., 1997:42). E é interessante perceber como a resposta individual ao chamado mito do envelhecimento, que valoriza o que não é mais novo e/ou jovem, passa justamente por uma mudança de atitudes de alguém que não quer se sentir velho. Portanto, ainda que argumentando no sentido da revisão dos significados que impõem a desvalorização do antigo e do velho, Mardegan Jr. - e não somente ele, é claro, na medida em que dá voz a muitos discursos sobre o chamando envelhecimento positivo - contribui para a reificação de certa desqualificação de quem efetivamente perdeu esse tal "espírito jovem". O tal "envelhecer socialmente" é equiparado aos chamados fatores de risco como se uma correta conduta perante a vida pudesse afastar o homem disso tanto quanto parece ser possível diminuir as chances de um ataque cardíaco com a adoção de uma nova rotina.

E é interessante notar como, mais uma vez, concepções de gênero, ou seja, acerca do que seja propriamente masculino ou feminino, parecem ser determinantes para as colocações dos autores sobre as condições de saúde do

homem na meia-idade. Como já colocado, a impermeabilidade do homem em relação aos seus sentimentos parece desdobrar-se em uma atitude negligente também em relação ao seu estado físico, à sua saúde. Cito trecho do capítulo de *Homem 40 Graus* que trata destas questões:

> "O dr. (sic) Leite, baseado em sua experiência de consultório, assinala alguns comportamentos do homem diante da saúde ou da doença:
> a) eles procuram menos os médicos;
> b) os homens são monossilábicos quando precisam falar de si mesmos, ao contrário das mulheres que dizem ao médico tudo o que sentem;
> c) a maioria deles chega ao consultório pela mão feminina;
> d) são mais resistentes à aceitação do tratamento"
> A partir destas observações simples, pode-se concluir também que mesmo com a saúde abalada, o homem evita olhar para si mesmo e se preocupar com o próprio corpo. A doença significaria uma fraqueza e ele é macho. '*Um macho, ao mesmo tempo, não precisa de ajuda de ninguém, muito menos da mulher e o médico'*. Talvez tenha origem também nesta resistência o fato de que a maior incidência de doenças coronarianas esteja nos homens solteiros, descasados ou divorciados, ou seja, aqueles que vivem sozinhos. Ou talvez isto também aconteça porque eles simplesmente não têm com quem dividir toda a pressão psicológica desta fase da vida" (Mardegan Jr., 1997:38)

A dimensão de gênero do cuidado, à qual já me referi no final do segundo capítulo desta dissertação, revela-se em mais esta atribuição: se a sanidade subjetiva do homem em crise parece depender de atitudes compreensivas e pacientes de sua esposa, também sua saúde física apóia-se na maior facilidade para lidar com o íntimo que as mulheres supostamente possuem. Quando os autores do capítulo comentam sobre as dificuldades dos homens para lidar com seu corpo e com seus

sentimentos, reificam, mais uma vez, a conjugalidade necessariamente heterossexual – também como uma boa medida do ponto de vista de saúde[217].

As concepções de saúde e de idade acionadas pelo autor, nesse sentido, ao passo em que positivam a experiência da chamada terceira idade, colocam nas mãos do lobo – e também da loba, portanto – a responsabilidade pela condução de sua trajetória, já que "ninguém precisa se sentir velho aos 40, 45, 50 ou até 60 anos" (Mardegan Jr., 1997:42). Contra o tal modelo destrutivo, que supervalorizaria a juventude e cria a imagem negativa do envelhecimento, o autor constrói outra polaridade hierárquica: a velhice desejada *versus* a velhice que se pode evitar.

***

Busquei, neste último capítulo, dar conta dos significados acionados e erigidos pelos autores e livros analisados para a construção da chamada crise da meia-idade de homens e mulheres. E é através de diferentes estratégias que esta idéia se reifica: seja pela valorização ou pela desqualificação da opinião de profissionais e/ou acadêmicos de diferentes áreas, pelo emprego de determinadas figuras de linguagem, pela negação ou associação a determinadas situações, é

[217] Recentemente grandes portais nacionais de notícias divulgaram afirmações feitas pelo sexólogo Ricardo Cavalcanti, Coordenador da área de Saúde do Homem do Ministério da Saúde, que corroboram esse tipo de afirmação. Segundo Cavalcanti, de acordo com um levantamento realizado com sociedades médicas de todo o país, a maioria esmagadora de homens só visita um consultório médico quando pressionado por suas esposas. As matérias jornalísticas apontam como razões culturais as associações entre masculinidade e onipotência e feminilidades e cuidado (Cf. "Homem só vai ao médico se mulher mandar, diz especialista" da *Folha de São Paulo* do dia 23 de junho de 2008, http://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/noticias/ult263u415088.shtml, e "Conceito de masculinidade afasta homens de consultórios médicos" do *G1 O Portal de Notícias da Globo*, do dia 24 de junho de 2008, http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL611331-5598,00-CONCEITO+DE+MASCULINIDADE+AFASTA+HOMENS+DE+CONSULTORIOS+MEDICOS.html).

que seu significado erige-se como objeto real dos livros na medida em que já é tomado como pressuposto por seus autores para seus leitores. Os sentidos da crise constroem-se na medida em que os autores tomam-na como dado, como algo conhecido e reconhecível tanto pelos personagens descritos quanto para quem lê – posições que quase sempre se confundem e devem se confundir ao longo das publicações. Respaldada por informações científicas, opiniões gabaritadas, produtos culturais, depoimentos e posições pessoais de outros e também daquele quem escreve, a estratégia é muitas vezes teleológica: os autores caracterizam aquilo que supõe todos conhecerem. E é nessa espécie de circularidade que se apóiam para forjarem as afinidades com os leitores que legitimam suas palavras: a tal crise é comum e particular a cada um – assim como a passagem destacada no título do presente capítulo expressa – e todos podem ter algo a dizer sobre ela.

Com isso, procurei evidenciar as tonalidades através das quais diferenciam os sentidos atribuídos às crises de homens e mulheres. Os estopins para a crise acionam temáticas diversas: se as transformações no corpo parecem ser determinantes para a crise da meia-idade feminina, são pressões profissionais – ou melhor, no que estas implicam para o exercício esperado do papel do provedor – que protagonizam a chamada hora do lobo masculina. E quase como uma torção, colocam-se as saídas apontadas por esta literatura para as questões eleitas como constituintes destas crises: se o lobo recorre ao apoio familiar, a loba parte para conquistas pessoais, muitas vezes no campo do trabalho, como descobertas e novas realizações profissionais. Se as rédeas dos processos de envelhecimento tornam-se cada vez mais responsabilidades individuais já na

meia-idade, isso se dá de maneira distinta, seguindo expectativas de gênero. A mulher, bastante associada ao carinho afetuoso e ao cuidado, assume uma postura mais autônoma, como se fosse preciso passar a cuidar de si própria e de seus próprios anseios após muitos anos se dedicando à vida familiar, ao cuidado dos outros. Já ao homem projeta-se uma imagem muito menos gratificante, mais infantilizante e quase ameaçadora da vida futura: o apoio da esposa – mais uma vez, do cuidado feminino – parece vir como algo imprescindível, sob o risco dele sucumbir às pressões de uma masculinidade antiquada – que, em si mesma, não parece ser questionada.

Considerações Finais:

Auto-Ajuda e a Ilusão Referencial.

Ainda na Introdução desta dissertação comentei a opção levada a cabo neste trabalho por uma pesquisa sobre construções discursivas. Ser fiel a esta escolha e buscar a forma como títulos de auto-ajuda vêm construindo, a partir dos anos 1990, as figuras do lobo e da loba no Brasil, seus problemas e soluções, me levou a tipos específicos de resultados, sobre os quais busco refletir neste momento. A idéia aqui é compreender que são esses livros, assim como outros produtos culturais, que criam determinados objetos e sujeitos. A referência aos clássicos estudos totêmicos na Antropologia em parte do título deste segmento – a idéia da ilusão referencial – vem do olhar que agora posso traçar a determinada produção teórica a partir desta escolha metodológica: trata-se aqui de não confundir aquilo que os livros constroem com a suposta realidade a qual eles estariam se referindo. Ter excluído desde o início do trabalho a hipótese de uma pesquisa de recepção me faz agora refletir sobre o efetivo potencial criativo dessa produção cultural e refina a minha leitura de trabalhos de grandes alcances teóricos sobre a contemporaneidade que desde o começo vêm me servindo de referencial e contraponto.

Quando comecei a pensar nos temas que hoje constituem este trabalho, há quase três anos, o plano de reflexão naturalmente ainda era muito geral. Meu raciocínio buscava nos exemplares de auto-ajuda aquilo que Geertz chamou de mega-conceitos[218]. Não que Indivíduo, Sociedade, Modernidade, Racionalidade, Responsabilidade e Subjetividade – entre outros – estivessem ausentes de suas

[218] Geertz, 1989.

páginas. Mas eu precisava de mediações para poder enxergá-los. E chegando ao fim deste trabalho posso dizer que encontrei nas especificidades dos discursos sobre meia-idade e gênero dos volumes nacionais analisados elementos para discutir tanto a idéia de que a vida adulta é pensada atualmente e cada vez mais de forma matizada e complexificada quanto com a afirmação de que a dúvida é procedimento reflexivo valorizado e institucionalizado na vida que grande parte de nós vivemos[219], cada vez mais sem a sensação de um referencial etário. No entanto, agora é possível afirmar que essas concepções de mundo são, sem dúvida, construções discursivas, levadas ao extremo quando o foco é a chamada meia-idade: a reflexividade contemporânea, como atributo de um sujeito moralmente desgarrado[220] – assim como este indivíduo –, se não existe enquanto dado da realidade em que vivemos, certamente é uma criação discursiva de determinados produtos culturais. E é preciso manter o distanciamento entre as duas ordens de fenômenos – produção sociológica de um lado e os manuais de auto-ajuda de outro -, ainda que uma reflexão sobre a eficácia simbólica[221] destas criações possa ser levada em conta.

Nesse sentido, não me cabe aqui – e nunca me coube, ao longo da pesquisa – indagar sobre a realidade da crise da meia-idade para além das páginas dos livros de auto-ajuda analisados. Não seria possível projetar as imagens que os livros constroem sobre homens e mulheres em crise por volta dos quarenta anos de idade em seus possíveis leitores, ainda que outros trabalhos antropológicos me tenham oferecido um quadro muito rico e diversificado dos

[219] Giddens, 2002:10.
[220] Giddens fala em uma sensação de crescente evaporação moral (Giddens, 2002:135).
[221] Para usar a expressão de Claude Lévi-Strauss (Levi-Strauss, 1996).

significados associados à experiência da chamada meia-idade[222]. E é retomando um pouco essas imagens que encaminho as considerações finais desta pesquisa, discutindo brevemente uma sensação presente tanto nos livros analisados quanto na produção teórica que vem refletindo sobre a contemporaneidade. A saber, ao mesmo tempo, tanto a idéia de que há uma sensação reinante de angústia provocada por um embaçamento de fronteiras etárias quanto a da fixação de diferenças entre homens e mulheres na meia-idade e também em relação a outras gerações.

Especificamente em relação ao marcador geracional, há algo a se dizer a respeito de algumas interpretações sobre a contemporaneidade, tomando-a como contraponto de outro modelo típico-ideal que fica conhecido como tradição. Para Giddens, a chamada modernidade tardia ou alta modernidade – "nosso mundo de hoje" (Giddens, 2002:11) – pode ser vista uma intensificação das características que distinguiram a sociedade industrial e capitalista do contexto de sociabilidade tradicional. E a principal marca da modernidade é, para este autor, a institucionalização da *dúvida*. O exercício de raciocínio próprio ao pensamento

[222] O recente trabalho de Goldenberg, *Coroas: Corpo, Envelhecimento, Casamento e Infidelidade*, publicado em 2008, é um exemplo disso. Traz importantes apontamentos a partir de uma "pesquisa na cidade do Rio de Janeiro com mulheres na faixa etária dos 50 a 60 anos, das camadas médias e altas" (Goldenberg, 2008:28). Seu pano de fundo é um grande projeto comparativo, entre essa realidade e as de mulheres espanholas e alemãs. Com essa perspectiva a autora busca aquilo que é específico destas mulheres brasileiras e encontra duas grandes temáticas: a do corpo e do homem, marido ou não. Com uma forte inspiração de Pierre Bourdieu, seu trabalho reflete sobre como estas duas dimensões tornam-se verdadeiros capitais para as coroas pesquisadas: há algum ressentimento com as transformações no corpo mas também alívio, que parece ser maior para as coroas casadas há mais tempo. Segundo Goldenberg, "em uma cultura em que o corpo é um capital, mas que ter um marido parece ser um capital mais importante ainda, é muito difícil, quase dramático, envelhecer sozinha" (Goldenberg, 2008:42). Embora nossos trabalhos encontrem afinidades temáticas, são achados diferentes: enquanto ela se focou nos discursos e práticas desses sujeitos, eu me voltei para o que determinada produção cultural diz sobre esta fase da vida. E aí as diferenças são notáveis: o que as mulheres pesquisadas por Goldenberg dizem não necessariamente coincide com os discursos aqui analisados, da auto-ajuda que supostamente fala desses e para estes sujeitos.

iluminista, não contente com a desestabilização histórica de verdades dogmáticas, acaba por instalar a desconfiança sobre a própria capacidade de conhecimento. Ao chamar a modernidade de cultura do risco[223], Giddens chama atenção para o processo de hipotetização de certezas científicas e morais: a verdade parece estar cada vez mais aberta à contínua e constante revisão. Em um mundo povoado de dúvidas, riscos e azares, os saberes figurariam como ilhas de certezas, para usar a metáfora de Scott Lash & John Urry[224]. É ao sujeito que cabe a tarefa de se guiar em um contexto de crescente oferta ontológica: daí a constituição da *escolha* como um grande valor no contexto contemporâneo. A informação, como abordado no primeiro capítulo deste trabalho, ganha ares empoderantes[225] e seu estatuto fornece ao indivíduo, sobretudo, a habilidade para desconfiar – de saberes, de práticas, de profissionais e até mesmo das próprias fontes de informação[226]. O que se reifica, portanto, é a figura do sujeito consciente e responsável, agindo reflexivamente nas grandes e pequenas decisões de sua vida. Enfim, o tal *projeto reflexivo do eu*[227].

Nesse sentido, não somente Giddens, mas também outros autores advogam pelas vantagens heurísticas do conceito de *curso da vida* para pensar trajetórias pessoais na contemporaneidade, em detrimento do de *ciclo de vida*,

[223] Giddens, 2002:11.
[224] Lash & Urry, 1994:40.
[225] Cf. página 48 deste trabalho.
[226] Cf. nota 36, página 42 deste trabalho.
[227] Giddens, 2002:12. Em oposição, pode-se dizer que o mundo pré-moderno é caracterizado por Giddens como aquele marcado por afirmações tradicionais, incontestáveis em si mesmas pela força do hábito. É a idéia do 'sempre foi assim' que garante segurança às ações humanas, pautadas por um ideal de repetição. A imagem emergente é a de uma sociabilidade modulada por pouca diferenciação social e a família acaba funcionando como fonte primária de sentidos.

que evoca um ideário de repetição geracional, de poucas aberturas frente a determinadas inexorabilidades.

Salem, no trabalho já citado sobre literatura de auto-ajuda, diz que a idéia de tábula-rasa sustenta bastante bem a concepção de pessoa posta em funcionamento por esse tipo de produção cultural. Sua análise a leva a pensar sobre a existência de uma polaridade entre atributos universais e particulares como constituintes dessa concepção: de um lado, especificidades materializadas em artifícios como autobiografias no sentido da revelação das angústias de cada um – do tipo 'descubra o que você quer mudar em você' – e, de outro, um substrato de humanidade comum, onde se instauram as proposições pedagógicas da auto-ajuda. Ao resultante a autora dá o nome de indivíduo natural, caracterizado muito fortemente pela idéia de uma potencialidade absoluta. Livre de quaisquer constrangimentos externos como ponto de partida, seja de ordem genética ou geracional, o que se sobressai é a irredutibilidade do sujeito: sua liberdade para escolher e ser tudo aquilo que o desejar. Para Salem, esta é a tese central que perpassa toda a produção em questão[228]. Se existem impedimentos ao livre e contínuo processo de desenvolvimento de si, estes não estão no indivíduo, mas são sim produtos da interação social, das relações com outros – sobretudo aquelas que tomam lugar na primeira infância. A princípio, só existem possibilidades e isso pode trazer muitas angústias do ponto de vista subjetivo – para as quais a literatura de auto-ajuda viria a contribuir.

Os discursos que ficam conhecidos como auto-ajuda são associados a este cenário pós-moderno já que supostamente se referem a este sujeito reflexivo,

[228] Salem, 1992b:9.

cada vez mais o único responsável pela construção da sua biografia[229]. Sua popularização, para Giddens, é um índice do alto grau de incremento institucional à reflexividade nos dias atuais[230]. A idéia é de que essa produção é parceira e, ao mesmo tempo, força que instiga as angústias das pessoas que cada vez mais são forçadas a refletir sobre suas vidas, sobre cada passo a se seguir. Se já há alguma discussão sobre o recorte de gênero da literatura da auto-ajuda, assim como busquei abordar no segundo capítulo desta dissertação, posso dizer que meu trabalho buscou evidenciar as implicações do marcador geracional nos discursos analisados: este sujeito aparentemente livre de determinações é construído pela produção em questão com fortes marcas de gênero e de idade.

De fato, quando a produção que analisei se propõe a abordar a chamada meia-idade, da forma como isso se dá, pode se dizer que há aí uma reflexão sobre o caráter potencialmente mais aberto e crescentemente reflexivo da auto-identidade contemporânea – para usar as expressões de Giddens. No entanto, há de se manter o distanciamento entre o que é construção social e o que é projeção generalizada para conceber a subjetividade em tempos contemporâneos – na pós-modernidade ou modernidade tardia, dependendo do autor acionado.

É a idéia de que a sucessão geracional não implica mais em determinação comportamental e em repetições que parece sustentar o tipo de convite à dúvida e à reflexividade que estes volumes fazem a seus leitores. Em grande parte das vezes, esse tipo de questionamento vem na forma de uma reflexão sobre modelos de vida ou, mais especificamente, sobre as ansiedades provocadas pela

[229] Giddens, 2002:71.
[230] Giddens, 2002:10.

famigerada falta de modelos a se seguir. Elyseu Mardegan Jr. ilustra bem o ponto no decorrer do seu *Homem 40 Graus*:

> "... *ele não encontra, por mais que procure, um modelo de vida satisfatório e acaba se sentindo solitário. Perdido, se entrega à crise.* (...) Fecha-se em si mesmo, esmagado por duas gerações que já não fazem sentido diante de suas novas verdades. A geração dos pais, cujo modelo ele quer discutir e revisar. E a dos filhos que estão num processo de adolescência ou pós-adolescência bastante complicado. Ele se sente distante de todas as solicitações que estas duas gerações podem lhe trazer..." (Mardegan Jr., 1997:92).

Tal angústia é também registrada no livro de Regina Lemos *Quarenta: A Idade da Loba*. Gloria Kalil, apresentada como empresária do ramo da moda e entrevistada aos cinqüenta anos de idade, remete aos já referidos protagonismos da geração da loba como uma segurança a mais frente esta percepção, de certa forma generalizada:

> "Estamos entrando nos 45, 48, 50, e ninguém sabe como enfrentar essa história. Nós nunca tivemos modelo nenhum na vida, vivemos sem rede embaixo de nós. Vivemos criando jurisprudência, eu sinto que crio jurisprudência diariamente na vida, nas minhas formas de conviver com as pessoas, na minha maneira de me relacionar amorosamente, no relacionamento com a minha família, com as pessoas com quem trabalho. Vamos ter que criar jurisprudência da velhice também, *nós não temos modelo*. Eu tenho absoluta certeza de que tenho que me preparar para uma velhice completamente diferente do que foi a da minha mãe, que, no entanto, foi igual à da mãe dela, protegida dentro de casa. Elas tiveram uma velhice muito sossegada do ponto de vista familiar..." (Lemos, 1996:147 – grifos meus).

A idéia aqui é de que a geração das lobas, ou seja, das mulheres que chegaram à meia-idade em meados da década de 1990, é a que vivencia pela primeira vez, pelo menos com tal intensidade, esse tipo de pressão existencial em torno das

balizas geracionais[231]. A fotógrafa Vânia Toledo, outra entrevistada de Lemos, então com quarenta e oito anos de idade, deixa transparecer a mesma atitude reflexiva ante a possibilidade de repetição geracional:

> "Eu não serei uma velha como a minha mãe é, ou como a mãe da minha mãe é, inicialmente porque meu espírito de juventude, o meu espírito de força, a minha concepção do que é a velhice não são com certeza iguais aos que elas têm..." (Lemos, 1996:294).

Ao comentar a possibilidade da mulher se tornar avó nesse momento da vida, Mariana Fontes, Maria Pereira e Regina Pimentel também registram essa postura reflexiva, ainda que evocando um esteriotipismo quase caricato, em *Mulher 40 Graus à Sombra*:

> "Se a nossa subjetividade modula-se na moldura de três gerações, há que recomeçar pela avó, para se chegar à mulher. O que dela herdamos? O que dela permanece em nós? Havia uma mulher naquela avó? / Penso nas minhas, o nome delas contido no meu. Prática difundida, que evidentemente influi nas nossas identificações. / Minha avó materna nunca se deixou ver como mulher. Era esposa, dona-de-casa exemplar, mãe-de-ferro, avó-de-seda. Doces lembranças, saudades dos sonhos de banana e dos carinhos. Mas também das cenas desconcertantes: a ela cheguei a prometer, entre lágrimas, que seria freira, na esperança de, assim, salvar a alma de meu pai ateu. Com ela eu ia à missa, me vestia de anjo pra coroar Nossa Senhora. / A paterna era tão diferente! Nela a mulher sobrepujava a avó. Mulher mais além de seu tempo. Nascida no século passado, chegou até a formar-se em escola superior, ensinou em colégio público. Deixou marido, filhos, família. Foi-se com um homem mais novo, solteiro, de família 'tradicional': meu avô. Sufocou os homens que teve por perto, escandalizou as mulheres. Morou em hotel no centro da cidade, inaugurando o 'apart'. Pedia comida de restaurante, precursora da

[231] Como coloca a própria Regina Lemos na introdução de um dos capítulos de seu livro: "Nossas mães tinham manual para nos educar, ganharam nas nossas avós" (Lemos, 1996:255).

> ‘quentinha’. Com ela, eu lanchava nas confeitarias, ia ao cinema e ao teatro. / Uma era recatada, austera, elegante, afetuosa, mas autoritária e dona-da-verdade. / Outra era extravagante, deselegante, exagerada, autoritária e dona-da-verdade. / As duas, então, me intimidavam. Hoje me intrigam e me fascinam. / Quem eram essas mulheres? Quem são, em mim? / Quem são as suas avós na mulher-avó que você vem a ser agora?” (Fontes, Pereira & Pimentel, 1994:104).

Mais uma vez, o ideário de que a loba e o lobo não necessariamente repetirão os passos de suas antecessoras mais próximas fica bastante claro nesta passagem. O que se reifica são, portanto, propósitos reflexivos: há uma insistência na valorização de uma atitude perante a vida pautada na auto-avaliação e em comportamentos justificáveis do ponto de vista subjetivo. A retomada das trajetórias das duas avós e os questionamentos acerca do que fará e de quem será a loba nos falam justamente dessa sensação de abertura da vida adulta. A idéia de um mundo de possibilidades disponível evoca, portanto, o imaginário próprio à adolescência e os desafios da juventude. No entanto, como procurei abordar ao longo do terceiro capítulo desta dissertação, a construção destes sujeitos ansiosos com a falta de parâmetros geracionais feita pela produção analisada dá-se justamente pela re-criação de modelos e fronteiras geracionais, onde o marcador de gênero faz-se fortemente presente. A loba em crise é justamente aquela que se diferencia tanto da jovem escrava de sua beleza quanto da mulher mais velha, já que a solução para a sua crise passa pela descoberta do novo que há dentro de si – possibilidade que talvez estivesse negada às gerações anteriores. Já o lobo, muito mais amedrontado, entra em crise justamente por não ter diante de si todas as potencialidades do jovem: o

medo da velhice só pode se colocar porque ela é vista como uma fase diferente, potencialmente mais triste, do que a vida adulta e cabe a ele afastar-se dessas experiências não tão gratificantes.

É, portanto, o meu material de pesquisa que me permite um olhar mais crítico sobre a bibliografia que veio me servindo de referencial teórico ao longo da pesquisa. Para além de re-afirmar a dúvida como um princípio subjetivo construído por esta literatura e não como um dado da realidade, há aqui de se matizar as interpretações sobre a contemporaneidade que colocam o supõem o sujeito sem padrões – inclusive geracionais – como uma universalidade. O que a produção de auto-ajuda analisada me mostra é justamente a construção desta angústia como própria de uma fase da vida, bem como das suas soluções, passando pela forte marca do gênero. Se isso corresponde ou não à realidade – aos sujeitos sobre os quais esse tipo de literatura fala ou para os quais ela se dirige –, somente uma pesquisa com a abordagem da recepção poderia atestar. Ou então estaria aqui incorrendo no engano da ilusão referencial. A idéia aqui foi, mais uma vez, reafirmar a construção da crise da meia-idade – seus sujeitos, suas causas e suas soluções – por determinada produção de livros de auto-ajuda a partir da década de 1990.

Bibliografia.

ALVES, Vera Lucia Pereira. 2005. *Receitas Para a Conjugalidade Uma Análise da Literatura de Auto-Ajuda.* Tese de Doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas/Faculdade de Educação.

ALVES FILHO, Manuel & ROMÃO, Arquilau Moreira. 2009. Livros de Auto-Ajuda Consumidos por Educadores são Tema de Estudo: Pesquisa Mostra que Obras Orientam Inúmeras Atividades Pedagógicas. *Jornal da Unicamp* 429. pp 8 – 9.

ASKEHAVE, Inger. 2004. If Language is a Game – These are the Rules: A Search into the Rhetoric of the Spiritual Self-Help Book *If Life is a Game: These are the Rules*. *Discourse & Society* 15:5 – 31.

BASSIT, Ana Zahira. 2000. O Curso de Vida como Perspectiva de Análise do Envelhecimento na Pós-Modernidade. In.: DEBERT, Guita Grin & GOLDSTEIN, Donna M (orgs) *Políticas do Corpo e Curso da Vida*. São Paulo: Sumaré. pp. 217 – 234.

BENJAMIN, Walter. 1980 [1969]. O Narrador. Trad.: Modesto Carone. In.: ARANTES, Paulo Eduardo (org) *Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Jungen Habermas – Textos Escolhidos – Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural. pp. 57 – 74.

BONELLI, Maria da Gloria. 2004. Arlie Russell Hochschild e a Sociologia das Emoções. *Cadernos Pagu* 22:357 – 372.

BONET, Octavio. 2006. Emoções e Sofrimentos nas Consultas Médicas. Implicações de suas Irrupções. *Teoria e Cultura* 1(1):117 – 138.

BOSCO, Angelo Marcos. 2001. *Sucessos Que Não Ocorrem Por Acaso: Literaturas de Auto-Ajuda*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas/Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

BRITTO DA MOTTA, Alda. 1999. Gênero e Classe Social na Análise do Envelhecimento. *Cadernos Pagu* 13:191 – 221.

BUTLER, Judith. 2003 [2002]. O Parentesco é Sempre Tido como Heterossexual? Trad.: Valter Arcanjo da Ponte. *Cadernos Pagu* 21:219 – 260.

BYRNE, Rhonda. 2007 [2006]. *O Segredo*. Trad.: Alexandre Martins, Alice Xavier & Marcos José da Cunha. Rio de Janeiro: Ediouro. 198 p.

CHODOROW, Nancy J. 1999. *The Power of Feelings: Personal Meaning in Psychoanalysis, Gender and Culture*. New Haven & London: Yale University

Press.

COHEN, Lawrence. 1998 [1992]. Não há Velhice na Índia: Os Usos da Gerontologia. Trad.: Julio Assis Simões. In.: DEBERT, Guita Grin (org.) *Antropologia e Velhice*. Textos Didáticos 13. 2ª ed. Campinas: IFCH/Unicamp. pp. 65 – 118.

DANIELS, Arlene Kaplan. 1993. Review *Women and Self-Help Culure: Reading Between the Lines*, by Wendy Simonds. *Contemporary Sociology* 22(3):434.

DEBERT, Guita Grin. 1998. Pressupostos da Reflexão Antropológica sobre a Velhice. In.: DEBERT, Guita Grin (org.) *Antropologia e Velhice*. Textos Didáticos 13. 2ª ed. Campinas: IFCH/Unicamp. pp. 7 – 27.

_____. 1999a. *A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp.

_____. 1999b. Apresentação. *Cadernos Pagu* 13:7 – 10.

_____. 1999c. Velhice e o Curso da Vida Pós-Moderno. *Revista USP* 42:70 – 83.

_____. 2000. Terceira Idade e Solidariedade entre Gerações. In.: DEBERT, G. G. & GOLDSTEIN, Donna M (orgs.) *Políticas do Corpo e Curso da Vida*. São Paulo: Sumaré. pp. 301 – 317.

_____. 2004. A Cultura Adulta e a Juventude como Valor. *Kairós* 7(2):21 – 44.

DENZIN, Norman K. 1991. Reviewed Work: *The Sociology of Emotions: Original Essays and Research Papers*, by David Franks; E. Doyle McCarthy. *Contemporary Sociology* 20 (1). pp. 133 – 135.

DEVENS, Toby. 2008 [2006] *Minha Crise de Meia-Idade Favorita (até agora)*. Trad.: Maura Paoletti. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 392 p.

DUARTE, Luis F. D. & CARVALHO, Emilio N. 2005. Religião e Psicanálise no Brasil Contemporâneo: Novas e Velhas *Weltanschuungen*. *Revista de Antropologia* 48(2):473 – 500.

DUNCOMBE, Jean & MARSEN, Dennis. 1993. Love and intimacy: The Gender Division of Emotion and 'Emotion Work': A Neglected Aspect of Sociological Discussion of Heterosexual Relationships. *Sociology* 27(2): 221 – 241.

DURKHEIM, Emile. 1973 [1987]. O Suicídio Anômico. In.: DURKHEIM, E. *O Suicídio – Estudo de Sociologia.* Trad.: Luz Cary, Margarida Garrido e J.

Vasconcelos Esteves. Lisboa: Editora Presença/Martins Fontes. pp. 275 – 323.

EHRENREICH, Barbara & HOCHSCHILD, Arlie Russell. 2002. Introduction. In.: EHRENREICH, B. & HOCHSCHILD, A. R. (eds) *Global Woman: Nannies, Maids, and Sex Workers in the New Economy.* New York: Metropolitan Books. pp. 1 - 13.

EHRLICH, Robert. 1984. Book Review: Arlie Hochschild *The Managed Heart*. *Theory & Society* 13(5):731 – 736.

FEATHERSTONE, Mike. 1998. O Curso da Vida, Cultura e o Imaginário no Processo de Envelhecimento. Trad.: Deborah Stuchi. In.: DEBERT, Guita Grin (org.) *Antropologia e Velhice*. Textos Didáticos 13. 2ª ed. Campinas: IFCH/Unicamp. pp. 45 – 64.

FEATHERSTONE, Mike & HEPWORTH, Mike. 1998. The Male Menopause: Lay Accounts and the Cultural Reconstruction of Midlife. In.: NETTLETON, Sarah & WATSON, Jonathan. *The Body In Everyday Life*. Londres: Routledge. pp. 276 - 301.

_____. 2000. Envelhecimento, Tecnologia e o Curso da Vida Incorporado. Trad.: Giselle Grecco Ferreira. In.: DEBERT, Guita Grin & GOLDSTEIN, Donna M (orgs.) *Políticas do Corpo e Curso da Vida*. São Paulo: Sumaré. pp. 109 – 132.

FERGUSON, Will. 2003 [2002]. *Ser Feliz®*. 2ª ed. Trad.: Manoel Paulo Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras. 397 p.

FONTES, Mariana C. O., PEREIRA, Maria L. C. & PIMENTEL, Regina M. C. 1994. *Mulher 40 Graus á Sombra: Reflexões Sobre a Vida a partir dos 40 Anos*. 18ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva.

FOUCAULT, Michel. 1993 [1976]. *História da Sexualidade – Volume I: A Vontade de Saber*. Trad.: Maria Thereza da Costa Albuquerque & A. J. Guilhon Albuquerque. 11ª ed. Rio de Janeiro: Graal.

_____. 1994 [1984]. *História da Sexualidade – Volume II: O Uso dos Prazeres*. Trad.: Maria Thereza da Costa Albuquerque. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal. 152 p.

_____. 1985 [1984]. *História da Sexualidade – Volume III: O Cuidado de Si*. Trad.: Maria Thereza da Costa Albuquerque. 4ª ed. Rio de Janeiro: Graal.

_____. 2004 [1961]. *História da Loucura: na Idade Clássica*. Trad.: José Teixeira Coelho Neto. 7ª ed. São Paulo: Perspectiva. 551 p.

FRANCO, Andrea. 2008. *40 Sim! E Daí? Um Guia de Qualidade de Vida para as Mulheres Depois dos 40 Anos*. São Paulo: Idéia&Ação/Matrix. 221 p.

FRASER, Nancy. s/d [1986]. Que é Crítico na Teoria Crítica? O Argumento de Habermas e Gênero. Trad.: Nathanael da Costa Carneiro. In.: BENHABIB, Seyla & CORNELL, Drucilla (orgs) *Feminismo Como Crítica da Modernidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. pp. 38 – 65.

FRIJDA, Nico H. 2004. The Psychologists' Point of View. . In.: LEWIS, Michael & HAVILAND-JONES, Jeannette M. (eds) *Handbook of Emotions – Second Edition*. New York: Guilford Press. pp. 59 – 74.

GEERTZ, Clifford. 1989. [1973]. Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura. In.: *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: CLT. pp. 03 – 21.

GEERTZ, Clifford. 1999 [1974]. 'Do Ponto de Vista dos Nativos': A Natureza do Entendimento Antropológico. In.: GEERTZ, C. *O Saber Local: Novos Ensaios em Antropologia Interpretativa*. Trad.: Vera Mello Joselyne. 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes. pp. 85 – 107.

GIDDENS, Anthony. 1993 [1992]. *A Transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor & Erotismo nas Sociedades Modernas.* Trad.: Magda Lopes. São Paulo: Editora da Unesp.

_____. 2002 [1999]. *Modernidade e Identidade.* Trad.: Plínio Dentzein. Rio de Janeiro: Zahar Editor.

GOLDENBERG, Miriam. 2008. *Coroas: Corpo, Envelhecimento, Casamento e Infidelidade.* Rio de Janeiro, Record.

HALLET, Tim. 2003. Emotional Feedback and Amplification in Social Interaction. *The Sociology Quarterly* 44(4):705 – 726.

HARAVEN, Tamara K. 1999 [1995]. Novas Imagens do Envelhecimento e a Construção Social do Curso da Vida. Trad.: Plínio Dentzein. *Cadernos Pagu* 13:11 – 36.

HARRIS, Grace Gredys. 1989. Concepts of Individual, Self, and Person in Description and Analysis. *American Anthropologist* 91(3):599 – 612.

HAZLEDEN, Rebecca. 2003. Love Yourself: The Relationships of the Self with Itself in Popular Self-Help Books. *Journal of Sociology* 39(4):413 – 428.

_____. 2004. The Pathology of Love in Contemporary Relationship Manuals. *The Sociological Review* 2004: 201 – 217.

HOCHSCHILD, Arlie Russell. 1969. The Role of The Ambassador's Wife: An Explanatory Study. *Journal of Marriage and the Family* 31(1):73 – 87.

_____. 1979. Emotion Work, Feeling Rules, and Social Structure. *The American Journal of Sociology* 85(3):551 – 575.

_____. 1981. Review: Power, Status, and Emotion. *Contemporary Sociology* 10(1):73 – 77.

_____. 1983. Comment on Kemper's "Social Constructionist and Positivist Approaches to the Sociology of Emotions". *The American Journal of Sociology* 89(2): 432 – 434.

_____. 1989. Reply to Cas Wouter's Review Essay on *The Managed Heart*. *Culture, Theory & Society* 6(1):439 – 445.

_____. 1994. The Commercial Spirit of Intimate Life and the Abduction of Feminism: Signs from Women's Advice Books. *Theory, Culture & Society* 11:1 – 24.

_____. 2003a [1975]. *The Managed Heart: Commercialization of Human Feeling.* 2ª ed. Berkley: The University of California Press.

_____. 2003b. *The Commercialization of Intimate Life: Notes from Home and Work*. Berkley, Los Angeles & London: The University of California Press.

HOCHSCHILD, A. R. & TANAKA, Kazuko. 2003 [1997]. Light and Heavy: American and Japanese Advice Books for Women. In.: HOCHSCHILD, A. R. *The Commercialization of Intimate Life: Notes from Home and Work*. Berkley, Los Angeles & London: The University of California Press. pp. 58 – 72.

KARP, Ivan. 1986. Review: Agency and Social Theory: A Review of Anthony Giddens. *American Ethnologist* 13(1):131 – 137.

KEMPER, Theodore D. 1980. Sociology, Physiology, and Emotion: Comment on Shott. *The American Journal of Sociology* 85(6):1418 – 1423.

_____. 1989. Reply to Hochschild and Hunsaker. *The American Journal of Sociology* 85(2):440 – 443.

KUHN, Thomas S. 2003 [1962]. *A Estrutura das Revolucões Científicas.*Trad.: Beatriz Vianna Boeira & Nelson Boeira. 7ª ed. São Paulo: Perspectiva. 257 p.

LARSON, Jörgen & SANNE, Christer. 2005. Self-Help Books on Avoiding Time

Storartage. *Time & Society* 14(2/3):213 – 230.

LASH, Scott & URRY, John. 1994. Giddens: Self-Reflexivity in Modernity. In.: LASH, S. & URRY, J. *Economies of Signs and Space*. London, Thousand Oaks & New Delhi: Sage Publications. pp. 37 – 44.

LEMOS, Regina. 1996 [1994]. *Quarenta: A Idade da Loba*. 11ª ed. São Paulo: Globo. 320 p.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1996 [1949]. A Eficácia Simbólica. In.: LÉVI-STRAUSS, C. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. pp. 215 – 236.

LOCK, Margaret. 1993. *Encounters With Aging: Mythologies of Menopause in Japan and North America*. Berkley, Los Angeles & London: The University of California Press.

LUTZ, Catherine & WHITE, Geoffrey M. 1986. The Anthropology of Emotions. *Annual Review of Anthropology* 15:405 - 436.

MARDEGAN JR, Elyseu. 1994 [1993]. *A Idade do Lobo*. São Paulo: Mercuryo. 102 p.

_____. 1997. *Homem 40 Graus: A Hora do Lobo*. São Paulo: Mercuryo. 127 p.

MONTEIRO, Marko. 2001. Corpo e Masculinidade na Revista *Vip Exame. Cadernos Pagu* 16:235 – 266.

ORTNER, Sherry B. 1991. Resistance and Class Reproduction Among Middle Class Youth. Paper presented at the Panel Youth Subcultures and Styles: Status and Identity in Pre-Adulthood, AAA Meetings, Chicago. pp. 1 – 10.

PAIVA, Miguel. 2001. *Sentimento Masculino: Manual de Sobrevivência na Selva, 1ª Expedição*. Rio de Janeiro: Record.

PAPALINI, Vanina. 2009. Silenciar el Cuerpo: Paliativos para las Nuevas Modalidades de Relación y de Producción. XXVII Congreso Alas, Buenos Aires.

PISCITELLI, Adriana. 2008 – Prelo. Intersecionalidades, Categorias de Articulação e Experiências de Migrantes Brasileiras. *Sociedade & Cultura*. Goiânia: Universidade Federal de Goiânia. pp. 1 – 20.

QUEIROZ, Rosane. 2004. *Só: Dores e Delícias de Morar Sozinha*. São Paulo: Globo.

QUINN, Naomi. 2006. The Self. *Anthropological Theory* 6(3):362 - 384.

RABINOW, Paul. 1993. Cortando as Amarras: Fragmentação e Dignidade na Modernidade Hoje. Trad.: Heloisa Jahn. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. 23(8). São Paulo: ANPOCS. pp. 55 – 69.

REDDY, William M. 1997. Against Constructionism: The Historical Ethnography of Emotions. *Current Anthropology* 38(3):327 – 351.

REIS, Léa Maria Aarão. 1999. *50/60 Anos. Além da Idade do Lobo: A Vitalidade da Segunda Juventude*. Rio de Janeiro, Campus. 217 p.

ROSALDO, Michelle Z. 1984. Toward an Anthropology of Self and Feeling. In.: LeVINE, Robert & SHWEDER, Richard (eds.) *Culture Theory: Essays on Mind, Self, and Emotion*. Chicago: University of Chicago Press. pp. 137 – 157.

ROSE, Nikolas. 1996. Power and Subjectivity: Critical History and Psychology. In.: GRAUMANN, C. F. & GERGEN, K. J. (eds.) *Historical Dimensions of Psychological Discourse*. Cambridge: Cambridge University Press.

_____. 1998 [1989]. Governando a Alma: A Formação do Eu Privado. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva. In.: SILVA, Tomaz Tadeu (org.) *Liberdades Reguladas: A Pedagogia Construtivista e Outras Formas de Governo do Eu*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes. pp. 30 – 45.

_____. 2001. The Politics of Life Itself. *Theory, Culture & Society* 18(6):1 – 30.

RÜDIGER, Francisco. 1996 [1995]. *Literatura de Auto-Ajuda e Individualismo: Contribuição ao Estudo da Subjetividade na Cultura de Massa Contemporânea*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 295 p.

SALEM, Tania. 1992a. A 'Despossessão Subjetiva': Dos Paradoxos do Individualismo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 18(7). pp. 62 – 77.

_____. 1992b. *Manuais Modernos de Auto-Ajuda: Uma Análise Antropológica sobre a Noção de Pessoa e suas Perturbações*. Série Estudos em Saúde Coletiva 7. Rio de Janeiro: UERJ/IMS. 36 p.

SCHPUN, Mônica Raisa. 1997. O Amor na Literatura: Um Exercício de Compreensão Histórica. *Cadernos Pagu* 8/9:177 – 209.

SCHRAGER, Cynthia D. 1993. Questioning the Promise of Self-Help: a Reading of *Women Who Love Too Much*. *Feminist Studies* 19(1):177 – 192.

SEIDLER, Victor Jeleniewski. 2007. Masculinities, Bodies, and Emotional Life. *Men*

and Masculinities 10:9 – 21.

SENNETT, Richard. 2002 [1974]. *O Declínio do Homem Público: As Tiranias da Intimidade*. Trad.: Lygia Araujo Watanabe. 8ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras. 447 p.

SHOWALTER, Elaine. 2004 [1997]. *Histórias Histéricas: A Histeria e a Mídia Moderna*. Trad.: Heliete Vaitsman. Rio de Janeiro: Rocco. 293 p.

SIMMEL, Georg. 1971 [1908]. Group Expansion and the Development of Individuality. In.: LEVINE, Donald N. (org) *Georg Simmel – On Individuality and Social Forms – Selected Writings*. Chicago & Londres: The University of Chicago Press. pp. 251 – 293.

_____. 1976 [1902]. A Metrópole e a Vida Mental. In.: VELHO, Otávio Guilherme (org.) *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. pp. 13 – 28.

SHEEHY, Gail. 1980 [1974]. *Passagens: Crises Previsíveis da Vida Adulta*. Trad.: Donaldson M. Garschagen. 3ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

SHOTT, Susan. 1979. Emotion and Social Life: A Symbolic Interactionist Analysis. The American Journal of Sociology 84(6):1317 – 1334.

_____. 1980. Reply to Kemper. The American Journal of Sociology 85(6):1423 - 1426.

SLENES, Robert W. 1999. Esperanças e Recordações: Condições de Cativeiro, Cultura Centro-Africana e Estratégias Familiares. In.: SLENES, R. W. *Na Senzala, Uma Flor: Esperanças e Recordações na Formação da Família Escrava – Brasil, Sudeste, século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. pp. 131 – 197.

SOLOMON, Richard C. 2004. The Philosophy of Emotions. In.: LEWIS, Michael & HAVILAND-JONES, Jeannette M. (eds.) *Handbook of Emotions – Second Edition*. New York: Guilford Press. pp. 3 – 15.

STEARNS, Carol Z. 1992. Reviewed Work: *Research in the Sociology of Emotions*, by Theodore D. Kemper. *Contemporary Sociology* 21 (3). pp. 386 – 387.

STEINBERG, Ronnie J & FIGART, Deborah M. 1999. Emotional Labor Since *The Managed Heart*. *Annals of The American Academy of Political and Social Sciences* 561:8 – 26.

STRATHERN, Marilyn. 1991. Parentesco por Iniciativa: A Possibilidade de Escolha

dos Consumidores e as Novas Tecnologias da Reprodução. *Análise Social* XXVI (114):1011 – 1022.

_____. 1999. Entrevista: No Limite de uma Certa Linguagem. *Mana* 5(2):157 – 175.

TARDUCCI, Monica. 1999. Fundamentalismo y Relaciones de Género: 'Aires de la Familia' mas Allá de la Diversidad. *Ciências Sociais & Religião* 1(1):189 – 211.

THOITS, Peggy. 1989. The Sociology of Emotions. Annual Review of Sociology 15: 317 – 342.

TIBA, Içami. 2004. *Homem Cobra Mulher Polvo: Entenda as Diferenças e Seja Muito Mais Feliz*. 27ª ed. São Paulo: Editora Gente.

WEBER, Max. 2004 [1904 – 1905]. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Trad.: Vinicius Eduardo Alves. São Paulo: Centauro. 527 p.

WILSON, Nicholas Hoover & LANDE, Brian Jacob. 2005. Feeling Capitalism: A Conversation with Arlie Hochschild – Conducted 5 May 200 5. *Journal of Consumer Culture* 5:275 – 283.

WOUTERS, Cas. 1989a. Commentary: The Sociology of Emotions and Flight Attendants: Hochschild's *Managed Heart*. *Theory & Society* 6(1):95 – 123.

_____. 1989b. Response to Hochschild's Reply. *Culture, Theory & Society* 6(1):447 – 450.

ZELIZER, Viviana. 2005. *The Purchase of Intimacy*. Princeton & Oxford: The Princeton University Press.

ZIMMERMAN, Toni Schindler, HOLM, Kristen & HADDOCK, Shelley A. 2001. A Decade of Advice for Women and Men in the Best-Selling Self-Help Literature. *Family Relations* 50(2):122 – 133.